

CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

O MESTRE E MARGARIDA

Mikhail Bulgákov · 1967

O diabo chega à Moscou dos anos 1930, e um romance sobre Pôncio Pilatos decide o destino de um escritor e da mulher que o ama.

A OBRA

TÍTULO ORIGINAL	Мастер и Маргарита (Master i Margarita)
ESCRITA	1928 a 1940
PUBLICAÇÃO	1966 e 1967, com cortes; integral depois
GÊNERO	Romance satírico e fantástico
CENÁRIO	Moscou nos anos 1930 e a Jerusalém de Pôncio Pilatos
NARRADOR	Terceira pessoa, um narrador que fala com o leitor; o romance do mestre vem dentro do romance
PROTAGONISTAS	O mestre e Margarida

OS TRÊS PLANOS, QUE É O QUE A OBRA TEM DE ARQUITETURA

O romance corre em três planos que só se tocam no fim, e ler qualquer um deles isolado é o modo mais comum de perder o livro. O primeiro é a **Moscou dos anos 1930**, satírica, onde o diabo chega como professor estrangeiro de magia negra e a cidade não sabe reconhecê-lo, porque decidiu que ele não existe; o que o romance faz dela está reunido em Moscou. O segundo é **Yerushalaim**, quatro capítulos de romance dentro do romance, sem uma linha de humor, que narram o processo de Yeshua Ha-Notzri diante de Pôncio Pilatos. O terceiro é o **plano do além**, que se abre com o baile e decide o destino de todos.

A costura entre eles é uma só: o capítulo 1 termina com Woland começando a contar a manhã de Pilatos, e o capítulo 2 continua a história de onde ele parou. Só no capítulo 3, de volta a Moscou, ele afirma ter estado lá em pessoa. O que em Moscou é discussão literária sobre se Jesus existiu, em Yerushalaim é acontecimento.

“Eu presenciei tudo isso pessoalmente. Estive na varanda com Pôncio Pilatos, no jardim, quando ele conversou com Caifás, estive também no palanque, só que às escondidas, incógnito”

Primeira Parte, capítulo 3: A sétima prova

O QUE O LIVRO AFIRMA, E POR ONDE ELE SE DISCUTE

A tese moral da obra não está na boca de Woland, está na de Yeshua, e é desconfortável de tão simples: não existe gente má, existe gente infeliz. O romance passa quinhentas páginas testando essa frase contra denunciadores, burocratas, delatores e um procurador que manda matar.

“O mais resignado de todos era Yeshua.”

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

O contraponto vem do próprio diabo, e é o que impede o livro de ser piedoso: Woland não corrompe ninguém em Moscou, ele apenas dá a cada um o que a pessoa já queria, e a cidade se encarrega do resto. A frase dele sobre o problema habitacional é a mais citada do romance justamente porque isenta o sobrenatural e acusa o cotidiano.

“São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu...”

Primeira Parte, capítulo 12: Magia negra e sua revelação

O desfecho não dá ao mestre a luz, dá o refúgio, e a diferença entre as duas coisas é o ponto em que a crítica mais discorda. Quem lê o livro como redenção precisa explicar por que a recompensa é menor do que a que Yeshua alcança; quem o lê como derrota precisa explicar por que o texto a apresenta como dádiva, e não como castigo.

“Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

O elo do outro lado é o pacto fáustico, e o romance o declara na primeira página: a epígrafe vem de Fausto, e é Mefistófeles quem a diz.

“Sou parte da força que eternamente deseja o mal e eternamente faz o bem.”, epígrafe, atribuída no livro a Fausto, de Goethe

Primeira Parte, caps. 1-5 - A chegada de Woland e a morte de Berlioz

O Woland de Bulgákov é o que essa linhagem produz depois de passar pelo século XX: um Mefistófeles que não precisa tentar ninguém, porque a cidade já quer o que ele tem a oferecer.

ENREDO

Numa Moscou soviética dos anos 1930, um visitante misterioso desmonta as certezas de uma cidade que não acredita em nada além de si mesma, enquanto um romance sobre Pôncio Pilatos corre em paralelo, em Yerushalaim.

PRIMEIRA PARTE

Num fim de tarde quente, em Patriarchi Prudý, o editor Berlioz, presidente da associação literária Massolit, repreende o jovem poeta Ivan Bezdômny: o poema antirreligioso que lhe encomendou retrata um Jesus de traços negativos, quando o certo seria negar que ele tenha existido. Um estrangeiro elegante, que se apresenta como consultor, se junta a eles e conta, como testemunha ocular, a manhã em que o procurador Pôncio Pilatos recebeu para julgamento o prisioneiro Yeshua Ha-Notzri. Antes de a conversa acabar, prediz a morte de Berlioz. Minutos depois, Berlioz escorrega no óleo de girassol derramado por uma mulher, Ánnuchka, cai sob um bonde e é decapitado. Ivan persegue o estrangeiro, mas só consegue ser internado numa clínica psiquiátrica, onde um médico de cavanhaque pontudo o diagnostica sem ouvi-lo direito.

O estrangeiro é Woland, que se instala no apartamento 50 com a comitiva: o intérprete Korôviev, também chamado Fagot, o gato gigante Behemoth, o ruivo Azazello e a vampira Hella. Stiopa Likhodiêiev, diretor do Teatro de Variedades, acorda de ressaca e é lançado a alta. O presidente do condomínio, Nikanor Ivânovitch Bossôï, aceita um maço de Korôviev e é preso quando o dinheiro vira dólares. O diretor financeiro Rímski, atacado por vampiros, foge para Leningrado. Na sessão de magia negra, uma chuva de dinheiro cai sobre a plateia, Behemoth arranca a cabeça do mestre de cerimônias Bengálski, e Woland conclui que os moscovitas são gente como as outras, corrompida apenas pelo problema habitacional.

Na clínica, Ivan recebe à noite um visitante que entra pela varanda: o mestre, que se recusa a dizer o nome. Historiador, ganhou na loteria, largou o museu e escreveu um romance sobre Pilatos. Na primavera anterior, cruzou na rua com uma mulher de flores amarelas, e os dois se apaixonaram. Ela o chama de mestre, lê o manuscrito e o incentiva. O editor recusa o livro, críticos como Latunski o atacam e, em outubro, o mestre, doente de medo, queima o manuscrito no forno. A mulher salva só um maço de folhas chamuscadas. O vizinho Aloísi Mogarytch o denuncia para ficar com o apartamento, e o mestre acaba internado.

O romance de Pilatos avança até o Gólgota: sob calor insuportável, Yeshua morre entre Dismas e Gestas, e Mateus Levi, o único discípulo que se aproximou, amaldiçoa o céu e leva o corpo depois da tempestade.

SEGUNDA PARTE

Margarida Nikoláievna, trinta anos, casada com um marido rico e bom a quem não ama, vive de luto pelo mestre. Num banco junto ao muro do Kremlin, é abordada por Azazello, que cita o romance queimado e lhe dá um creme. À noite ela o passa, rejuvenesce, ganha o poder de voar, deixa um bilhete ao marido e parte numa vassoura. Sobrevoa Moscou e destrói o apartamento do crítico Latunski, o homem que arruinou o mestre.

No apartamento 50, Margarida é apresentada à comitiva e preside, como rainha, o grande baile de Satanás: recebe por três horas assassinos, envenenadoras e traidores mortos, que sobem por uma escada infinita. Entre eles está Frida, condenada a reencontrar toda manhã o lenço com que sufocou o filho. No fim, Woland recebe num prato a cabeça de Berlioz e a transforma em taça, e o barão Meigel, espião, é morto por Azazello. Woland oferece a Margarida um desejo. Ela pede primeiro por Frida, que é perdoada, e só então pelo mestre, que reaparece de roupão, assustado. Behemoth tira o romance intacto de baixo do próprio corpo, e os dois voltam ao porão onde tudo começou.

O fio de Pilatos se fecha com Judas de Kerioth: o procurador, insone, encarrega o chefe de sua guarda secreta, Afrânio, de zelar pela segurança de Judas, e é por meio dele que Judas é morto em Getsêmani, esfaqueado por homens que lhe tomam a bolsa de trinta tetradracmas. Em Moscou, uma comissão tenta reconstruir os fatos entre depoimentos contraditórios. Behemoth incendeia o apartamento 50 e escapa, e ele e Korôviev ainda ateiam fogo à loja Torgsin e à casa Griboiêdov.

Mateus Levi aparece diante de Woland e pede que leve o mestre e Margarida: ele não fez por merecer a luz, mas merece a tranquilidade. Azazello lhes entrega um vinho, e ambos caem. Ao se levantarem, o subsolo arde, e os dois montam cavalos pretos. Na clínica, o mestre se despede de Ivan, e o paciente do quarto 118, o próprio mestre, morre no mesmo instante. Nas colinas dos pardais, o mestre se despede de Moscou, e a comitiva parte. Na noite de lua, os disfarces caem, e chegam a uma planície onde Pilatos está sentado numa poltrona de pedra há quase dois mil anos, com o cão, sofrendo de insônia. Woland avisa que aquele com quem Pilatos quer conversar já intercedeu por ele, e o mestre, ao terminar o romance, o liberta: Pilatos corre pelo caminho lunar atrás do cão, ao encontro de Yeshua. O mestre e Margarida recebem uma casa com parreiras, música à noite e penas para escrever.

No Epílogo, Moscou atribui tudo a uma quadrilha de hipnotizadores. Ivan, agora professor, curado, volta toda lua cheia de primavera ao banco de Patriarchi Prudý e sonha com Pilatos e Yeshua, e com o mestre e Margarida.

RESUMO E ANÁLISE

PRIMEIRA PARTE • CAPÍTULO I: NUNCA FALEM COM ESTRANHOS

Berlioz, editor de revista e presidente do conselho da associação literária Massolit, e o jovem poeta **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** discutem, num entardecer quente em Patriarchi Prudý, o poema antirreligioso que Ivan escreveu por encomenda: Berlioz quer que o poeta pare de retratar um Jesus com traços negativos e passe a negar que ele tenha existido, citando Fílon de Alexandria e Flávio Josefo como historiadores que jamais o mencionaram.

É a tese que a cena inteira vai desmontar: o romance não refuta o ateísmo dos dois com um argumento, refuta com um fato que acontece.

Um estrangeiro de olhos desparelhados (um verde, um preto) senta-se ao lado deles, defende a sexta prova de Kant sobre a existência de Deus e assusta os dois ao perguntar, então, quem administra a vida humana, já que ninguém consegue nem garantir o próprio dia de amanhã.

A objeção que Berlioz prepara é a do bom senso, que o ser humano é mortal, e o estrangeiro a desmonta acrescentando um advérbio. “É, o ser humano é mortal, mas isso ainda seria só metade da desgraça. O ruim é que às vezes ele é mortal de repente, aí é que mora o perigo! E em geral ele não pode nem dizer o que fará na tarde de hoje.”

É a dobradiça do argumento inteiro do capítulo, e é o que faz dele uma cena de abertura tão citada fora do romance: a questão não é a mortalidade, que ninguém nega, é a impossibilidade de administrar o próprio prazo. Quem não pode responder pela própria tarde não governa coisa alguma, e é dessa brecha que sai a pergunta sobre quem administra a vida humana.

Um tijolo [...] não cai nunca sem mais nem menos na cabeça de ninguém. E eu lhe garanto que isso, particularmente, não o ameaça de jeito nenhum. O senhor morrerá de morte diferente

Perguntado por quem o mataria, o estrangeiro consulta signos invisíveis no ar e anuncia a sentença.

Vão cortar sua cabeça!

Para pensar: Por que o romance escolhe fazer a profecia mais exata da obra ser dita por um estrangeiro sem nome, a dois homens que acabaram de negar que exista qualquer poder além do humano?

O estrangeiro ainda prevê que a reunião da Massolit daquela noite não vai acontecer, porque uma tal Ánnuchka já derramou o óleo de girassol que vai fazer alguém escorregar.

Ánnuchka já comprou o óleo de girassol, e não só comprou como já o derramou. Não haverá reunião

Ivan desconfia que o estrangeiro seja um espião disfarçado, mas ele se apresenta com um cartão de visita, um passaporte e um convite para vir a Moscou como consultor, e Ivan só consegue ler a inicial do sobrenome, um "W". Perguntado sobre sua especialidade, o estrangeiro responde que é magia negra, contratado para decifrar manuscritos do necromante Gerbert D'Aurillac descobertos na

biblioteca estatal. No fecho do capítulo, chamando os dois para perto de si, ele muda de assunto sem aviso.

Saibam que Jesus existiu

E começa a narrar, como se tivesse estado lá, a manhã em que Pôncio Pilatos julgou um prisioneiro na Judeia.

Para pensar: Berlioz sustenta sua tese com historiadores, e o estrangeiro responde com previsões sobre a tarde que Berlioz ainda vai viver. O que cada modo de convencer exige de quem escuta, e qual dos dois o romance parece favorecer?

Para pensar: Quando o estrangeiro diz que o ser humano às vezes "é mortal de repente", o que ele acrescenta à objeção de que todo homem é mortal? Por que isso basta para recolocar a pergunta sobre quem governa a vida humana?

PRIMEIRA PARTE • CAPÍTULO 2: PÔNCIO PILATOS

O procurador da Judeia, Pôncio Pilatos, sofre de uma enxaqueca insuportável e odeia o cheiro de óleo de rosas que o persegue desde o amanhecer, na manhã em que recebe para julgamento o prisioneiro **Yeshua Ha-Notzri**, acusado de incitar o povo a destruir o templo de Yerushalaim. Yeshua o chama de "bom homem", e Pilatos manda o centurião Marcos, apelidado Mata-ratos, ensinar-lhe a chamá-lo de Hegemon, com um golpe de chicote que o derruba no chão.

No interrogatório, Yeshua explica que não pregou destruir o templo, e sim que o templo da velha crença ruirá e um novo templo da verdade se erguerá em seu lugar. Conta que um jovem chamado **Judas de Kerioth** o convidou à própria casa, tratou-o com hospitalidade e perguntou insistentemente sua opinião sobre o poder do Estado.

qualquer poder é uma violência contra as pessoas e que chegará o tempo em que não haverá mais o poder [...] O homem passará para o reino da verdade e da justiça, onde não haverá necessidade de poder algum

Foi por essa resposta que homens entraram e o prenderam. Pilatos entende, pela pergunta sobre Judas, que a acusação contra Yeshua nasceu de uma armadilha, e não de um crime, mas o registro escrito o incrimina de qualquer forma.

Yeshua também nomeia, sem hesitar, o que vê no próprio procurador.

A verdade, antes de tudo, é que a sua cabeça está doendo, e dói tão forte que você covardemente pensa na morte

E completa dizendo que Pilatos não tem ninguém a quem seja afeiçoado além do próprio cachorro, Banga, e que sua vida é sem graça. É a segunda vez no capítulo que o prisioneiro amarrado enxerga mais do que o juiz que o interroga.

Para pensar: O que muda no julgamento a partir do instante em que quem tem o poder sobre a vida do outro é também quem recebe dele o diagnóstico mais exato que já ouviu?

Perguntado por que chama todo mundo de "boas pessoas", inclusive o centurião que acabara de chicoteá-lo, Yeshua responde com a frase que o romance inteiro vai pôr à prova. "Não existem pessoas maldosas no mundo."

Convencido de que Yeshua é apenas um filósofo vadio e doente mental, sem ligação com as desordens de Yerushalaim, Pilatos formula mentalmente a sentença mais branda possível, a prisão em Cesareia, mas dois fatos a impedem: o processo registra uma fala de Yeshua contra o poder de César, que soa como traição, e a tradição da Páscoa obriga a soltar um preso, e o sumo sacerdote Caifás, por três vezes, escolhe soltar o bandido Bar-Raban, não Yeshua.

Você há de convir que, decerto, só poderá cortar o fio aquele que o pendurou, não é mesmo?

Yeshua responde assim quando Pilatos ameaça sua vida, e é a mesma serenidade com que garante, mais adiante, que o reino da verdade virá. Pilatos grita a resposta contrária, réplica e negação ao mesmo tempo.

Ele nunca virá!

Diante da multidão reunida na praça, Pilatos confirma a sentença de morte de Yeshua Ha-Notzri, Dismas e Gestas, e anuncia que Bar-Raban é o liberado. São aproximadamente dez horas da manhã.

Para pensar: Yeshua afirma que "Não existem pessoas maldosas no mundo" depois de ter sido golpeado pelo centurião Marcos Mata-ratos. Essa convicção é força, ingenuidade ou outra coisa, e o que o próprio capítulo oferece como argumento a favor ou contra ela?

Para pensar: Pilatos conclui que Yeshua é apenas um filósofo inofensivo e, mesmo assim, confirma a sentença de morte diante da multidão. Que forças o capítulo mostra pesando sobre essa decisão, e quanto Pilatos poderia ter escolhido de outro modo?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 3: A SÉTIMA PROVA

De volta a Patriarchi, já noite, o estrangeiro termina de narrar a cena de Pôncio Pilatos com a mesma frase que a fechou.

É, eram aproximadamente dez horas da manhã, respeitável Ivan Nikoláievitch

Berlioz e Ivan Nikoláievitch Bezdômny concluem que o homem é louco (a menção a um café da manhã com Kant, morto havia mais de cem anos, e a história de Pôncio Pilatos contada como testemunha ocular não deixam outra explicação à mão). O estrangeiro confirma, cochichando, que presenciou tudo pessoalmente.

Eu presenciei tudo isso pessoalmente. Estive na varanda com Pôncio Pilatos, no jardim, quando ele conversou com Caifás, estive também no palanque, só que às escondidas, incógnito

Berlioz decide telefonar para o departamento de estrangeiros e denunciar o "consultor" como um caso de saúde mental. Quando Berlioz já corre para o telefone, o estrangeiro grita atrás dele que pode mandar um telegrama ao tio de Berlioz em Kiev, informação que nenhum jornal jamais publicou, o que planta em Berlioz a primeira dúvida real sobre quem é aquele homem. No caminho até o telefone, Berlioz escorrega exatamente onde Ánnuchka derramara o óleo de girassol, cai sob um bonde e é decapitado.

Era a cabeça decepada de Berlioz

Para pensar: A profecia foi cumprida ou foi armada? O texto nunca resolve a pergunta, e é a ambiguidade, não a resposta, que sustenta o capítulo seguinte.

Para pensar: O estrangeiro pede que Berlioz acredite "pelo menos que o diabo existe" e diz que a sétima prova será apresentada "agora mesmo". Em que sentido um acontecimento pode funcionar como prova, e por que o romance prefere esse tipo de prova a um argumento?

Para pensar: Berlioz e Ivan concluem que o estrangeiro é louco, e até o detalhe sobre o tio de Berlioz em Kiev, que nenhum jornal publicou, só planta uma primeira dúvida em Berlioz. O que, no modo de pensar dos dois, torna a explicação da loucura mais confortável do que a de que ele diz a verdade?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 4: A PERSEGUIÇÃO

Ivan Nikoláievitch Bezdômny, ainda no banco, vê a cena e enlouquece de horror. Ao ouvir uma mulher gritar o nome de Ánnuchka, encadeia o óleo derramado, a mulher que cortaria a cabeça de Berlioz (ver *A cabeça de Berlioz*) e a condutora do bonde, e conclui que o estrangeiro sabia de tudo com antecedência.

Não restava sombra de dúvida de que o misterioso consultor sabia com antecedência de toda a cena da terrível morte de Berlioz.

Corre atrás dele e descobre que agora o acompanham mais dois: um sujeito de roupa xadrez, pincenê rachado, que se apresenta como um ex-regente de coral, e um gato preto enorme que anda nas patas traseiras e tenta pagar a passagem do bonde com uma moeda.

É a primeira vez que o cômico puro entra na obra, e entra colado à cena mais violenta do livro até aqui: o mesmo capítulo que começa com a cabeça decepada de Berlioz mostra, poucas páginas depois, um gato tentando pagar o bonde.

Ivan persegue os três por Moscou, invade um apartamento à procura do professor, assusta uma mulher no banho e sai de lá com uma vela e um ícone de papel, na crença confusa de que precisará deles. Perde o rastro, decide (sem saber por quê) que o professor está no rio Moscou, mergulha, e quando sai da água descobre que roubaram sua roupa e a carteirinha da Massolit, restando-lhe apenas ceroulas listradas. Decide ir a pé, seminu, até a sede da Massolit, a casa Griboiêdov, convencido de que o encontrará lá.

Para pensar: A cabeça decepada de Berlioz é seguida, no mesmo capítulo, por um gato que tenta pagar a passagem do bonde. O que o riso faz com o horror da cena anterior, e o que se ganha ou se perde ao misturar os dois?

Para pensar: Ivan persegue o estrangeiro por Moscou, mergulha no rio e acaba seminu, de ceroulas, com uma vela e um ícone de papel. O que o capítulo sugere sobre a distância entre perseguir uma verdade e parecer louco ao persegui-la?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 5: ACONTECEU NA GRIBOIÊDOV

A casa Griboiêdov é a sede da Massolit, dividida entre escritórios que administram os privilégios da associação (viagens, casas de veraneio, licenças criativas) e um restaurante considerado o melhor de Moscou. O narrador se demora no efeito que isso produz em quem chega de fora, e o objeto que concentra o privilégio é uma carteirinha.

logo compreendia como era boa a vida dos felizardos membros da Massolit e logo começava a se morder de inveja, atormentado. E logo dirigia queixas amargas aos céus por não tê-lo premiado, ao nascer, com o talento literário, sem o qual, naturalmente, não podia nem sonhar em ser dono de uma carteirinha de membro da Massolit, cor de café, que cheira a couro caro e tem um largo debrum dourado

A ironia está no que o narrador finge admitir: o privilégio seria prêmio do talento literário. O romance já mostrou que a Massolit não distribui nada por talento, e é justamente por isso que a inveja do visitante é a reação exata, e não a mesquinha que ele acha que é. O que se inveja ali não é a obra de ninguém, é a carteirinha. Doze escritores esperam Berlioz para uma reunião marcada às dez, sem saber que ele já está morto sobre uma mesa de necrotério; quando a notícia chega ao restaurante do andar de baixo, a orquestra de jazz silencia e se dispersa, o substituto Jeldýbin chega do necrotério e se instala no gabinete do morto, e o restaurante volta à sua noite normal.

A sátira do capítulo está na proporção: a notícia da morte de Berlioz interrompe a dança por poucos minutos, e depois "estamos vivos, ora!" volta a valer mais do que o luto.

É nesse restaurante que Ivan Nikoláievitch Bezdômny aparece, descalço, de ceroulas, com a vela acesa e o ícone de papel preso no peito, gritando que o assassino de Berlioz está à solta e precisa ser detido antes que cause mais desgraças.

Ele apareceu! Vocês têm que apanhá-lo logo, do contrário ele causará desgraças indescritíveis!

Tentando lembrar o sobrenome do estrangeiro, Ivan só consegue recordar a inicial.

W, w, w... Wa... Wo... Washner? Wagner? Weiner? Wegner? Winter?

Ninguém o leva a sério; um colega tenta acalmá-lo chamando-o de "camarada Bezdômny" e Ivan responde com um tapa. A confusão termina com garçons amarrando-o com toalhas e a polícia o

levando para o hospital psiquiátrico, o mesmo lugar para onde, capítulos adiante, será levado quem tentar contar a verdade sobre aquela noite.

Para pensar: O narrador descreve a inveja do visitante como se a carteirinha da Massolit fosse prêmio de talento literário. Por que o romance fala com essa pose de ingenuidade, e o que ela permite dizer sobre a associação?

Para pensar: A notícia da morte de Berlioz faz a banda de jazz silenciar, mas logo "estamos vivos, ora!" passa a valer mais do que o luto, e o restaurante volta à sua noite normal. O que essa rapidez diz sobre a Massolit, e como o narrador espera que o leitor reaja?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 6: ESQUIZOFRENIA, COMO FOI DITO

Madrugada adentro, um médico de plantão, de cavanhaque pontudo (ver [A clínica de Stravinski](#)) interroga [Ivan Nikoláievitch Bezdômny](#) na clínica psiquiátrica para onde foi trazido amarrado, e a cada resposta (o ícone pendurado no peito, a vela acesa, a perseguição de ceroulas) confirma o diagnóstico que já trazia pronto antes de ouvir a primeira palavra.

Excitação motora e verbal... interpretações delirantes... um caso complexo, pelo visto... Esquizofrenia, deve-se supor. E, ainda por cima, o alcoolismo...

O poeta Riúkhin, que ajudou a trazer Ivan até ali, volta sozinho de caminhão para Moscou remoendo os xingamentos que o amigo jogou nele minutos antes, e percebe que o que o atormenta não é a grosseria, é a exatidão.

O problema não é que sejam ofensivas, e sim que encerram a verdade.

Passando diante da estátua de Púchkin, Riúkhin se convence de que a própria carreira de poeta nunca vai dar em nada, porque não acredita no que escreve.

A glória nunca chegará àquele que escreve poemas ruins. E por que são ruins? A verdade, ele disse a verdade! [...] Não acredito em uma palavra do que escrevo...

Para pensar: O médico pergunta a Ivan pela vela e pelo ícone e depois diz a Riúkhin que se trata de esquizofrenia, com alcoolismo por cima. O que a cena mostra sobre o que acontece com quem conta uma verdade impossível a quem só sabe escutar por sintomas?

Para pensar: Riúkhin conclui que as ofensas de Ivan o atormentam porque "encerram a verdade". Por que a verdade pesa mais do que a grosseria, e o que o capítulo faz com a ideia de que um poeta pode escrever versos em que não acredita?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 7: UM APARTAMENTO SINISTRO

Stiôpa Likhodiêiev acorda de ressaca profunda no apartamento 50 (ver [O apartamento 50](#)), que já tinha fama de sinistro antes dele (moradores anteriores somem sem deixar rastro), e encontra

sentado ao lado da própria cama um estranho de boina preta que afirma ter fechado com ele, na véspera, um contrato de sete apresentações no Teatro de Variedades. O estranho se apresenta.

Mestre em magia negra, Woland

O contrato está assinado de próprio punho, o dinheiro já foi liberado, e Stiôpa não lembra de nada disso. Quando vai telefonar, vê no espelho um homem alto de pincenê quebrado e um gato preto enorme, e a comitiva completa (**Korôviev**, **Behemoth**, **Azazello**) se materializa no quarto para decretar que Stiôpa está sobrando naquele apartamento. Ele desmaia e acorda sentado num dique, sem entender como chegou ali, e pergunta a um desconhecido que cidade é aquela.

Ialta, ora...

Para pensar: Stiôpa acorda de ressaca e encontra um estranho que lhe mostra um contrato com a assinatura dele. De que modo a ressaca, que parecia explicar tudo, deixa de servir como explicação à medida que o capítulo avança?

Para pensar: Stiôpa desmaia no apartamento e acorda num dique, e a única resposta que recebe sobre onde está é "Ialta, ora...". Por que o romance leva o personagem a uma cidade distante em vez de simplesmente fazê-lo desaparecer, e o que isso faz com a lógica de quem tentar explicar o caso?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 8: O DUELO ENTRE O PROFESSOR E O POETA

De volta à clínica, **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** tenta convencer o doutor Stravinski (ver **A clínica de Stravinski**) de que viu um estrangeiro que sabia da morte de **Berlioz** de antemão e conhecera Pôncio Pilatos pessoalmente. Stravinski nunca contesta a história de frente: oferece a alta se Ivan apenas disser que é normal e, quando Ivan o diz, percorre com ele, ação por ação, tudo o que fez na véspera (o ícone, a queda da cerca, a vela, o tapa no restaurante, o pedido de metralhadoras) e pergunta se é assim que se prende um criminoso. Diante da lógica encadeada, Ivan entende que, solto, iria de ceroulas à polícia falar de Pôncio Pilatos e voltaria ao mesmo quarto, e aceita ficar: o doutor lhe propõe pôr no papel as suspeitas contra o estrangeiro, com a condição de pensar menos em Pôncio Pilatos.

Aqui o ajudarão... está me ouvindo?... Aqui o ajudarão... O senhor se sentirá aliviado. É silencioso e tranquilo aqui... Aqui o ajudarão...

A concordância de Ivan vem pensada e dita com firmeza, sinal de quanto a lógica do doutor já tinha vencido antes da pergunta ser feita. “Eu sou normal.”

Para pensar: Stravinski nunca contradiz a história de Ivan: percorre com ele, ação por ação, o que fez na véspera e pergunta se é possível prender alguém agindo assim. Por que esse método convence Ivan mais do que uma discussão sobre Pilatos convenceria, e o que Ivan ganha e perde ao aceitar?

Para pensar: Ivan responde "Eu sou normal" com firmeza e, pouco depois, aceita ficar na clínica. O que a sequência dessas duas decisões sugere sobre a relação entre ser normal e ser acreditado?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 9: TRUQUES DE KORÔVIEV

Nikanor Ivânovitch Bossôï, presidente da associação de moradores do prédio, é assediado por trinta e duas reclamações de vizinhos querendo os cômodos vagos de Berlioz. Ao entrar no apartamento lacrado para verificar, encontra Korôviev sentado à mesa do finado, que se apresenta como intérprete de Woland e propõe alugar o apartamento inteiro por uma semana.

O que significa ser representante oficial ou não oficial? Tudo isso depende de que ponto de vista você olha para o objeto. Tudo isso, Nikanor Ivânovitch, é relativo e instável.

Korôviev empurra o preço para cima, redige o contrato, entrega um recibo em rublos e, por baixo da mesa, um maço extra que Nikanor Ivânovitch esconde no duto de ventilação do próprio banheiro. Minutos depois, uma denúncia anônima (do próprio Korôviev, por telefone) leva a polícia até lá: o maço virou dólares (ver *O dinheiro estrangeiro*), e Nikanor Ivânovitch é preso por especulação cambial que nunca praticou.

Para pensar: Korôviev responde às dúvidas de Nikanor Ivânovitch sobre quem representa quem dizendo que tudo "é relativo e instável". Por que essa frase serve tão bem para convencer o presidente da associação de moradores a aceitar o que lhe propõem?

Para pensar: Nikanor Ivânovitch é preso por dólares que aparecem no duto de ventilação do próprio banheiro, depois de ele ter aceitado um maço de dinheiro de Korôviev. A punição é injusta ou exata, e em que ela acerta ou erra quanto ao que ele de fato fez?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 10: NOTÍCIAS DE IALTA

No Teatro de Variedades, o diretor financeiro Rímski e o administrador Variênukha tentam localizar Stiôpa, que sumiu depois de prometer voltar em meia hora, enquanto telegramas cada vez mais delirantes chegam de Ialta assinados por ele, pedindo confirmação de identidade e dizendo ter sido largado ali sob hipnose de Woland. A letra bate com a de Stiôpa, mas a distância entre Moscou e Ialta torna a história logicamente impossível, e os dois nunca chegam a uma explicação. Instruído por telefone a não levar os telegramas à polícia, Variênukha ignora o aviso e é arrastado por Azazello e Behemoth até o próprio apartamento 50 (ver *O apartamento 50*), onde uma jovem ruiva o intercepta no vestibulo. É Hella, ainda sem nome nesta parte, e é ela quem fecha o capítulo.

Deixe eu lhe dar um beijinho

Para pensar: Os telegramas de Ialta têm a letra de Stiôpa, mas a distância entre Moscou e Ialta torna a história impossível, e Rímski e Variênukha não chegam a uma explicação que resista. O que o capítulo mostra sobre como funcionários razoáveis lidam com o que não cabe em nenhum regulamento?

Para pensar: O capítulo termina com a fala da moça ruiva, "Deixe eu lhe dar um beijinho", e com o desmaio de Variênukha antes de o beijo acontecer. Por que o narrador interrompe a cena nesse ponto, e o

que isso faz com o medo e com a comédia?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO II: A DUPLICAÇÃO DE IVAN

Durante uma tempestade, Ivan Nikoláievitch Bezdômny desiste de escrever a denúncia à polícia (cada versão emperra na mesma dificuldade: como falar de Berlioz, "o falecido", como se ele ainda fosse sujeito de uma frase) e chora entre as folhas espalhadas pelo chão; o médico lhe aplica uma injeção no braço e, passada a tempestade, ele se acalma. À noite, deitado, trava consigo mesmo um debate em voz alta, dividido entre o Ivan de ontem, que quer capturar o consultor, e um Ivan novo, mais cínico, para quem a morte de um editor não muda nada no mundo. Quando o novo Ivan pergunta, com escárnio, quem ele é nesse caso, quem responde não é nenhum dos dois.

Um idiota!

A voz que resolve a disputa é grave, alheia aos dois Ivans, e soa exatamente como a do consultor: o próprio julgamento sobre si mesmo já não pertence mais só a ele. Ivan sorri e quase adormece quando, sem fazer barulho, a grade da varanda se move e surge uma figura que, com o dedo nos lábios, pede silêncio: "Shh!". A cena fecha o capítulo ali, e o visitante só se apresenta no seguinte.

Para pensar: Ivan desiste da denúncia porque cada versão tropeça na palavra "falecido" aplicada a Berlioz. O que essa dificuldade revela sobre a distância entre saber que algo aconteceu e conseguir dizê-lo na linguagem oficial?

Para pensar: Quando o novo Ivan pergunta ao antigo "quem sou eu nesse caso", quem responde é uma voz que não pertence a nenhum dos dois. Por que a resposta vem de fora de Ivan, e o que isso diz sobre a mudança que ele atravessa?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 12: MAGIA NEGRA E SUA REVELAÇÃO

No Teatro de Variedades, Woland, Korôviev (que se apresenta também como Fagot) e Behemoth abrem a sessão com Woland perguntando a Fagot se os moscovitas mudaram por dentro, não por fora. Uma chuva de dinheiro cai da cúpula sobre o público, que se atropela para catar as notas; o mestre de cerimônias Bengálski tenta racionalizar o número como "hipnose em massa" e tem a cabeça arrancada pelo próprio Behemoth, devolvida ilesa só depois que a plateia, comovida, pede perdão por ele. Diante dos pedidos de perdão, antes de mandar devolver a cabeça, Woland pronuncia o veredito que resume toda a noite.

São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu...

A dor cômica do mestre de cerimônias, gritando pela própria cabeça decepada e devolvida, é o contraponto físico ao veredito de Woland: a plateia que acabou de pedir clemência é a mesma que, minutos antes, brigava pelas notas caindo do teto. “Minha cabeça, minha cabeça!”

Uma loja de vestidos parisienses se abre no palco e some minutos depois, e o capítulo termina expondo publicamente o adultério do presidente da Comissão de Acústica, Sempleiárov, revelado por Fagot diante da esposa e de uma jovem parente distante dele: cada truque de mágica desta parte é, no fundo, uma forma de fazer alguém confessar o que já fazia antes de Woland chegar à cidade.

Para pensar: Depois de ver o público disputar as cédulas que caem do teto e depois pedir clemência por Bengálski, Woland conclui que são "pessoas como outras quaisquer", corrompidas pelo problema habitacional. Esse veredito é brando ou cruel, e o que ele deixa de lado?

Para pensar: Bengálski explica o dinheiro caindo do teto como "hipnose em massa", e Fagot responde que as cédulas são verdadeiras e que aquilo é "mentira deslavada". Por que o romance castiga com tanta violência quem tenta dar uma explicação racional ao que todos acabaram de ver?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 13: SURGE O HERÓI

Um homem descalço, de roupão de paciente, entra à noite pela varanda do quarto de **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** no hospício e se apresenta aos poucos: ao saber que Ivan está ali por causa de Pôncio Pilatos, pede que ele lhe conte tudo o que aconteceu em Patriarchi Prudý. Ouve o relato inteiro com um interesse cada vez mais próximo do êxtase, reconhece no consultor descrito **Woland** e, ao final, confirma o que Ivan ainda resiste a aceitar.

Ontem, em Patriarchi Prudý, o senhor se encontrou com Satanás.

Perguntado por quem é, o visitante recusa o próprio nome ("renunciei a tudo na vida") e se apresenta só pela profissão.

Sou um mestre.

Para pensar: O mestre passa o capítulo inteiro recusando o nome próprio, mas aceita sem hesitar o título que a amada lhe deu. O que isso diz sobre o que ele ainda considera seu, depois de perder tudo o mais?

Ele então narra a própria vida: historiador e tradutor, ganhou cem mil rublos numa bonificação de loteria, largou o museu, alugou dois cômodos no subsolo de um palacete perto da Arbat e passou a escrever, isolado e feliz, um romance sobre Pôncio Pilatos. Numa tarde de maio, na rua, cruzou com uma mulher desconhecida que levava flores amarelas.

Ela levava nas mãos flores abomináveis, de um amarelo inquietante.

Os dois se apaixonam na mesma hora, sem nunca terem se visto antes.

O amor surgiu diante de nós, como um assassino que surge do nada em uma travessa, e nos acertou em cheio.

Ela, casada com outro homem que nunca aparece na cena, passa a visitá-lo todos os dias, lê os manuscritos, incentiva-o e é quem começa a chamá-lo de mestre. O romance é concluído em agosto, mas o editor recusa publicá-lo sem antes submetê-lo a outros membros do conselho, e a resposta final, semanas depois, é negativa. Uma onda de artigos hostis assinados pelos críticos Ariman e **Latunski** e pelo literato Mstislav Lavrôvitch ataca o livro como apologia de Cristo e cunha contra ele a expressão "pilatismo". O mestre adoece de medo (chega a temer o escuro) e, numa noite de outubro, sozinho, queima o manuscrito (ver **O manuscrito**) no forno.

É muito difícil fazer isso, porque o papel escrito queima a contragosto.

Antes da queima, entre os artigos, o mestre separa como o pior o de Latunski, intitulado "Um militante do velho credo".

Garanto ao senhor que as obras de Ariman e Lavrôvitch não passavam de brincadeira em comparação com o que fora escrito por Latunski.

A amada chega correndo bem a tempo de salvar do fogo apenas um maço de folhas já queimadas e promete se libertar do marido para ficar com ele de vez.

Vou salvá-lo, vou salvá-lo. O que significa tudo isso?

O mestre recusa a oferta, doente e com medo de arrastá-la consigo, e ela promete voltar de manhã; quinze minutos depois de ela sair, batem à janela do subsolo, e o que veio a seguir ele só sussurra ao ouvido de Ivan. Em meados de janeiro, de noite, volta ao pátio de sobretudo sem botões, ouve um gramofone tocar nos cômodos que eram seus e atravessa a cidade a pé até a clínica de Stravinski (ver **A clínica de Stravinski**), onde está há quatro meses. Ivan sugere que escreva à amada, e ele responde que não a faria infeliz com uma carta de hospício: por isso não a procura.

O capítulo termina exatamente onde o **capítulo 1** tinha começado: Ivan finalmente ouve confirmado, por dentro do próprio hospício, aquilo que ninguém em Moscou quis acreditar quando ele mesmo tentou contar.

Para pensar: O mestre diz que o amor surgiu diante dele e da amada "como um assassino que surge do nada em uma travessa". Que imagem do amor essa comparação propõe, e como ela combina com o que o mestre conta em seguida sobre os dois?

Para pensar: O mestre queima o romance depois dos artigos hostis e observa que "o papel escrito queima a contragosto". O que o capítulo deixa claro sobre o motivo de ele ter destruído o livro: a crítica, o medo ou outra coisa?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 14: GLÓRIA AO GALO!

No Teatro de Variedades, o diretor financeiro Rímski, já abalado pelo escândalo da sessão de mágica, recebe um telefonema anônimo que o ameaça.

Não ligue para ninguém, Rímski, será pior...

Pouco depois entra Variênukha, o administrador que fora enviado a levar às autoridades os telegramas de Stiôpa Likhodiêiev, contando uma história cheia de detalhes sobre bebedeiras em Púchkino que soa cada vez mais falsa. Rímski repara que a poltrona de Variênukha não projeta a sombra de sua cabeça no chão e entende que está diante de algo que já não é humano. Uma jovem de cabelos ruivos (a mesma descrição de **Hella**, que aparece nomeada só nos capítulos seguintes) força a janela do jardim e entra, com manchas de decomposição visíveis no corpo, enquanto Variênukha tranca a porta para impedir a fuga de Rímski. Os dois só recuam quando um galo canta pela primeira vez no jardim vizinho.

O galo, com a voz treinada, cocoricava anunciando que o dia se aproximava de Moscou vindo do leste.

Ao terceiro cocoricar, a vampira vai embora e Variênukha voa pela janela atrás dela. Rímski, envelhecido de susto numa única noite, foge do teatro, suborna um motorista de táxi e pega o primeiro trem para Leningrado.

O canto do galo como limite que as forças da escuridão não ultrapassam é motivo de folclore eslavo e cristão anterior ao romance, não invenção de Bulgákov: associa-se ao anúncio do amanhecer que dissolve espectros e aparições noturnas.

Para pensar: Quanto mais vivos os detalhes que Variênukha acrescenta à história de Púchkino, menos Rímski acredita nela. O que esse mecanismo diz sobre a relação entre detalhe e verdade, e por que o romance o usa para fazer nascer o medo de Rímski?

Para pensar: Rímski só escapa porque um galo canta, e depois foge de trem para Leningrado. O que o capítulo diz sobre o papel do acaso e da ordem natural diante das forças que o romance pôs em cena?

PRIMEIRA PARTE • CAPÍTULO 15: O SONHO DE NIKANOR IVÂNOVITCH

Antes do sonho, no interrogatório, **Nikanor Ivânovitch Bossô**i admite ter aceitado o maço de **Korôviev**, mas jura que era em rublos e nega ter tocado em moeda estrangeira (ver **O dinheiro estrangeiro**).

Aceitei o dinheiro! Aceitei sim, só que era dinheiro nosso, soviético!

Nikanor Ivânovitch Bossô*i*, o presidente do comitê predial preso pelos dólares em que se transformou o maço de rublos recebido de Korôviev (episódio do **capítulo 9**), sonha, já sedado na clínica de Stravinski (ver **A clínica de Stravinski**), que é convidado a subir ao palco de um teatro onde um animador cordial pede, a plenos pulmões, que a plateia inteira de moscovitas entregue o dinheiro estrangeiro escondido em casa.

Seja bem-vindo, Nikanor Ivânovitch! Entregue o dinheiro estrangeiro!

No palco do sonho ele mantém a versão do interrogatório: jura que não tem moeda estrangeira e atribui os dólares do banheiro ao tradutor de roupa xadrez.

Isso mesmo, não tenho

Um espectador, Kanávkín, confessa ter mil dólares escondidos na casa da tia e é aplaudido como herói; outro, Duntchil, nega até ser confrontado com a própria amante, que entrega o esconderijo por ele. O animador comenta, irônico, o que ninguém no sonho consegue admitir.

Uma criança, uma carta anônima, um panfleto, uma bomba-relógio e sabe-se lá o que mais, mas ninguém se desfaria de quatrocentos dólares

A cena satiriza uma política real da URSS do final dos anos 1920 e início dos 1930: campanhas de confisco de ouro e moeda estrangeira, sustentadas por delação e prisão, que forçavam cidadãos comuns a "confessar" reservas guardadas em casa.

Nikanor acorda gritando que não tem nada, e o alarme de seu pesadelo se propaga pelos quartos vizinhos, entre eles o do mestre e o de **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**, que volta a adormecer já sonhando com o Gólgota.

Para pensar: No sonho de Nikanor, o animador pede que a plateia entregue o dinheiro estrangeiro: quem confessa é aplaudido, e quem nega é desmentido pela própria amante. Que retrato de uma sociedade essa cena compõe, e por que o romance o mostra em sonho?

Para pensar: Nikanor admite ter aceitado o maço, mas insiste que era "dinheiro nosso, soviético". Por que essa distinção lhe parece suficiente para se declarar inocente, e o que o capítulo faz com ela?

PRIMEIRA PARTE • CAPÍTULO 16: A EXECUÇÃO

No monte Gólgota, sob calor insuportável, três condenados aguardam a morte em suas cruzes: Dismas, Gestas e **Yeshua Ha-Notzri**. Um cerco duplo de soldados romanos afasta os curiosos, e apenas um homem, **Mateus Levi**, permanece próximo, sentado numa pedra, sem coragem nem meios para agir.

O mais resignado de todos era Yeshua.

Levi chegara tarde demais: tentara romper o cerco para matar Yeshua com uma faca roubada e assim livrá-lo do sofrimento, mas os soldados já o cercavam por completo. Furioso com o próprio atraso e com o silêncio do céu diante da agonia de Yeshua, ele amaldiçoa a Deus abertamente.

Tu és um deus negro! Eu te amaldiçoo, deus dos bandidos, protetor e alma deles!

Para pensar: A maldição de Levi é dirigida a um Deus silencioso, mas o próprio romance já mostrou, capítulos antes, um poder que interfere diretamente no mundo. A quem, de fato, Levi deveria endereçar sua fúria?

Uma tempestade se forma no horizonte e o comandante ordena aos carrascos que abreviem o sofrimento com uma lançada no coração de cada condenado, anunciada pela mesma fórmula ritual repetida três vezes.

Dê glória ao generoso Hegemon!

A última palavra de Yeshua, ao ser atingido, não é dirigida a Deus, mas ao título que Pôncio Pilatos o obrigara a usar no interrogatório do **capítulo 2**.

Hegemon...

Quando a tempestade dispersa os soldados, Levi sobe sozinho ao monte, corta as cordas dos três corpos e desaparece com o de Yeshua antes que alguém volte a procurá-los.

A revolta de Levi contra o silêncio divino diante do sofrimento inocente ecoa, num registro bem mais seco, a revolta de Ivã Fiódorovitch em A Revolta, de Os Irmãos Karamazov: aqui não há teoria sobre lágrimas de criança, só um homem sozinho, tarde demais, gritando para um céu que não responde.

Para pensar: O narrador diz que "O mais resignado de todos era Yeshua", entre os três homens nas cruzes. Por que o texto descreve a resignação dele em vez de apenas o sofrimento, e o que isso muda na leitura da cena?

Para pensar: Levi chega tarde demais e amaldiçoa Deus como "deus dos bandidos". Por que ele escolhe essa acusação, e o que a raiva dele diz sobre o que esperava de Deus?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 17: O DIA INTRANQUILO

No dia seguinte à sessão, uma fila de um quilômetro se forma diante do Teatro de Variedades, mas Likhodiêiev, Rímski e Variênukha sumiram, o contrato do misterioso mago não está em pasta alguma, o cão farejador da polícia perde a pista no ponto de táxi e o espetáculo é cancelado. O tesoureiro Vassili Stepánovitch vai levar o relatório à comissão de espetáculos e encontra o presidente, Prokhor Petrovitch, reduzido a um terno vazio que despacha papéis atrás da mesa, enquanto a secretária Anna Ritchardovna chora que ele não está dentro dele.

Atrás da enorme mesa de escritório, com um tinteiro maciço, estava o terno vazio, que escrevia com a pena seca pelo papel.

Na filial da comissão, os funcionários cantam em coro sem conseguir parar, depois que um regente de calça xadrez e pincenê quebrado, o próprio **Korôviev**, os ensaia no almoço e some. Ao tentar entregar a renda no setor financeiro, o tesoureiro desembulha o pacote e encontra dinheiro estrangeiro no lugar dos rublos.

Diante de seus olhos havia um monte de dinheiro estrangeiro.

Ele é preso ali mesmo, como **Nikanor Ivânovitch Bossôï** no capítulo 9.

É a segunda vez, depois da sessão de magia do **capítulo 12**, que a trupe de **Woland** transforma dinheiro em algo diferente do que parecia. A punição de Rímski, Nikanor e agora Vassili Stepánovitch tem sempre a mesma forma: não rouba, expõe, revirando contra a vítima aquilo que ela mais teme ser flagrada guardando ou fazendo.

Para pensar: Em cada lugar que o tesoureiro visita, algo se mostra o contrário do que parecia: o presidente da comissão é um terno vazio que escreve com a pena seca, os funcionários cantam sem conseguir parar, os rublos viram dinheiro estrangeiro. O que essas imagens dizem sobre a burocracia que o capítulo retrata?

Para pensar: O tesoureiro é preso por dinheiro estrangeiro que apareceu no pacote sem que ele fizesse nada para isso. Que justiça, ou que falta dela, o capítulo mostra nessa prisão, e como ela se compara à de Nikanor Ivânovitch?

PRIMEIRA PARTE · CAPÍTULO 18: OS VISITANTES AZARADOS

Maksimilian Andréievitch Poplavski, tio de **Berlioz** e morador de Kíev, viaja a Moscou depois de receber um telegrama confuso sobre a morte do sobrinho. O narrador não deixa dúvida sobre o real motivo da viagem.

O motivo era um só, o apartamento. O apartamento em Moscou!

Ao chegar ao apartamento número 50, é recebido por **Korôviev** encenando um choro teatral e depois pelo próprio gato, que exige seu passaporte, declara suspensa a presença dele no enterro e chama **Azazello** para expulsá-lo.

Volte imediatamente para Kíev [...] finja-se de morto e não sonhe com qualquer apartamento em Moscou, está claro?

Suas malas são jogadas escada abaixo, ele é agredido com a própria galinha assada que trazia de viagem e foge sem sequer pensar em recorrer à polícia, ciente de como soaria a própria queixa. Pouco depois, Andrei Fokitch Sókov, gerente da lanchonete do teatro, visita o mesmo apartamento para reclamar do dinheiro que virou papel picado no caixa e é recebido por **Woland** em pessoa, que devolve o assunto com uma pergunta.

Quanto tem de economia?

Quem abrira a porta a Sókov fora uma moça nua, de avental de renda, que Korôviev chama de **Hella** ao mandá-la acompanhar o visitante na saída; o narrador nota nela um único defeito.

A aparência perfeita da moça tinha somente um defeito, que era a cicatriz rósea em seu pescoço.

Sem que Sókov tenha dito nada, uma voz do quarto ao lado revela a soma exata que ele guarda em poupanças e sob o assoalho de casa, e a mesma voz anuncia, com a segurança fria com que Berlioz fora sentenciado no **capítulo 1**, o prazo e a causa da própria morte de Sókov.

ele irá morrer daqui a nove meses, em fevereiro do ano que vem, de câncer de fígado

Para pensar: Sókov pede que Woland "elimine" um câncer que ainda não deu sintoma algum, em vez de perguntar como aproveitar os nove meses que lhe restam. O que isso revela sobre o que ele valoriza mais, o tempo de vida ou o dinheiro acumulado para gastar depois dele?

Diante da recusa em gastar o próprio dinheiro, Woland propõe a alternativa que o gerente jamais consideraria.

Não seria melhor organizar uma festa com esses vinte e sete mil e, depois de tomar veneno, passar para o outro mundo sob o som de cordas, cercado de belas mulheres embriagadas e amigos alegres?

Sókov sai do apartamento com o dinheiro restituído, mas perseguido por uma última humilhação: o próprio chapéu se transforma num gatinho agarrado à sua careca. Já fora do prédio, apavorado com o diagnóstico, corre a um médico de verdade, que não encontra vestígio algum de câncer e o manda cuidar dos nervos.

Para pensar: O narrador diz sem rodeios que "O motivo era um só, o apartamento" ao explicar a viagem do tio de Berlioz. Por que o romance expõe a motivação do tio com tanta franqueza, e como isso muda o modo de o leitor assistir à sua expulsão?

Para pensar: Woland pergunta a Sókov "Quanto tem de economia?" e depois propõe organizar uma festa com o dinheiro antes da morte. A proposta é cínica, sensata ou as duas coisas, e o que ela revela sobre o modo como Woland julga os moscovitas?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 19: MARGARIDA

Margarida Nikoláievna, trinta anos, casada com um marido rico e bom a quem não ama, vive há meses de luto por um homem que ninguém sabe se está vivo, o **O mestre**, que sumiu sem deixar rastro depois de queimar o próprio romance.

Tinha que ou esquecê-lo, ou morrer. Pois não podia mais levar a vida assim.

Na sexta-feira, Margarida acorda com o pressentimento de que algo vai mudar, depois de sonhar pela primeira vez com o mestre, em trapos, chamando-a com a mão diante de uma casa de troncos num lugar desolado. Relê o trecho queimado do romance que guarda num álbum e vai se sentar num banco junto ao muro do Kremlin, no dia em que a cidade enterra **Berlioz** sem a cabeça, roubada do caixão naquela manhã (o gancho vem do **capítulo 3**). Um ruivo de canino aparente puxa conversa durante o cortejo e lhe aponta **Latunski** entre os que seguem o caixão, o crítico que ela odeia. É **Azazello**, e depois de irritar e depois seduzir Margarida em partes iguais, chega ao ponto.

Enviaram-me para convidá-la para hoje à noite.

Quando ela, ofendida, se afasta, ele a chama de volta recitando a frase do romance queimado ("A escuridão vinda do mar Mediterrâneo encobriu a cidade odiada pelo procurador") e mostrando que

sabe do caderno e da rosa seca. Margarida pergunta se o mestre está vivo, ouve que sim, e aceita ir porque Azazello garante que, indo, ela poderá saber de tudo sobre ele. Recebe então um creme numa caixinha de ouro, com a instrução de passá-lo às nove e meia da noite e esperar o telefonema das dez.

O narrador se dirige a quem lê logo na primeira linha do capítulo, um recurso raro no romance, que repete aqui o chamado com que fechara a Primeira Parte, no fim do capítulo 18.

Quem lhe disse que não existe no mundo o verdadeiro, o fiel, o eterno amor? Pois que cortem a língua desse mentiroso infame!

Para pensar: Margarida vive com um marido rico e bom, e o narrador diz dela: "Tinha que ou esquecê-lo, ou morrer." O que essa alternativa extrema diz sobre o tipo de amor que o romance põe em cena?

Para pensar: Margarida só volta ao banco e escuta Azazello depois que ele recita uma frase do romance queimado e menciona o caderno e a rosa seca. Por que sinais do mestre pesam mais para ela do que qualquer argumento, e o que isso mostra sobre o que ela espera do convite?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 20: O CREME DE AZAZELLO

À noite, sozinha em casa (o marido viajou), Margarida passa o creme no rosto e no corpo: passa a aparentar uns vinte anos, perde a dor que carregava desde o desaparecimento do mestre e ganha o poder de levitar. Antes de sair escreve um bilhete ao marido.

Perdoe-me e me esqueça o mais rápido possível. Estou te abandonando para a eternidade. Não me procure, é inútil. Tornei-me uma bruxa por causa das desgraças e das tristezas que me atingiram. Está na minha hora. Adeus.

Doa as próprias roupas e perfumes à empregada Natacha, menos as joias, para que ela não seja acusada de roubo; Natacha olha com avidez para o resto do creme, e no capítulo seguinte se sabe que o passou também e virou bruxa por conta própria. Monta numa vassoura que chega voando sozinha e sai pela janela, cobrindo com a própria camisa a cabeça do vizinho Nikolai Ivânovitch, que assiste a tudo paralisado no jardim, sentado no banco de sempre.

Para pensar: No bilhete ao marido, Margarida escreve: "Tornei-me uma bruxa por causa das desgraças e das tristezas que me atingiram." Por que ela se apresenta como bruxa por desgraça, e não por escolha ou por desejo de poder?

Para pensar: Margarida deixa roupas e perfumes para Natacha, mas separa as joias para que a empregada não seja acusada de roubo. O que esse cuidado diz sobre como ela se despede da vida anterior, e por que o romance dá espaço a um gesto tão doméstico?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 21: O VOÔ

Margarida sobrevoa Moscou, quebra sem querer o vidro de um relógio de rua e, ao ler no mural do prédio da Casa da Dramlit o nome do crítico Latunski (o homem cujo artigo destruiu a

publicação do romance do mestre, e com isso o próprio mestre), grita.

Latunski! [...] Latunski! Foi ele que... Foi ele que acabou com o mestre!

Latunski não está em casa, e o narrador diz que ele deve isso à reunião de luto marcada por causa da morte de **Berlioz**.

O crítico Latunski nasceu sob a luz da estrela da sorte. Ela o salvou do encontro com Margarida, que se transformara em bruxa.

Invade o apartamento de Latunski e o destrói com um martelo, inunda os vizinhos de baixo, e só para quando encontra, num quarto do terceiro andar, um menino sozinho e assustado; acalma-o com uma mentira gentil e o adormece com uma história sobre uma tia que virou bruxa má.

Não tenha medo, não tenha medo, meu pequeno [...], foram os meninos que quebraram os vidros.

Depois voa para fora da cidade, encontra Natacha (montada no vizinho Nikolai Ivânovitch, transformado em porco pelo creme) e desce até um rio, onde bruxas e sátiros festejam sob os salgueiros antes de um carro vir buscá-la de volta a Moscou.

A cena do menino é o único momento do voo em que Margarida usa o poder recém-ganho para consolar, não para destruir ou seduzir; o romance a coloca logo depois da vingança contra Latunski, como se quisesse mostrar as duas faces da mesma força antes do baile.

Para pensar: Margarida destrói o apartamento do crítico que arruinou o mestre e inunda os vizinhos de baixo, mas para ao encontrar um menino assustado. O que a interrupção da vingança diz sobre a justiça dessa violência?

Para pensar: Margarida acalma o menino com uma mentira gentil: "foram os meninos que quebraram os vidros". Que valor tem uma mentira piedosa num romance em que a comitiva de Woland expõe verdades que ninguém quer ouvir?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 22: À LUZ DE VELAS

De volta a Moscou, no apartamento 50 (ver **O apartamento 50**) da rua Sadôvaia, o apartamento sinistro do **capítulo 7**, **Korôviev** recebe **Margarida** com uma lamparina e explica, tagarela, a quinta dimensão que permite ao apartamento caber um salão de baile inteiro. Ali ela é apresentada à comitiva completa: **Azazello**, **Hella** (cuidando do joelho doente de **Woland**) e **Behemoth**, o gato preto que joga xadrez com peças vivas. Por fim conhece Woland, deitado, doente, numa camisa suja e remendada.

Saúdo a senhora, rainha, e peço que me perdoe pelos meus trajes caseiros.

Ao mostrar Hella, sentada no tapete ao lado da cama, o narrador a identifica com a moça que abriu a porta a Sókov e com a vampira que o galo afugentou na noite de Rímski.

A bruxa nua, aquela mesma Hella que tanto envergonhara o funcionário da lanchonete do Teatro de Variedades e aquela que, felizmente, se assustara com o galo na noite da famosa sessão, estava sentada no tapete ao lado da cama

Korôviev explica a condição: toda dona do baile da lua (ver **A lua**) cheia precisa se chamar Margarida e ser nativa da cidade; entre cento e vinte e uma Margaridas de Moscou, só ela tinha o perfil desejado, porque, diz Korôviev, carrega sangue de rainha de uma tataravó francesa do século XVI.

Depois de apresentar a comitiva como completa, Woland gira o globo e mostra a Margarida uma guerra que começa numa terra banhada pelo oceano: uma casa vai pelos ares, e ficam no chão uma mulher e, numa poça de sangue, uma criança pequena.

Ele não teve tempo de pecar. O trabalho de Abaddon é impecável.

Margarida pergunta de que lado está **Abaddon**, e Woland responde antes de chamá-lo: surge por trás da parede um homem magro, de óculos escuros, que Woland não deixa tirar os óculos.

Ele é imparcial e tende a ter compaixão pelos dois lados. Como consequência disso, os resultados dos dois lados são iguais.

Para pensar: Woland mostra a Margarida, num globo, uma casa que explode numa guerra e uma criança caída numa poça de sangue, e diz: "O trabalho de Abaddon é impecável." Como entender o elogio, e o que ele sugere sobre a posição de Woland diante da morte de inocentes?

Para pensar: Woland descreve Abaddon como alguém que "é imparcial e tende a ter compaixão pelos dois lados", de modo que "os resultados dos dois lados são iguais". O que significa ser imparcial e ainda assim compadecer-se, e por que isso não muda o desfecho?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 23: O GRANDE BAILE DE SATANÁS

Margarida, banhada em sangue e depois em óleo de rosas, coroada, recebe os convidados do baile por três horas: enforcados, envenenadoras, assassinos e traidores da história europeia, todos mortos, que sobem em fila por uma escada infinita a partir da lareira. Entre eles está **Frida**, condenada há trinta anos a encontrar todas as noites, na própria mesinha de cabeceira, o lenço (ver **O lenço de Frida**) com que sufocou o filho recém-nascido; ela só repete o próprio nome, como quem pede socorro.

Antes que ela chegue ao alto da escada, **Korôviev** conta a Margarida a história: a governanta que há trinta anos põe o lenço na mesinha de cabeceira, e o lenço que nada faz sumir.

Já o queimou no forno, já o afogou no rio, mas o lenço continua lá e nada ajuda.

Frida, Frida, Frida! Meu nome é Frida, oh, rainha!

Margarida responde com um conselho, e é a esperança dada nesse momento que ela depois invoca para explicar a **Woland** o pedido por Frida.

Então beba até ficar bêbada hoje, Frida, e não pense em nada

No fim do baile, Woland recebe a cabeça decepada de **Berlioz** num prato e lhe diz que a própria teoria dele, de que a morte é o fim de tudo, acaba de se confirmar.

Isso é fato. E um fato é a coisa mais teimosa do mundo.

Um convidado novo, o barão Meigel, delator e espião, é morto ali mesmo por **Azazello**, e o sangue dele enche a taça que Woland oferece a Margarida, encerrando o baile.

Um instante antes do tiro de Azazello, é **Abaddon** quem se põe diante do barão.

Abaddon surgiu diante do barão e, por um segundo, tirou os óculos.

Para pensar: Frida só consegue repetir o próprio nome, e Margarida lhe diz apenas "beba até ficar bêbada hoje, Frida, e não pense em nada". Que alívio um conselho assim pode dar a quem carrega uma culpa que "nada ajuda" a apagar, e o que ele revela sobre Margarida?

Para pensar: Woland diz à cabeça de Berlioz que existe uma teoria segundo a qual "a cada um é dado de acordo com a sua crença" e o manda para a inexistência. Que tipo de justiça é essa, que dá a Berlioz exatamente o que ele sustentava, e é castigo ou cumprimento do que ele queria?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 24: O RESGATE DO MESTRE

Já no quarto de **Woland**, **Margarida** janta com a comitiva. **Azazello** mostra a pontaria atirando de costas, por cima do ombro, numa carta escondida sob o travesseiro.

A marca feita por Margarida havia sido perfurada com a bala.

Pouco antes, Margarida pergunta a que distância ele acerta, Azazello responde que uma coisa é quebrar o vidro de **Latunski** e outra é acertar-lhe o coração, e Woland quer saber quem é o crítico. **Behemoth** e Azazello se oferecem para ir atrás dele, e Margarida recusa.

Não, por favor, meu senhor, não precisa disso, eu suplico!

Na hora da despedida, Margarida não pede nada e se diz pronta a servir. Woland responde com a máxima que resume a ética de toda a comitiva diante dos humanos que a procuram, e só então pergunta o que ela quer como paga.

Nunca peça nada! Nunca peça nada, principalmente àqueles que são fortes. Eles vão oferecer por conta própria e darão tudo também.

Margarida hesita entre pedir por si e pedir por **Frida**; escolhe Frida primeiro, sem saber que gasta com isso o pedido "oficial".

Quero que parem de estender à Frida o lenço com o qual ela sufocou seu próprio bebê.

Woland recusa fazer ele mesmo o que cabe a outro departamento, e é a própria Margarida quem chama Frida e a perdoa.

Você está sendo perdoada. Não vão mais estender o lenço.

Woland declara que aquilo não conta, porque ele não fez nada, e pergunta o que ela deseja para si. Só então Margarida pede o **O mestre**, e ele aparece, trazido de volta do hospício, ainda de roupão e gorro, assustado e sem forças.

Não chore, Margot, não me faça sofrer. Estou muito doente.

Woland pede para ver o romance sobre Pôncio Pilatos; Behemoth o produz intacto de baixo do próprio corpo, e Woland recusa a explicação do mestre de que o destruiu no fogo.

Desculpe, não posso acreditar [...], isso não é possível. Manuscritos não ardem.

Bulgákov queimou o próprio manuscrito (ver **O manuscrito**) do romance em 1930, num momento de desespero com a censura soviética, e passou a reescrevê-lo de memória nos anos seguintes até morrer em 1940; a frase que dá a Woland esse poder sobrenatural nasce de um gesto real do autor. A obra só foi publicada, ainda cortada pela censura, entre 1966 e 1967.

A comitiva desfaz em silêncio o rastro de Aloísi Mogarytch, o vizinho que denunciou o mestre para tomar o apartamento dele depois de ler o artigo de Latunski: o prontuário do mestre no hospital vai para o fogo, o nome de Mogarytch some do livro de registro do prédio, e **Korôviev** decreta que quem não tem documento não existe. Devolvidos o caderno queimado, a caderneta com dez mil rublos e o próprio manuscrito, Margarida e o mestre voltam ao porão da Arbat onde ele escrevera o romance, escoltados por Azazello até a porta.

Antes da partida, Nikolai Ivânovitch, o vizinho que Natacha usou de montaria transformado em porco, exige uma declaração de onde passou a noite, para a polícia e para a esposa, e **Hella** a datilografa sob o ditado do gato.

abra parênteses, Hella, parênteses! Entre parênteses escreva “porco”. Assinado: Behemoth.

Para pensar: Woland diz: "Nunca peça nada, principalmente àqueles que são fortes." Logo depois, o primeiro pedido de Margarida é por Frida, não pelo mestre. O que a máxima de Woland e a escolha de Margarida dizem, cada uma, sobre o que vale pedir e a quem?

Para pensar: Woland não aceita que o romance do mestre tenha sido queimado: "Manuscritos não ardem." Que afirmação sobre a obra escrita e a perseguição a quem escreve essa frase faz, e por que o romance a põe na boca de um demônio?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 25: COMO O PROCURADOR TENTOU SALVAR JUDAS DE KERIOTH

Uma tempestade cai sobre Yerushalaim enquanto Pôncio Pilatos, insone e nervoso, espera a visita de **Afrânio**, o chefe de sua guarda secreta, recém-chegado do Gólgota. Depois de

confirmar que **Yeshua Ha-Notzri** está morto, Afrânio repete ao procurador a última coisa que o condenado disse, e é a frase que decide o destino de Pilatos no romance inteiro.

Disse somente que entre todas as fraquezas humanas a que ele considera pior é a covardia.

A frase chega a Pilatos de segunda mão, por um relatório de polícia, e é assim que ela o alcança: não como acusação de frente, mas como informação de rotina que o subordinado entrega sem entender o que está entregando. Ouvida a sentença, o procurador muda de assunto e chega ao que de fato importa: pede notícias de **Judas de Kerioth**, o jovem que denunciou Yeshua por dinheiro.

Pilatos revela a Afrânio, sob sigilo, que recebeu um aviso de que amigos secretos de Yeshua vão matar Judas ainda naquela noite e devolver o dinheiro da traição à casa do sumo sacerdote como vingança.

peço ao senhor que se ocupe disso, ou seja, tome todas as medidas para a segurança de Judas de Kerioth

Afrânio pondera, calmo, que o plano é quase impossível de executar numa única noite de festa, mas Pilatos insiste, batendo na própria intuição, que nunca falhou, um excesso de certeza que só se explica depois, quando se descobre de onde vinha de fato a informação:

No entanto, vão matá-lo hoje — repetiu, com teimosia, Pilatos — e digo ao senhor: estou pressentindo isso! Minha intuição nunca me enganou

Antes de despedir Afrânio, o procurador lembra uma dívida antiga e lhe entrega um saco de moedas pesado. Afrânio diz que o procurador não lhe deve nada, e Pilatos insiste no pretexto.

Com a minha chegada a Yerushalaim, lembra-se, uma multidão de mendigos... eu queria jogar-lhes dinheiro e não tinha comigo, peguei do senhor.

Para pensar: Quando Afrânio repete que Yeshua considerava a covardia a pior das fraquezas humanas, Pilatos pergunta "Por que disse isso?", ouve que Afrânio não entendeu e logo passa a outras ordens. O que a pergunta e a pressa em seguir adiante dizem sobre como a frase o atinge?

Para pensar: Pilatos afirma que vão matar Judas naquela noite e declara: "Minha intuição nunca me enganou". Por que o romance mostra Pilatos mais seguro do que Afrânio sobre um plano que nenhum dos dois pode verificar, e o que essa certeza deixa suspeitar?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 26: O SEPULTAMENTO

À noite, atormentado, Pôncio Pilatos brinca com o cão Banga na varanda enquanto **Afrânio** põe o plano em movimento: destaca soldados para fora da cidade, veste-se de civil e vai até a Cidade Baixa combinar algo com uma mulher chamada Niza. É Niza quem, horas depois, atrai **Judas de Kerioth** para o jardim de Getsêmani com a promessa de um encontro, e o abandona ali. Dois homens saltam da escuridão, cravam a faca em Judas depois de arrancar-lhe a bolsa de trinta

tetradracmas, e um terceiro, encapuzado, supervisiona a cena e entrega o bilhete que os assassinos embrulham junto com a bolsa.

A cena repete, em espelho, o próprio esquema que Judas usou contra **Yeshua Ha-Notzri**: também ele é atraído por afeto fingido e vendido por dinheiro, e a réplica narrativa é deliberada, porque devolve ao traidor a lógica exata da traição.

*Trinta tetradracmas! Trinta tetradracmas! Tudo que recebi está comigo. Está aqui o dinheiro!
Tomem, mas me deixem viver*

O saco é jogado, com um bilhete, no pátio do palácio de Caifás, para simular a vingança de admiradores anônimos de Yeshua.

Devolvo o dinheiro maldito

Ainda de noite, sob a lua (ver **A lua**), Pilatos é acordado com a chegada de Afrânio, que relata tudo como se a própria guarda tivesse falhado em proteger Judas, e o procurador finge indignação, elogia o trabalho do chefe da guarda e trata do sepultamento dos três executados, entre eles Yeshua, cujo corpo **Mateus Levi** levava para uma caverna do monte, reclamando o direito de sepultá-lo.

Peço que me entregue ao tribunal, procurador. O senhor estava certo. Eu não soube proteger o Judas de Kerioth, ele foi esfaqueado e morto. Quero ser julgado e demitido.

Perguntado se Judas não teria se matado, Afrânio recusa a hipótese e descreve o crime com um olhar irônico para o procurador; no fim da conversa recebe de Pilatos um anel, "como uma recordação".

Foi morto com uma habilidade impressionante, procurador

Levado à presença de Pilatos, Mateus Levi recusa a oferta de servir na biblioteca do procurador em Cesareia e declara que vai dedicar o resto da vida a vingar Yeshua matando Judas.

Vou matar Judas de Kerioth; a isso, sim, dedicarei o resto da minha vida

Pilatos então revela o que fizera:

Fui eu

A revelação fecha a conversa com Levi: a autoridade que condenou Yeshua por covardia perante César é a mesma que, à traição, executa em segredo a justiça que a lei não lhe permitiria fazer em público.

Para pensar: Judas é atraído a Getsêmani por uma mulher que finge afeto e morto por homens que lhe tomam a bolsa de dinheiro, depois de ter entregado Yeshua por dinheiro, após acolhê-lo em casa. Esse paralelo é justiça ou é outra traição?

Para pensar: Pilatos diz a Levi "Fui eu" ao revelar quem fez aquilo com Judas. O que muda no sentido da palavra justiça quando ela é feita em segredo por quem, em público, condenou Yeshua?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 27: O FIM DO APARTAMENTO NÚMERO 50

De volta a Moscou, **Margarida** termina ao amanhecer a leitura de um capítulo do romance do mestre, tranquila depois da noite do baile, sem qualquer perturbação pelo que viveu, enquanto num prédio oficial uma comissão de investigadores tenta reconstruir, depoimento por depoimento, os episódios provocados por **Woland** e seu séquito. Os relatos se acumulam e se contradizem: Sempleiárov e sua sessão vergonhosa, Rímski fugido para Leningrado, Stiôpa Likhodiêiev devolvido de avião da Crimeia trajando pijama, Variênukha confessando aos poucos o encontro com os vampiros, Ánnuchka insistindo que a nota que recebeu era de dez rublos e não de dólares (ver **O dinheiro estrangeiro**).

A comédia da investigação está em que ela é conduzida por gente racional demais para o próprio caso: cada depoimento é verdadeiro e, ao mesmo tempo, impossível de encaixar numa explicação que não seja a magia, e é exatamente essa recusa que a narrativa ridiculariza.

O apartamento número 50, alvo de buscas repetidas sem sucesso, volta a dar sinais de vida, e uma equipe armada o invade. Encontram só o gato **Behemoth**, que se recusa a ser levado, troca tiros com os invasores sem que ninguém se machuque, finge-se ferido e curado com um gole de gasolina do próprio fogareiro:

Não estou fazendo nada, não estou incomodando ninguém, estou consertando o fogareiro [...] e ainda considero uma obrigação avisar que o gato é um animal antigo e sagrado

Cercado, o gato incendeia o apartamento com a gasolina do fogareiro e escapa pela janela; da fumaça, moradores no pátio veem sair quatro silhuetas, três de homem e uma de mulher nua. No local onde o gato fingira estar ferido, surge, entre as chamas, o cadáver do barão Meigel, morto na noite do baile, no **capítulo 23**, e não desenvolvido aqui.

Para pensar: A comissão reúne depoimentos verdadeiros que se contradizem e que nenhuma explicação sem magia consegue juntar. O que o capítulo ridiculariza: a recusa a acreditar ou o método de investigar?

Para pensar: O gato Behemoth troca tiros com os invasores, finge-se ferido, bebe do combustível do fogareiro e depois incendeia o apartamento. Por que o romance dá esse fim cômico a um lugar tão carregado de sinistro, em vez de um confronto sério com a comitiva?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 28: AS ÚLTIMAS AVENTURAS DE KORÔVIEV E BEHEMOTH

Korôviev e **Behemoth** reaparecem no centro de Moscou e provocam dois incêndios em sequência. No primeiro, a loja Torgsin, Behemoth come frutas e doces do balcão sem pagar, Korôviev discursa em defesa do "pobre faminto" diante do público, e a confusão termina com a loja em chamas depois que o gato derrama a gasolina do fogareiro sobre o balcão.

A regra da casa é enunciada logo na porta, pelo porteiro, e é ela que faz da loja um alvo.

Aqui a venda é só com dinheiro estrangeiro

O discurso de Korôviev não defende o furto, expõe o critério de entrada, e o alvo não é o vendedor: é o cliente que pode pagar. “está trajando um terno social lilás, está inchado de tanto salmão, mas tem dinheiro estrangeiro, e o nosso, o nosso?!”

É a cena mais diretamente documental do romance, e por isso a mais citada fora dele por historiadores: as lojas Torgsin existiram, vendiam comida a quem entregasse ouro, prata ou moeda estrangeira (ver **O dinheiro estrangeiro**), e funcionaram durante a fome. A sátira de Bulgákov não inventa nada, apenas põe dois demônios na fila e deixa que o critério fale por si.

O segundo incêndio acontece na Casa Griboiêdov, sede fictícia da associação de escritores soviéticos (MASSOLIT), onde a dupla se apresenta ao restaurante usando os nomes de dois críticos literários russos reais do século XIX, Panáev e Skabitchévski, cada um assinando o sobrenome do outro no livro de identificação.

Na porta, a cidadã do livro de registro pede a identidade de escritor da dupla, e Korôviev inverte o critério da casa. “Não são as identidades que definem um escritor, mas aquilo que ele escreve!”

O gerente do restaurante, Artchibald Artchibáldovitch, reconhece os dois pelo que ouvira sobre o “caso do xadrez e do gato” e os trata com uma cortesia suspeita, prevendo que o almoço será farto mas curto. É o que acontece: policiais armados irrompem na varanda, a dupla desaparece no ar, e o fogo do fogareiro incendeia a casa inteira.

Para pensar: Na porta da loja, o porteiro avisa: “Aqui a venda é só com dinheiro estrangeiro”. Korôviev finge indignação diante do cliente de terno lilás que paga com moeda estrangeira, “e o nosso, o nosso?!”. Contra quem aponta a sátira: o cliente, a loja ou a regra que separa os dois dos demais?

Para pensar: Na Casa Griboiêdov, Korôviev protesta contra o pedido de documentos dizendo: “Não são as identidades que definem um escritor, mas aquilo que ele escreve!” Por que a frase soa tão certa e, dita por ele naquele lugar, tão irônica?

SEGUNDA PARTE - CAPÍTULO 29: O DESTINO DO MESTRE E DE MARGARIDA É DECIDIDO

No fim da tarde, no terraço de um dos prédios mais bonitos de Moscou, **Woland** observa a cidade ao lado de **Azazello**, comentando com ironia a fumaça que sobe da Casa Griboiêdov. É então que surge, vindo de trás da torre, **Mateus Levi**, hostil e sujo, chamando Woland de “espírito do mal e soberano das sombras”.

Woland responde com a tese que resume sua função no romance: o bem só existe porque existe sombra, e não há como eliminar o mal sem eliminar também tudo o que é vivo.

o que faria a sua bondade se não existisse a maldade, como seria a terra se dela sumissem as sombras

Levi entrega o recado com que veio: alguém (o texto nunca o nomeia) leu o romance escrito pelo mestre e pede a Woland que o leve consigo e lhe devolva o sossego.

Ele leu a obra do mestre [...] e pede que você leve o mestre consigo e lhe devolva a tranquilidade

Woland pergunta, então, por que não levam o O mestre "para a luz", e a resposta de Levi traça a distinção que decide o destino do casal:

Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade

A distinção retoma, de outro ângulo, a covardia que Yeshua Ha-Notzri condenara: o mestre queimou o próprio romance e desistiu de defendê-lo diante da perseguição, e é esse recuo, não a obra em si, que o desqualifica para a luz sem lhe negar o descanso.

Levi pede ainda que Margarida, que amou e sofreu pelo mestre, seja levada junto, e Woland concorda e manda Azazello resolver. Korôviev e Behemoth voltam do incêndio carregando um cálice, um avental chamuscado e um salmão, os únicos despojos que dizem ter salvado do fogo, e Woland os dispensa sem repreensão: a tempestade final já se formava no horizonte, e com ela o capítulo se fecha.

Para pensar: Woland pergunta a Levi o que faria a bondade dele "se não existisse a maldade" e como seria a terra sem as sombras. O argumento convence, e o que ele deixa de fora?

Para pensar: Levi diz que o mestre "não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade". Por que o texto separa luz e tranquilidade, e o que o mestre fez ou deixou de fazer para ficar com a segunda?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 30: ESTÁ NA HORA! ESTÁ NA HORA!

O mestre e Margarida acordam ao pôr do sol no subsolo, ainda incrédulos com a noite no baile de Woland, e o mestre, que se diz um homem doente e miserável, pede que ela volte para casa; Margarida recusa. Azazello chega, bebe conhaque com eles, transmite o convite de Woland para um passeio e entrega um Falerno que diz ser o vinho que o procurador da Judeia bebeu, e os três brindam a Woland.

Envenenador...

O O mestre diz só isso ao cair, e Margarida desaba também; Azazello os reanima na hora, e ao "estamos mortos" do mestre responde que quem raciocina não está morto e que viver não exige ficar naquele subsolo de pijama de hospital. Margarida pede que ele leve o romance e ele responde que o sabe de cor; Azazello atea fogo ao subsolo, o mestre acende um livro na toalha em chamas ("Queime, queime, vida passada!") e os três montam os cavalos pretos no pátio, enquanto a cozinheira do construtor grita "Incêndio!". Na clínica de Stravinski (ver A clínica de Stravinski), o mestre se despede de Ivanuchka no quarto 117 e diz que não vai mais escrever sobre o herói do romance, porque estará ocupado com outras coisas; Margarida surge da parede e beija a testa de Ivan Nikoláievitch Bezdômny, o mestre diz "Adeus, meu discípulo" e some, e Praskóvia Fiódorovna confessa a Ivan que o vizinho do quarto 118 morreu naquele instante.

A morte chega como festa, não como punição: o vinho é oferecido como homenagem ("À saúde de Woland!"), e o que pareceu envenenamento cruel era, na verdade, o único jeito de libertar os dois do subsolo, que Azazello em seguida incendeia. Azazello o apresenta como o vinho que o procurador da Judeia bebia; no capítulo 25, porém, o vinho servido a Pôncio Pilatos é um Caecuba, e o Falerno só aparece na pergunta de Afrânio.

Para pensar: O mestre só consegue dizer "Envenenador..." ao cair depois de beber o vinho de Azazello. Por que o romance faz a passagem para outra vida parecer um envenenamento, e o que isso muda na imagem da morte que ele propõe?

Para pensar: O mestre incentiva Ivan a escrever a continuação, mas ele próprio diz que não vai mais escrever e que estará ocupado com outras coisas. O que a despedida dos dois sugere sobre o que passa de um escritor ao outro e o que se encerra com o mestre?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 31: NAS COLINAS DOS PARDAIS

Woland, Korôviev e Behemoth esperam montados em cavalos pretos no alto da colina, olhando Moscou do outro lado do rio, e Azazello chega com o O mestre e Margarida. Woland manda o mestre se despedir da cidade ("Está na nossa hora"), e ele caminha até a beira do abismo e sente, em sequência, tristeza, indiferença orgulhosa e por fim um pressentimento de paz permanente. Enquanto isso Behemoth, com o aval de Margarida, e depois Korôviev disputam quem assobia mais forte, e o assobio de Korôviev arranca um carvalho pela raiz, racha a terra até o rio e lança ao leito um pedaço da margem, sem ferir os passageiros do barco que passava. Assustado, o mestre volta correndo e diz a Woland que se despediu.

Está na hora!!

Os cavalos partem, e quando o manto de Woland se abre por um instante Margarida olha para trás e não vê mais nada: nem torres, nem cidade, só neblina onde Moscou estava.

Para pensar: Quando Korôviev assobia, a terra racha e um carvalho é arrancado pela raiz, e o mestre volta correndo, assustado, para dizer que se despediu. Por que o romance põe uma brincadeira violenta entre a despedida do mestre e a partida final?

Para pensar: Diante de Moscou, o mestre sente "mágoa profunda", depois "indiferença orgulhosa" e por fim "pressentimento de paz permanente". Que caminho interior é esse, e o que ele diz sobre o que significa despedir-se de uma cidade onde se sofreu?

SEGUNDA PARTE · CAPÍTULO 32: PERDÃO E REFÚGIO ETERNO

O capítulo abre com uma invocação do próprio narrador, fora da voz de qualquer personagem, sobre o cansaço de quem carregou um fardo pesado pela terra.

Deuses, meus Deuses! Como está triste a terra à noite! [...] entrega-se nas mãos da morte com o coração leve, sabendo que somente ela...

Durante o voo noturno, a lua (ver **A lua**) desfaz os disfarces de todos: **Korôviev** revela-se um cavaleiro sombrio que paga por "uma brincadeira infeliz" com um trocadilho sobre luz e trevas, **Behemoth** é na verdade um jovem pajem demoníaco, e o **O mestre** aparece grisalho, com esporas de estrelas nas botas.

A transformação do gato:

Aquele gato que divertia o príncipe das trevas revelou-se um jovem magrinho, um demônio pajem, o melhor bobo da corte que existia no mundo.

A de **Azazello**, cujo canino e olho torto se revelam falsos:

Agora, Azazello voava em sua aparência verdadeira, como um demônio do deserto sem água, demônio assassino.

O grupo desce numa planície pedregosa onde um homem de manto branco está sentado numa poltrona de pedra há quase dois mil anos, ao lado de um cão fiel, sofrendo de insônia toda vez que a lua cheia se aproxima.

Há aproximadamente dois mil anos ele está nesse local e dorme, mas, quando chega a lua cheia, como está vendo, fica atormentado pela insônia.

Woland retoma a frase de **Yeshua Ha-Notzri** ao apresentar o prisioneiro dos dois mil anos, e a usa para absolver quem estava ao lado dele. "Caso seja verdade que a covardia é o pior defeito, então penso que o cachorro não é culpado."

Woland explica que Pôncio Pilatos sonha sempre a mesma coisa, seguir o caminho da lua para terminar a conversa que deixou pela metade com o prisioneiro Ha-Notzri no décimo quarto dia de Nissan, e que odeia, mais do que tudo, a própria imortalidade e a glória sem precedentes. Não é o crime de covardia que o condena a repetir a cena, é a frase interrompida: o castigo do procurador é ter fechado o processo sem fechar a fala.

Que pergunta ficou pendente demais para ser esquecida, mesmo depois de dois mil anos: a de Pilatos para Yeshua, ou a do leitor para o próprio livro, que só se resolve nesta cena?

Margarida pede clemência, Woland ri e devolve a decisão a quem já tem autoridade sobre aquele personagem: o próprio mestre, autor do romance sobre Pilatos.

Ao grito de Margarida para que deixem Pilatos ir, Woland responde que a intercessão já foi feita por outro. "Não precisa interceder por ele, Margarida, pois aquele que quer conversar com ele o fez."

O mestre grita a frase que fecha o romance dentro do romance.

Está livre! Está livre! Ele está esperando por você!

As montanhas desabam, surge um jardim crescido durante mil luas, e Pilatos corre pelo caminho lunar atrás do cachorro, ao encontro de Yeshua. O mestre pergunta se deve ir atrás dele.

Não — respondeu Woland. — Para que ir atrás daquilo que já acabou?

Woland recusa ao mestre também voltar a Moscou, e oferece o destino que também é de Yeshua ("aquilo que Yeshua pediu por vocês"): não a cidade abandonada, não a luz do jardim, mas uma casa com parreiras, música de Schubert à noite e penas de ganso para escrever, "romântico mestre".

Para lá, para lá! Lá o aguardam uma casa e o velho escravo, as velas já estão acesas, mas logo se apagarão, porque você encontrará o amanhecer imediatamente.

O texto nunca diz a palavra "luz" para o que Pilatos recebe (um jardim que ele mesmo atravessa correndo, sem clareza sobre o que encontra do outro lado) nem a palavra "descanso" para o que o mestre recebe: dá ao mestre uma casa concreta, com música, velas e trabalho manual, o oposto de uma recompensa mística. É esse contraste, entre o perdão que se resolve numa conversa retomada e o refúgio (ver **A casa do refúgio**) que se resolve numa rotina doméstica, que fixa a ideia consagrada pela crítica de que Pilatos ganha a paz da conversa terminada e o mestre ganha o sossego de uma vida sem mais interrupção, nenhum dos dois a iluminação de quem já não precisa de mais nada.

Margarida guia o mestre até a casa eterna pela ponte de pedra musguenta.

Ouçã o sossego [...] ouçã e deleite-se com aquilo que não lhe deram em vida, o silêncio.

A memória do mestre, "perfurada de agulhas", começa a se apagar, do mesmo jeito que ele acabara de libertar Pilatos ao terminar o seu romance.

perdoado na véspera do domingo, o filho do rei astrólogo, o cruel quinto procurador da Judeia, o cavaleiro Pôncio Pilatos.

Para pensar: Woland diz que, "Caso seja verdade que a covardia é o pior defeito", o cachorro de Pilatos não é culpado. O que essa frase absolve, e o que deixa sem absolver?

Para pensar: O mestre recebe uma casa sob parreiras, com música de Schubert à noite e penas de ganso para escrever. Por que o romance imagina o descanso dele de forma tão concreta e doméstica, e isso é prêmio ou limite?

EPÍLOGO

Depois que **Woland** deixa a capital, no anoitecer de sábado, Moscou tenta explicar o inexplicável: a investigação atribui tudo a uma quadrilha de hipnotizadores e ventríloquos, com as suspeitas pesando sobre **Korôviev**, capaz de convencer as pessoas de que coisas e gente estavam onde não estavam. A cidade prende dezenas de sobrenomes parecidos, mata gatos pretos por toda parte por suspeita de bruxaria, e nunca descobre quem era o "doente mental" sequestrado da clínica sob o número 118. Os personagens menores acomodam-se em destinos discretamente irônicos: Bengálski se aposenta incapaz de voltar ao palco, Stiôpa Likhodiêiev

vira gerente de mercearia em Rostov, Rímski se demite para o teatro de bonecos, e Aloísi Mogarytch, o delator que denunciou o **O mestre** por seu apartamento, termina exatamente no cargo que Rímski recusou, o de diretor financeiro do Teatro de Variedades.

O Epílogo não junta as pontas soltas por acaso: é o próprio mecanismo de explicação racional, a "investigação", que vira personagem cômico, produzindo uma verdade oficial cada vez mais absurda (hipnose em massa, gato ventríloquo) para não admitir o sobrenatural. É o mesmo gesto que abre o romance no Patriarchi Prudý, quando **Berlioz** tenta provar a **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** que o diabo não existe.

O centro do fechamento é Ivan Nikoláievitch (pseudônimo Bezdômny), agora professor do Instituto de História e Filosofia, curado da crise que teve na juventude, exceto por um sintoma que a ciência não toca: toda lua (ver **A lua**) cheia de primavera ele volta ao mesmo banco em Patriarchi Prudý, sente o mesmo desassossego, e segue até a mansão onde mora Nikolai Ivânovitch (o vizinho que Natacha transformou em porco, personagem à parte de Ivan Nikoláievitch, apesar do nome quase idêntico) e o vê gritar "Vênus!" para a janela vazia, invocando Vênus no lugar da bruxa que o carregou pelos ares.

Ivan aceita que foi vítima de hipnose e se cura da versão médica da história inteira; o que ele não consegue explicar é justamente o sintoma que sobra depois da cura, a lua cheia. O que significa dizer que alguém "entendeu tudo" quando o corpo continua reagindo a uma coisa que a razão já descartou?

Depois da injeção que a esposa aplica todo ano, Ivan sonha com Pôncio Pilatos e **Yeshua Ha-Notzri** subindo juntos o caminho lunar, o cão fiel atrás deles, e depois com o mestre e **Margarida**: ele confirma que tudo terminou assim, e ela o beija na testa.

Terminou assim, meu discípulo

Antes disso, no mesmo caminho lunar, a fala de Pilatos a Yeshua é uma súplica que nega o próprio crime; Ivan acorda em paz até a próxima lua cheia.

Que execução vil! Por favor, diga-me [...] que ela não existiu! Suplico, diga-me, não existiu?

A data que fecha o texto, "1929-1940", marca os onze anos de composição do romance, revisado por Bulgákov até poucas semanas antes de morrer; a obra só chegou ao público soviético em versão censurada, na revista *Moskvá*, entre o fim de 1966 e o começo de 1967, quase três décadas depois de escrita.

Para pensar: A investigação oficial atribui tudo a hipnotizadores e ventríloquos, e a cidade mata gatos pretos por suspeita de bruxaria. Que explicação a sociedade escolhe para não admitir o inexplicável, e como o epílogo a retrata?

Para pensar: Aloísi Mogarytch, o vizinho que denunciou o mestre para ficar com o apartamento dele, acaba no cargo de diretor financeiro do Teatro de Variedades, que Rímski recusou. O que esse destino diz sobre o que o romance pensa dos delatores e da justiça, e é ironia, castigo ou outra coisa?

BEM E MAL

A tese moral do romance é de **Yeshua Ha-Notzri**. No capítulo 2, perguntado por que chama todos de boas pessoas, ele diz a Pilatos que não existem pessoas maldosas no mundo, e chama de infeliz o centurião que acabara de chicoteá-lo. A resposta oposta vem de **Woland** no capítulo 29, a **Mateus Levi**, que o chama de espírito do mal: sem a maldade a bondade não teria o que fazer, como a terra não seria terra sem as sombras.

Em Moscou, Woland e a comitiva não criam o mal, expõem o que já estava ali. No capítulo 9, **Nikanor Ivânovitch Bossô**i aceita o maço de **Korôviev** e é preso pelos dólares em que ele se transforma; no 12, o público se atropela pelas notas que caem da cúpula, e Woland conclui que são pessoas comuns, corrompidas pelo problema habitacional; no 15, no sonho de Nikanor, quase ninguém entrega os dólares escondidos, e o único voluntário ainda calava os da tia; no 18, o tio de **Berlioz** vem de Kíev atrás do apartamento do sobrinho morto, e o gerente Sókov, que acumula economias, ouve que vai morrer em nove meses. No capítulo 28, a dupla de Woland desmoraliza a loja Torgsin, onde só se compra com moeda estrangeira.

O livro também mostra o mal que não se reduz a mesquinharia. No capítulo 16, Levi amaldiçoa um Deus que deixa Yeshua agonizar na cruz; no 22, Woland mostra a **Margarida**, num globo, uma guerra em que morre uma criança, e apresenta **Abaddon**, imparcial entre os dois lados; no 23, o baile reúne envenenadoras, assassinos e traidores, e o barão Meigel, espião, é morto ali mesmo. No capítulo 26, **Judas de Kerioth** é atraído e esfaqueado pela mesma lógica com que traiu. No 21, a mesma Margarida que destrói o apartamento de **Latunski** para diante de um menino assustado e o consola.

O romance deixa de pé as duas frases e não escolhe entre elas. A de Yeshua sobrevive a Moscou: ninguém ali é maldoso, todos são mesquinhos, e Woland os trata como tais. A de Woland sobrevive a Yerushalaim, porque é a covardia de um homem que não se julga mau que manda Yeshua para a cruz. O que o livro recusa é a terceira posição, a de Levi no Gólgota, que exige do céu uma separação limpa entre bem e mal e acaba, no capítulo 29, levando ao próprio diabo um pedido de Yeshua.

A tese de Yeshua, dita a quem vai condená-lo.

Perguntado por que chama todo mundo de "boas pessoas", inclusive o centurião que acabara de chicoteá-lo, Yeshua responde com a frase que o romance inteiro vai pôr à prova. "Não existem pessoas maldosas no mundo."

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

O veredito de Woland sobre a plateia de Moscou.

"São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu..."

Primeira Parte, capítulo 12: Magia negra e sua revelação

A revolta de Levi no Gólgota.

“Tu és um deus negro! Eu te amaldiçoo, deus dos bandidos, protetor e alma deles!”

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

Abaddon, o mal sem lado.

“Ele é imparcial e tende a ter compaixão pelos dois lados. Como consequência disso, os resultados dos dois lados são iguais.”

Segunda Parte, capítulo 22: À luz de velas

A resposta de Woland ao discípulo de Yeshua.

“o que faria a sua bondade se não existisse a maldade, como seria a terra se dela sumissem as sombras”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

SOBRENATURAL

O romance começa por uma aposta contra o sobrenatural. No capítulo 1, **Berlioz** explica a **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** que Jesus não existiu, e o estrangeiro que se senta ao lado deles fala das provas de Kant, pergunta quem administra a vida humana se ninguém responde pelo próprio dia seguinte e anuncia a Berlioz que vão cortar a sua cabeça. No capítulo 3 ele afirma ter estado com Pilatos em pessoa, e minutos depois Berlioz escorrega no óleo derramado por Ánnuchka, cai sob o bonde e é decapitado.

Daí em diante Moscou passa o livro explicando o que lhe acontece. Ivan, que conta a verdade, é diagnosticado com esquizofrenia no capítulo 6 e levado pelo doutor Stravinski, no 8, a dizer que é normal. No capítulo 10, Rímski e Variênukha não conseguem encaixar os telegramas de Ialta em explicação nenhuma; no 12, Bengálski chama o espetáculo de magia negra de hipnose em massa. Só no hospício, no capítulo 13, alguém diz a Ivan o nome do que ele viu: o mestre lhe garante que ele se encontrou com Satanás. No baile, no capítulo 23, **Woland** diz à cabeça de Berlioz que a teoria dele, de que a morte é o fim, também se cumpre, porque a cada um é dado de acordo com a sua crença.

A investigação do capítulo 27 e a do Epílogo fecham o círculo: a versão oficial atribui tudo a uma quadrilha de hipnotizadores, prende homens de sobrenome parecido, e pela cidade se matam gatos pretos. Ivan, agora professor do Instituto de História e Filosofia, aceita a explicação médica, mas toda lua cheia de primavera volta ao banco de Patriarchi Prudý.

O sobrenatural de Bulgákov não pede fé, pede apenas que se pare de negar o que se viu, e é isso que a cidade não consegue fazer. O romance não discute com o ateísmo de Berlioz, deixa que um fato o desminta, e a frase de Woland no baile mostra que nem assim o desmente para ele: Berlioz recebe exatamente a inexistência em que acreditava. O que sobra de Patriarchi Prudý no fim é Ivan, curado de tudo menos da lua cheia, e esse resto é o modo de o livro dizer que a explicação racional ganhou o processo, não a pessoa.

O argumento com que o estrangeiro abala a confiança de Berlioz.

A objeção que Berlioz prepara é a do bom senso, que o ser humano é mortal, e o estrangeiro a desmonta acrescentando um advérbio. “É, o ser humano é mortal, mas isso ainda seria só metade da desgraça. O ruim é que às vezes ele é mortal de repente, aí é que mora o perigo! E em geral ele não pode nem dizer o que fará na tarde de hoje.”

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

A declaração de testemunha ocular, que ninguém em Patriarchi leva a sério.

“Eu presenciei tudo isso pessoalmente. Estive na varanda com Pôncio Pilatos, no jardim, quando ele conversou com Caifás, estive também no palanque, só que às escondidas, incógnito”

Primeira Parte, capítulo 3: A sétima prova

O diagnóstico que transforma o relato em sintoma.

“Excitação motora e verbal... interpretações delirantes... um caso complexo, pelo visto... Esquizofrenia, deve-se supor. E, ainda por cima, o alcoolismo...”

Primeira Parte, capítulo 6: Esquizofrenia, como foi dito

O nome dito pela primeira vez, dentro do hospício.

“Ontem, em Patriarchi Prudý, o senhor se encontrou com Satanás.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

Woland diante da cabeça de Berlioz, no fim do baile.

“Isso é fato. E um fato é a coisa mais teimosa do mundo.”

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

PERDÃO

O perdão aparece primeiro em chave de farsa. No capítulo 12, depois que **Behemoth** arranca a cabeça do mestre de cerimônias Bengálski, Fagot pergunta à plateia se devem perdoá-lo, e o teatro inteiro grita que sim; **Woland** comenta que a misericórdia às vezes bate no coração daquela gente e manda pôr a cabeça no lugar.

O caso sério começa no baile, no capítulo 23. **Frida** sufocou o filho recém-nascido com um lenço e, há trinta anos, ao acordar, encontra o lenço na mesinha de cabeceira; ao chegar diante de **Margarida**, só repete o próprio nome, e Margarida lhe diz que beba e não pense em nada. No capítulo 24, convidada a pedir uma paga, Margarida gasta o pedido com Frida. Woland se recusa a fazê-lo, porque aquilo é assunto de outro departamento, e é a própria Margarida quem a perdoa; na mesma noite ela recusa que a comitiva vá atrás do crítico **Latunski**.

O capítulo 32 refaz a cena em escala maior. Diante de Pôncio Pilatos, sentado há quase dois mil anos numa poltrona de pedra, Margarida pergunta se doze mil luas por uma não é castigo demais, e Woland

lhe pergunta se ela está repetindo a história de Frida. Ela grita que o deixem ir; Woland responde que não é preciso interceder, porque "aquele que quer conversar com ele" já o fez, e entrega ao **O mestre** a frase que termina o romance dele. O mestre grita que Pilatos está livre. No Epílogo, no sonho de **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**, Pilatos suplica ao jovem de túnica maltrapilha que o acompanha pelo caminho de luar (o Epílogo não o nomeia; o leitor reconhece **Yeshua Ha-Notzri**) que diga que a execução não existiu, e ouve que não existiu.

O livro separa o perdão do poder. Woland, que tem poder de sobra, não perdoa ninguém: no capítulo 24 diz que não fez nada, e no 32 avisa que o pedido já foi feito por outro. Quem perdoa são os que têm direito sobre a ofensa ou sobre a história: Margarida, que pede por Frida antes de pedir por si; o mestre, autor do romance em que Pilatos estava preso; e Yeshua, a única vítima que o procurador precisava ouvir. O perdão do fim não vem como sentença de juiz, vem na forma que Pilatos pede no Epílogo, dita por quem sofreu a execução.

Frida no baile, pedindo socorro com o próprio nome.

"Frida, Frida, Frida! Meu nome é Frida, oh, rainha!"

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

O perdão que Woland se recusa a dar e Margarida dá.

"Você está sendo perdoada. Não vão mais estender o lenço."

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

A resposta de Woland ao grito de Margarida por Pilatos.

Ao grito de Margarida para que deixem Pilatos ir, Woland responde que a intercessão já foi feita por outro. "Não precisa interceder por ele, Margarida, pois aquele que quer conversar com ele o fez."

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

A frase com que o mestre termina o próprio romance.

"Está livre! Está livre! Ele está esperando por você!"

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

A súplica de Pilatos no caminho lunar.

"Que execução vil! Por favor, diga-me [...] que ela não existiu! Suplico, diga-me, não existiu?"

Epílogo

ARTE

A literatura sob encomenda está no romance desde a primeira cena. No capítulo 1, **Berlioz**, editor de revista e presidente da Massolit, discute com o poeta **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** o poema antirreligioso que ele escreveu por encomenda, e quer corrigi-lo: Jesus não devia aparecer com traços negativos, devia não ter existido. No capítulo 5, a Casa Griboiêdov reparte entre os sócios viagens,

casas de veraneio e o melhor restaurante de Moscou, e o que se inveja nela é uma carteirinha; no 6, o poeta Riúkhin, diante da estátua de Púchkin, admite para si mesmo que não acredita numa palavra do que escreve.

Contra isso está o romance do **O mestre**, escrito sobre Pilatos num subsolo perto da Arbat, com as últimas palavras sabidas de antemão. O capítulo 13 conta o resto: a recusa do editor, os artigos de Ariman, Lavrôvitch e **Latunski**, a palavra "pilatismo", o medo, o manuscrito no forno. No capítulo 21, **Margarida**, já bruxa, destrói o apartamento de Latunski; no 24, **Woland** pede para ver o romance, **Behemoth** o tira intacto de debaixo de si, e Woland não aceita que ele tenha ardido. No 28, **Korôviev** é barrado na porta da Griboiêdov por não ter identidade de escritor, e a casa termina em chamas.

O fim do livro é o fim do romance do mestre. No capítulo 29, **Mateus Levi** diz a Woland que "ele" leu a obra do mestre; no 32, Woland deixa claro que quem leu é aquele que quer ver Pilatos, e que o refúgio do casal foi pedido por **Yeshua Ha-Notzri**. No capítulo 30, o mestre, que sabe o livro de cor, avisa a Ivan que não vai mais escrever sobre aquele herói. No 32, Woland lhe pede que termine o romance com uma frase, e a frase liberta Pôncio Pilatos; a última linha do capítulo retoma as palavras que o mestre, no capítulo 13, já sabia que fechariam o seu livro.

O livro opõe duas maneiras de ser escritor e as resolve de modo desigual. A Massolit tem carteirinha, restaurante e verbas, e não tem obra; o mestre tem a obra e perde todo o resto, até o nome. Korôviev diz isso em voz alta na porta da Griboiêdov, pouco antes de ela arder. A frase de Woland no capítulo 24 não promete que a arte vença no mundo que a queimou; promete que ela não depende desse mundo, e o romance confirma ao dar ao leitor certo, e não ao conselho editorial, a decisão sobre o destino do autor.

A confissão de Riúkhin, o retrato do poeta da Massolit.

"A glória nunca chegará àquele que escreve poemas ruins. E por que são ruins? A verdade, ele disse a verdade! [...] Não acredito em uma palavra do que escrevo..."

Primeira Parte, capítulo 6: Esquizofrenia, como foi dito

O mestre lembra a noite em que queimou o romance.

"É muito difícil fazer isso, porque o papel escrito queima a contragosto."

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

A resposta de Woland ao autor que diz ter destruído a obra.

"Desculpe, não posso acreditar [...], isso não é possível. Manuscritos não ardem."

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

O critério da Griboiêdov invertido na porta da própria casa.

Na porta, a cidadã do livro de registro pede a identidade de escritor da dupla, e Korôviev inverte o critério da casa. "Não são as identidades que definem um escritor, mas aquilo que ele escreve!"

Segunda Parte, capítulo 28: As últimas aventuras de Korôviev e Behemoth

O pedido que chega a Woland por causa de uma leitura.

“Ele leu a obra do mestre [...] e pede que você leve o mestre consigo e lhe devolva a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

CORAGEM E HEROÍSMO

O romance mede a coragem pelo avesso: fala muito mais de covardia do que de heroísmo. No capítulo 2, **Yeshua Ha-Notzri** diz a Pôncio Pilatos que a dor de cabeça dele é tão forte que ele covardemente pensa na morte, e, depois de chicoteado, observa que dizer a verdade é fácil e agradável. O procurador conclui que o prisioneiro não cometeu crime algum, mas, diante da fala registrada contra César, confirma a sentença.

No capítulo 25, **Afrânio** repete a Pilatos as últimas palavras do condenado: entre todas as fraquezas humanas, a pior é a covardia. É logo depois de ouvi-las que o procurador pede notícias de **Judas de Kerioth** e encomenda, sob o nome de proteção, a morte do traidor. No Gólgota, no capítulo 16, **Mateus Levi** tinha falhado de outro modo: quis romper o cerco com uma faca roubada para poupar Yeshua da agonia, chegou tarde e ficou sentado numa pedra, amaldiçoando o céu.

Em Moscou, a covardia é do **O mestre**. No capítulo 13 ele conta a Ivan que, atacado pelos artigos, adoeceu de medo, passou a temer o escuro, queimou o romance e recusou a oferta de Margarida de ficar com ele. No capítulo 29, Levi traz o veredito: o mestre não mereceu a luz, mereceu a tranquilidade. No capítulo 32, **Woland** retoma a frase de Yeshua diante de Pilatos, sentado há quase dois mil anos ao lado do seu cão, e conclui que o cachorro não é culpado.

O heroísmo, neste livro, quase não é de homem. Quem age com ousadia é **Margarida**, que segue um desconhecido, vira bruxa e preside o baile; os homens que deveriam ter resistido, o procurador, o mestre e o próprio Levi, recuam ou chegam tarde. A frase do capítulo 25 é a régua com que o romance distribui o destino final: Pilatos fica dois mil anos preso à conversa que não teve coragem de sustentar, o mestre recebe o sossego e não a luz, e o cão, que só ficou ao lado do dono, é declarado sem culpa.

O diagnóstico que Yeshua faz do juiz, no primeiro interrogatório.

“A verdade, antes de tudo, é que a sua cabeça está doendo, e dói tão forte que você covardemente pensa na morte”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

As últimas palavras do condenado, entregues como informação de rotina.

“Disse somente que entre todas as fraquezas humanas a que ele considera pior é a covardia.”

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

A sentença sobre o mestre, que separa a luz do sossego.

“Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

A frase de Yeshua aplicada, dois mil anos depois, a quem ficou ao lado de Pilatos.

Woland retoma a frase de Yeshua Ha-Notzri ao apresentar o prisioneiro dos dois mil anos, e a usa para absolver quem estava ao lado dele. “Caso seja verdade que a covardia é o pior defeito, então penso que o cachorro não é culpado.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

PODER

A tese sobre o poder é dita no capítulo 2 por Yeshua Ha-Notzri, diante de Pôncio Pilatos: todo poder é uma violência contra as pessoas, e chegará um tempo sem poder algum, nem o dos Césares. Foi por dizer isso a Judas de Kerioth, que o recebera em casa e insistira em perguntar sobre o poder do Estado, que ele foi preso. Pilatos o julga um filósofo vadio, sem crime, e chega a formular uma sentença branda, mas a fala contra César está registrada, Caifás escolhe soltar Bar-Raban, e o procurador confirma a morte. Quando o prisioneiro garante que o reino da verdade virá, Pilatos grita que nunca virá.

Em Moscou, o poder é a máquina administrativa e o medo que ela produz. No capítulo 15, o sonho de Nikanor Ivânovitch Bossôï é um teatro onde se arrancam do público, uma a uma, confissões de moeda estrangeira escondida em casa. No capítulo 17, o presidente da comissão de espetáculos é um terno vazio que continua a despachar papéis atrás da mesa.

Em Yerushalaim, o mesmo poder que condenou age às escondidas. No capítulo 16, cada lançada que abrevia a agonia dos crucificados vem com a fórmula de glória ao generoso Hegemon. No capítulo 25, Pilatos pede a Afrânio, chefe da sua guarda secreta, que tome todas as medidas pela segurança de Judas; no 26, Judas é atraído ao jardim de Getsêmani e esfaqueado, o dinheiro da traição é jogado no palácio de Caifás com um bilhete, e Pilatos diz a Mateus Levi, que jurava matar Judas, que foi ele. No capítulo 32, Woland conta que o procurador odeia, mais do que tudo no mundo, a própria imortalidade e a glória sem precedentes.

O livro põe o poder em dois tempos e encontra o mesmo medo nos dois: Pilatos condena porque teme a denúncia a César, e Moscou se governa pela denúncia do vizinho, a ponto de a comitiva de Woland usar contra Nikanor um simples telefonema de denúncia em nome de um vizinho. A resposta de Pilatos no capítulo 2 é desmentida pelo próprio enredo, mas não do modo que Yeshua anuncia: o poder de César não acaba, apenas deixa de importar para o homem que o exerceu, porque o que o prende por dois mil anos é a conversa interrompida com um prisioneiro sem poder nenhum.

A frase pela qual Yeshua foi preso.

“qualquer poder é uma violência contra as pessoas e que chegará o tempo em que não haverá mais o poder [...] O homem passará para o reino da verdade e da justiça, onde não haverá necessidade de poder algum”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

A réplica do procurador, que o livro passa o resto do enredo testando.

“Ele nunca virá!”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

O poder de Moscou reduzido à pura função.

“Atrás da enorme mesa de escritório, com um tinteiro maciço, estava o terno vazio, que escrevia com a pena seca pelo papel.”

Primeira Parte, capítulo 17: O dia intranquilo

A fórmula do carrasco no Gólgota.

“Dê glória ao generoso Hegemon!”

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

A confissão de Pilatos a Levi, a justiça feita às escondidas.

“Fui eu”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

AMOR

O amor entra no romance tarde, no capítulo 13, e entra contado de segunda mão: é o **O mestre** quem narra a **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**, no hospício, o encontro, na primavera anterior, com uma desconhecida que levava flores amarelas. Ela era casada, passou a visitá-lo todos os dias no subsolo perto da Arbat, leu o romance sobre Pilatos enquanto ele o escrevia e foi quem começou a chamá-lo de mestre. Quando os ataques dos críticos o adoecem de medo e ele queima o manuscrito, ela chega a tempo de salvar um maço de folhas e promete deixar o marido; ele recusa, doente e com medo de arrastá-la consigo.

A Segunda Parte abre com ela, no capítulo 19, e só então ela ganha nome: **Margarida Nikoláievna**, trinta anos, casada com um homem rico e bom a quem não ama, vivendo há meses o luto por um homem que ninguém sabe se está vivo. O narrador interrompe a história para garantir ao leitor que o amor verdadeiro existe. Daí em diante é o amor que move o enredo: ela aceita o convite de **Azazello** porque ele promete notícias do mestre, passa o creme e deixa ao marido um bilhete de adeus no capítulo 20, destrói o apartamento do crítico **Latunski** no capítulo 21 e preside o baile de **Woland** no 23.

No capítulo 24, quando Woland lhe oferece a paga, ela pede primeiro por **Frida** e só depois pelo mestre, que volta do hospício doente e assustado. Dali ao fim o amor aparece sobretudo como constância: no capítulo 29, **Mateus Levi** pede a Woland que leve junto aquela que amou o mestre e sofreu por ele; no 30, o mestre pede que ela volte para casa, e ela recusa; no 32, é ela quem o conduz até a casa eterna e promete guardar o seu sono.

O romance dá ao amor a iniciativa que nega ao talento: o mestre escreve o livro e o queima, Margarida salva do fogo o que restou e depois o tira do hospício. A imagem do capítulo 13, o amor que surge como um assassino numa travessa, já avisa que ele não vai pedir licença à moral corrente, e de fato

não pede: o adultério, o pacto e a bruxaria são o preço que ela paga, e o livro não a censura por nenhum deles. O desfecho recompensa esse amor com sossego, não com glória, e quem tem a última fala na caminhada até a casa eterna é ela, não o mestre.

O encontro na travessa, contado pelo mestre, com a imagem que define o amor no livro.

“O amor surgiu diante de nós, como um assassino que surge do nada em uma travessa, e nos acertou em cheio.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

A abertura da Segunda Parte, em que o narrador fala direto ao leitor.

“Quem lhe disse que não existe no mundo o verdadeiro, o fiel, o eterno amor? Pois que cortem a língua desse mentiroso infame!”

Segunda Parte, capítulo 19: Margarida

O bilhete deixado ao marido, a ruptura sem volta.

“Perdoe-me e me esqueça o mais rápido possível. Estou te abandonando para a eternidade. Não me procure, é inútil. Tornei-me uma bruxa por causa das desgraças e das tristezas que me atingiram. Está na minha hora. Adeus.”

Segunda Parte, capítulo 20: O creme de Azazello

O reencontro, que não tem nada de triunfal.

“Não chore, Margot, não me faça sofrer. Estou muito doente.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

A chegada à casa eterna, na voz de Margarida.

“Ouça o sossego [...] ouça e deleite-se com aquilo que não lhe deram em vida, o silêncio.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

PERSONAGENS

O MESTRE

QUEM É

Historiador e tradutor que ganhou cem mil rublos numa bonificação de loteria, largou o museu, alugou dois cômodos no subsolo de uma casinha perto da Arbat e passou a escrever, isolado, um romance sobre Pôncio Pilatos. Recusa o próprio nome e se apresenta pelo título que a amada lhe deu.

“Sou um mestre.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

O romance que ele escreveu é o plano de Yerushalaim do livro: depois de Woland no capítulo 2 e do sonho de Ivan no capítulo 16, é o próprio manuscrito, relido por Margarida no fim do capítulo 24, que conduz a história de Pilatos nos capítulos 25 e 26.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 13** entra à noite pela varanda do quarto de Ivan no hospício, ouve o relato de Patriarchi Prudy e conta a própria história: o encontro na rua com a mulher das flores amarelas, o romance recusado, os artigos de Ariman, Latunski e Mstislav Lavrôvitch, o medo do escuro, o manuscrito (ver **O manuscrito**) queimado no forno numa noite de outubro e a internação voluntária na clínica de Stravinski (ver **A clínica de Stravinski**).

“O amor surgiu diante de nós, como um assassino que surge do nada em uma travessa, e nos acertou em cheio.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

“É muito difícil fazer isso, porque o papel escrito queima a contragosto.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

No **capítulo 24** é trazido do hospício ao quarto de Woland, ainda de roupão e gorro, a pedido de Margarida. **Behemoth** tira o romance intacto de baixo do próprio corpo, a comitiva apaga o rastro de Aloisi Mogarytch, o vizinho que o denunciou para tomar o apartamento, e o casal volta ao porão da Arbat.

“Não chore, Margot, não me faça sofrer. Estou muito doente.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

“Desculpe, não posso acreditar [...], isso não é possível. Manuscritos não ardem.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No **capítulo 29** o destino dele é decidido sem a presença dele, no terraço, pelo recado que Mateus Levi traz a Woland.

“Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

No capítulo 30 bebe o Falerno de Azazello, morre com Margarida e despede-se de Ivan no hospital; no capítulo 31 sente nas colinas dos Pardais o "pressentimento de paz permanente"; e no capítulo 32, diante de Pilatos, recebe de Woland a decisão sobre ele e o liberta com uma frase. Depois segue para a casa eterna, enquanto a memória dele, "perfurada de agulhas", começa a se apagar.

“Envenenador...”

Segunda Parte, capítulo 30: Está na hora! Está na hora!

“Está livre! Está livre! Ele está esperando por você!”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

“Para lá, para lá! Lá o aguardam uma casa e o velho escravo, as velas já estão acesas, mas logo se apagarão, porque você encontrará o amanhecer imediatamente.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

No Epílogo volta nos sonhos de Ivan, ao lado de Margarida.

“Terminou assim, meu discípulo”

Epílogo

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Arte, Coragem e heroísmo e Perdão. As duas leituras do guia sobre por que ele recebe o refúgio (ver [A casa do refúgio](#)) e não a luz:

A distinção retoma, de outro ângulo, a covardia que Yeshua Ha-Notzri condenara: o mestre queimou o próprio romance e desistiu de defendê-lo diante da perseguição, e é esse recuo, não a obra em si, que o desqualifica para a luz sem lhe negar o descanso.

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

O livro diz com todas as letras, no capítulo 29, que o mestre "não fez por merecer a luz", e o que lhe oferece no lugar, em detalhe doméstico (parreiras, Schubert, penas de ganso), é o oposto do jardim luminoso de Pilatos. Não é castigo: no capítulo 32 a casa é dada como recompensa, "aquilo que Yeshua pediu por vocês". Pilatos falhou por covardia diante do poder e espera quase dois mil anos pela conversa; o mestre falhou por fraqueza diante da crítica (queimou o próprio romance) e ganha o repouso, não a luz. Cada um recebe o que a própria falha deixou alcançar.

Segunda Parte, caps. 30-32 e epílogo - Perdão e refúgio eterno

Ele entra no livro abrindo mão do nome e sai dele perdendo a memória: no capítulo 13 renuncia ao nome próprio e fica só com o título que a amada lhe deu; no 32 a memória se apaga no mesmo movimento em que ele termina o romance libertando Pilatos. O que sobra entre uma ponta e outra,

segundo a nota dos capítulos 30 a 32 e do Epílogo, é a palavra "discípulo", dita a Ivan no hospital e repetida no sonho do Epílogo.

RELAÇÕES

- **Margarida**: a amada, que lhe dá o título de mestre e o vai buscar ao custo do baile.
- **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**: o vizinho de hospício a quem conta a história e a quem chama de discípulo.
- **Woland**: quem lhe devolve o manuscrito e lhe oferece o refúgio.
- Pôncio Pilatos e **Yeshua Ha-Notzri**: os personagens do romance dele; Pilatos é libertado pela frase que ele grita, e o refúgio é, nas palavras de Woland, "aquilo que Yeshua pediu por vocês".
- **Latunski**: um dos críticos cujos artigos atacaram o romance.
- **Mateus Levi**: quem leva a Woland o pedido sobre o destino dele.
- **Azazello**: quem lhe serve o Falerno.

MARGARIDA

QUEM É

Margarida Nikoláievna, trinta anos, casada com um marido rico e bom a quem não ama, que vive há meses de luto pelo mestre, desaparecido depois de queimar o romance. No **capítulo 13** ela aparece o tempo todo sem nome, só como "ela"; a partir do **capítulo 19** é quem conduz a ação, e é por ela que as duas tramas do livro se encontram.

“Tinha que ou esquecê-lo, ou morrer. Pois não podia mais levar a vida assim.”

Segunda Parte, capítulo 19: Margarida

TRAJETÓRIA

No **capítulo 13**, pela voz do mestre, é a desconhecida das flores amarelas, que passa a visitá-lo todos os dias, lê os manuscritos, começa a chamá-lo de mestre e chega a tempo de salvar do fogo só um maço de folhas queimadas.

“Ela levava nas mãos flores abomináveis, de um amarelo inquietante.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

“Vou salvá-lo, vou salvá-lo. O que significa tudo isso?”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

No **capítulo 19** aceita o convite de Azazello sem saber a quem se entrega; no **capítulo 20** passa o creme, rejuvenesce, escreve o bilhete ao marido e sai voando. No **capítulo 21** destrói o apartamento de Latunski com um martelo e para diante de um menino assustado no escuro. No **capítulo 22** é escolhida entre cento e vinte e uma Margaridas de Moscou e no **capítulo 23** preside o baile da lua (ver **A lua**) cheia; no **capítulo 24**, na hora da paga, pede primeiro por Frida; só no segundo pedido, concedido de graça, pede o mestre.

“Perdoe-me e me esqueça o mais rápido possível. Estou te abandonando para a eternidade. Não me procure, é inútil. Tornei-me uma bruxa por causa das desgraças e das tristezas que me atingiram.”

Está na minha hora. Adeus.”

Segunda Parte, capítulo 20: O creme de Azazello

“Latunski! [...] Latunski! Foi ele que... Foi ele que acabou com o mestre!”

Segunda Parte, capítulo 21: O voo

A cena do menino é o único momento do voo em que Margarida usa o poder recém-ganho para consolar, não para destruir ou seduzir; o romance a coloca logo depois da vingança contra Latunski, como se quisesse mostrar as duas faces da mesma força antes do baile.

Segunda Parte, capítulo 21: O voo

“Quero que parem de estender à Frida o lenço com o qual ela sufocou seu próprio bebê.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No capítulo 29, no terraço, Mateus Levi pede que ela, que amou e sofreu pelo mestre, seja levada junto com ele.

No capítulo 30 morre com o mestre depois do brinde com o Falerno de Azazello; no capítulo 31 olha para trás nas colinas dos Pardais e já não vê Moscou; no capítulo 32 pede clemência para Pilatos e guia o mestre até a casa eterna pela ponte de pedra. No Epílogo aparece com o mestre nos sonhos de Ivan e o beija na testa.

“Ouça o sossego [...] ouça e deleite-se com aquilo que não lhe deram em vida, o silêncio.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ela são Amor, Compaixão e caridade e Sacrifício. A fala do narrador ao leitor no capítulo XIX, recurso que, segundo a nota do capítulo 19, é raro no romance:

“Quem lhe disse que não existe no mundo o verdadeiro, o fiel, o eterno amor? Pois que cortem a língua desse mentiroso infame!”

Segunda Parte, capítulo 19: Margarida

Os dois pedidos que decidem o lugar de Margarida no livro são por quem ela mal conhece: por Frida, que viu uma única vez no baile, e por Pilatos, a quem nunca viu, no capítulo 32. Para si, quando Woland lhe pergunta "O que deseja para si?", pede o mestre de volta; e no resto da noite ainda suplica por Latunski e intercede por Natacha. O "nunca peça nada" de Woland vem logo antes do pedido por Frida, quando ela acaba de recusar qualquer paga.

RELAÇÕES

- **O mestre:** o amado, que ela chama de mestre e vai buscar ao custo de virar bruxa.
- **Woland:** quem a recebe como rainha do baile e lhe concede os pedidos.
- **Azazello:** quem lhe traz o convite e o creme, e depois o Falerno.

- **Korôviev**: quem a recebe no apartamento 50 (ver **O apartamento 50**) e lhe explica a condição do baile.
- **Frida**: a convidada do baile por quem ela faz o primeiro pedido.
- **Latunski**: o crítico cujo apartamento ela destrói.
- **Hella e Behemoth**: o restante da comitiva que ela conhece no apartamento 50.
- **Pôncio Pilatos**: o homem da poltrona de pedra, para quem ela pede clemência.
- **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**: a quem ela aparece nos sonhos do Epílogo.

WOLAND

QUEM É

Estrangeiro de olhos desparelhados, um verde e um preto, que chega a Moscou como consultor contratado para decifrar os manuscritos do necromante Gerbert D'Aurillac e diz ser especialista em magia negra. Do cartão de visita, Ivan só consegue ler a inicial do sobrenome, um "W"; o nome inteiro ele mesmo dá a Stiopa Likhodêiev no apartamento 50 (ver **O apartamento 50**), e é o mestre quem diz a Ivan quem ele é.

“Ontem, em Patriarchi Prudý, o senhor se encontrou com Satanás.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

A nota dos capítulos 1 a 5 lê a epígrafe do romance, tirada do *Fausto*, como a chave dele: um poder que não precisa querer o bem para produzi-lo.

A epígrafe é a chave de leitura de Woland em Moscou: ele não cria o mal, põe a cidade à prova, e o que tenta (como o maço que Korôviev empurra a Nikanor) só pega em quem já estava disposto; não precisa querer o bem para produzi-lo. Quem for citar a passagem fora do romance deve saber que ela é de Fausto, onde é Mefistófeles quem se apresenta assim a Fausto, e que Bulgákov a toma emprestada sem a ironia do contexto original.

Primeira Parte, caps. 1-5 - A chegada de Woland e a morte de Berlioz

TRAJETÓRIA

No **capítulo 1** senta-se ao lado de Berlioz e Ivan em Patriarchi Prudý, lembra a sexta prova de Kant, que ele diz ter criticado ao próprio Kant num café da manhã, anuncia a Berlioz a morte e o óleo de Ánnuchka; no **capítulo 2** narra o interrogatório de Pilatos como quem estava lá.

“Vão cortar sua cabeça!”

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

“Eu presenciei tudo isso pessoalmente. Estive na varanda com Pôncio Pilatos, no jardim, quando ele conversou com Caifás, estive também no palanque, só que às escondidas, incógnito”

Primeira Parte, capítulo 3: A sétima prova

No **capítulo 7** aparece ao lado da cama de Stiopa com um contrato de sete apresentações no Teatro de Variedades, instala a comitiva no apartamento 50 e, no **capítulo 12**, na sessão de magia negra, depois da chuva de dinheiro sobre a plateia, dá o veredito sobre os moscovitas.

“Mestre em magia negra, Woland”

Primeira Parte, capítulo 7: Um apartamento sinistro

“São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu...”

Primeira Parte, capítulo 12: Magia negra e sua revelação

No capítulo 18 recebe Sókov, o gerente da lanchonete do teatro, pergunta quanto ele tem de economia e quando pretende morrer, e uma voz do quarto ao lado anuncia prazo e causa da morte, com a mesma segurança com que Woland sentenciara Berlioz.

“ele irá morrer daqui a nove meses, em fevereiro do ano que vem, de câncer de fígado”

Primeira Parte, capítulo 18: Os visitantes azarados

No capítulo 22 Margarida o encontra deitado, doente, numa camisa suja e remendada, com Hella cuidando do joelho. No capítulo 23, no fim do baile, recebe num prato a cabeça de Berlioz (ver *A cabeça de Berlioz*), que transforma em taça; no capítulo 24, depois do jantar, quando Margarida gasta o pedido perdendo ela mesma *Frida*, declara que aquilo não conta, porque ele não fez nada, e lhe pergunta o que deseja para si; e recusa a explicação do mestre de que o romance foi destruído no fogo.

“Isso é fato. E um fato é a coisa mais teimosa do mundo.”

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

“Nunca peça nada! Nunca peça nada, principalmente àqueles que são fortes. Eles vão oferecer por conta própria e darão tudo também.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

“Desculpe, não posso acreditar [...], isso não é possível. Manuscritos não ardem.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No capítulo 29 observa do terraço a fumaça da Casa Griboiêdov, recebe Mateus Levi, que o chama de "espírito do mal e soberano das sombras", e concorda em levar consigo o mestre e Margarida.

“o que faria a sua bondade se não existisse a maldade, como seria a terra se dela sumissem as sombras”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

No capítulo 31 espera o casal a cavalo nas colinas dos Pardais; no capítulo 32 apresenta o homem da poltrona de pedra, devolve ao mestre a decisão sobre ele e oferece ao mestre não Yerushalaim nem Moscou, mas a casa com parreiras e música de Schubert.

Woland retoma a frase de Yeshua Ha-Notzri ao apresentar o prisioneiro dos dois mil anos, e a usa para absolver quem estava ao lado dele. “Caso seja verdade que a covardia é o pior defeito, então penso que o cachorro não é culpado.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

“Para lá, para lá! Lá o aguardam uma casa e o velho escravo, as velas já estão acesas, mas logo se apagarão, porque você encontrará o amanhecer imediatamente.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Bem e mal, Sobrenatural e Aparência e realidade. A leitura do capítulo 17 sobre a forma das punições da comitiva:

É a segunda vez, depois da sessão de magia do capítulo 12, que a trupe de Woland transforma dinheiro em algo diferente do que parecia. A punição de Rímski, Nikanor e agora Vassili Stepánovitch tem sempre a mesma forma: não rouba, expõe, revirando contra a vítima aquilo que ela mais teme ser flagrada guardando ou fazendo.

Primeira Parte, capítulo 17: O dia intranquilo

Woland passa o livro pronunciando sentenças sobre os outros: a cabeça de Berlioz, a conta dos nove meses de Sókov, o veredito sobre a plateia do teatro, o fato teimoso diante da cabeça. A última sentença que ele pronuncia não é dele: é a frase de Yeshua sobre a covardia, que chegou a Pilatos pelo relatório de Afrânio no capítulo 25 e que Woland retoma no capítulo 32, com um "caso seja verdade", para declarar sem culpa o cachorro de Pilatos.

RELAÇÕES

- **Korôviev, Behemoth, Azazello e Hella:** a comitiva.
- **Abaddon:** o demônio de óculos escuros que ele mostra a Margarida depois de apresentar a comitiva.
- **Berlioz e Ivan Nikoláievitch Bezdômny:** os dois interlocutores de Patriarchi Prudý, um sentenciado, o outro levado ao hospício.
- **Margarida:** a rainha do baile, a quem ele concede o mestre.
- **O mestre:** o autor do romance sobre Pilatos, a quem devolve o manuscrito (ver **O manuscrito**) e oferece o refúgio (ver **A casa do refúgio**).
- **Mateus Levi:** o mensageiro que lhe traz o pedido sobre o destino do casal.
- **Yeshua Ha-Notzri e Pôncio Pilatos:** o interrogatório que ele diz ter presenciado, e a frase de Yeshua que ele retoma no fim.
- **Mefistófeles:** quem diz, no Fausto, a frase que o romance usa como epígrafe.

KORÔVIEV

QUEM É

Homem alto de pincenê quebrado, da comitiva de Woland, que se apresenta como intérprete dele e, no Teatro de Variedades, também como Fagot. É ele quem negocia o apartamento 50 (ver **O**

apartamento 50) com Nikanor Ivânovitch e quem recebe Margarida para o baile, e no capítulo 32 a lua (ver A lua) revela por baixo dele um cavaleiro sombrio que paga por "uma brincadeira infeliz" com um trocadilho sobre luz e trevas.

“O que significa ser representante oficial ou não oficial? Tudo isso depende de que ponto de vista você olha para o objeto. Tudo isso, Nikanor Ivânovitch, é relativo e instável.”

Primeira Parte, capítulo 9: Truques de Korôviev

TRAJETÓRIA

No capítulo 4 aparece, junto ao estrangeiro, um sujeito de roupa xadrez e pincenê rachado que se apresenta como ex-regente de coral, ainda sem nome.

No capítulo 7 aparece no espelho de Stiopa Likhodêiev; no capítulo 9 recebe Nikanor Ivânovitch sentado à mesa do finado Berlioz, aluga o apartamento 50 por uma semana, põe-lhe na mão um maço extra de rublos e depois o denuncia por telefone, passando-se por um vizinho: o maço vira dólares (ver O dinheiro estrangeiro) e Nikanor é preso. No capítulo 12, na sessão de magia negra, está no palco ao lado de Woland e Behemoth.

No capítulo 17 ele mesmo, de calça xadrez e pincenê quebrado, faz-se de regente e deixa os funcionários de uma filial administrativa cantando em coro sem conseguir parar, e no capítulo 18 é ele quem recebe Poplavski no apartamento 50 com um choro teatral.

No capítulo 22 recebe Margarida com uma lamparina, explica a quinta dimensão que faz caber um salão de baile no apartamento e a condição de que a dona do baile se chame Margarida. No capítulo 24, depois do baile, joga na lareira o prontuário do mestre, decretando que quem não tem documento não existe, e apaga Aloísi Mogarytch do livro de registro residencial.

No capítulo 28 reaparece com Behemoth no centro de Moscou: na loja Torgsin discursa em defesa do "pobre faminto", e na Griboiêdov a dupla assina com os nomes trocados de dois críticos do século XIX, Panáev e Skabitchévski. No capítulo 29 volta ao terraço com Behemoth, que traz um cálice, um avental chamuscado e um salmão.

O discurso de Korôviev não defende o furto, expõe o critério de entrada, e o alvo não é o vendedor: é o cliente que pode pagar. “está trajando um terno social lilás, está inchado de tanto salmão, mas tem dinheiro estrangeiro, e o nosso, o nosso?!”

Segunda Parte, capítulo 28: As últimas aventuras de Korôviev e Behemoth

No capítulo 31 disputa com Behemoth quem assobia mais forte nas colinas dos Pardais, e o assobio dele arranca um carvalho pela raiz e racha a terra até o rio. No Epílogo, a investigação de Moscou atribui tudo a uma quadrilha de hipnotizadores, e as suspeitas pesam sobre ele.

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Aparência e realidade e Dinheiro e riqueza. A leitura do capítulo 28 sobre a cena da Torgsin:

É a cena mais diretamente documental do romance, e por isso a mais citada fora dele por historiadores: as lojas Torgsin existiram, vendiam comida a quem entregasse ouro, prata ou moeda estrangeira (ver *O dinheiro estrangeiro*), e funcionaram durante a fome. A sátira de Bulgákov não inventa nada, apenas põe dois demônios na fila e deixa que o critério fale por si.

Segunda Parte, capítulo 28: As últimas aventuras de Korôviev e Behemoth

Korôviev trabalha com papel: o contrato e o recibo de Nikanor Ivânovitch, o maço que vira dólares, o livro de identificação da Griboiêdov assinado com nomes trocados, o prontuário do mestre, que ele joga no fogo junto com a frase de que quem não tem documento não existe, e o registro de moradia de Mogarytch. A investigação do Epílogo, feita de depoimentos e registros, termina pondo justamente sobre ele as suspeitas.

RELAÇÕES

- **Woland**: de quem se diz intérprete.
- **Behemoth**: o parceiro dos incêndios do capítulo 28 e da disputa de assobio.
- **Azazello e Hella**: o restante da comitiva.
- **Nikanor Ivânovitch Bossô**: o presidente do condomínio que ele faz prender por dólares.
- **Margarida**: a quem explica as regras do baile.

BEHEMOTH

QUEM É

O gato preto enorme da comitiva de Woland, que anda nas patas traseiras, joga xadrez com peças vivas e fala. No capítulo 32 a lua (ver *A lua*) revela por baixo dele um jovem pajem demoníaco.

“Não estou fazendo nada, não estou incomodando ninguém, estou consertando o fogareiro [...] e ainda considero uma obrigação avisar que o gato é um animal antigo e sagrado”

Segunda Parte, capítulo 27: O fim do apartamento número 50

TRAJETÓRIA

No capítulo 4 aparece, junto ao estrangeiro, um gato preto enorme que anda nas patas traseiras e tenta pagar o bonde com uma moeda, ainda sem nome.

É a primeira vez que o cômico puro entra na obra, e entra colado à cena mais violenta do livro até aqui: o mesmo capítulo que começa com a cabeça decepada de *Berlioz* mostra, poucas páginas depois, um gato tentando pagar o bonde.

Primeira Parte, capítulo 4: A perseguição

No capítulo 7 está na comitiva que decreta que Stiopa sobra no apartamento 50, no capítulo 10 arrasta Variênukha com Azazello e, no capítulo 12, na sessão de magia negra, arranca a cabeça do mestre de cerimônias Bengálski, devolvida ilesa quando a plateia pede perdão por ele.

A dor cômica do mestre de cerimônias, gritando pela própria cabeça decepada e devolvida, é o contraponto físico ao veredito de Woland: a plateia que acabou de pedir clemência é a mesma que, minutos antes, brigava pelas notas caindo do teto. “Minha cabeça, minha cabeça!”

No capítulo 18 exige o passaporte de Poplavski, nega-lhe direito à herança e chama Azazello para expulsá-lo.

No capítulo 22 joga xadrez com peças vivas quando Margarida chega e, no capítulo 24, no quarto de Woland, tira de baixo do próprio corpo o romance do mestre, intacto.

Antes da partida do casal, é ele quem dita a Hella a declaração que Nikolai Ivânovitch exige para a polícia e para a esposa, e a assina.

“abra parênteses, Hella, parênteses! Entre parênteses escreva “porco”. Assinado: Behemoth.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No capítulo 27 é o único que a equipe armada encontra no apartamento 50: troca tiros sem ferir ninguém, finge-se ferido, cura-se com gasolina do fogareiro, incendeia o apartamento e foge pela janela. No capítulo 28, com Korôviev, come sem pagar na loja Torgsin e a incendeia derramando a gasolina do fogareiro; na Griboiêdov, o fogo do fogareiro queima a casa inteira.

No capítulo 31 disputa com Korôviev quem assobia mais forte nas colinas dos Pardais. No voo noturno do capítulo 32, a noite lhe arranca o rabo e o pelo, e o narrador diz o que ele era.

“Aquele gato que divertia o príncipe das trevas revelou-se um jovem magrinho, um demônio pajem, o melhor bobo da corte que existia no mundo.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Aparência e realidade e Sobrenatural.

Os três incêndios dos capítulos 27 e 28 saem do mesmo fogareiro de Behemoth: o do apartamento 50, o da Torgsin e o da Griboiêdov.

RELAÇÕES

- **Woland**: o senhor da comitiva.
- **Korôviev**: o parceiro da Torgsin, da Griboiêdov e da disputa de assobio.
- **Azazello**: com quem arrasta Variênukha e a quem chama para expulsar Poplavski.
- **Hella**: o restante da comitiva.
- **O mestre**: cujo manuscrito (ver **O manuscrito**) ele devolve intacto.

AZAZELLO

QUEM É

É quem vai buscar Margarida e quem a leva, com o mestre, para fora de Moscou.

“Enviaram-me para convidá-la para hoje à noite.”

Segunda Parte, capítulo 19: Margarida

TRAJETÓRIA

No **capítulo 7** aparece com a comitiva no quarto de Stiopa Likhodêiev e, no **capítulo 10**, com Behemoth, arrasta Variênukha até o apartamento 50 (ver **O apartamento 50**).

No **capítulo 18** é chamado pelo gato para expulsar Poplavski do apartamento 50.

No **capítulo 19** aborda Margarida perto do cortejo de **Berlioz** e entrega-lhe o creme numa caixinha de ouro; no **capítulo 23** mata no baile o barão Meigel, delator e espião; e no **capítulo 24** acompanha de carro o mestre e Margarida até o pátio do porão da Arbat. No jantar depois do baile, ainda no capítulo 24, de costas para o travesseiro e sem se virar, acerta com um tiro a carta que Margarida marcou e Hella escondeu sob o travesseiro.

“A marca feita por Margarida havia sido perfurada com a bala.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No **capítulo 29** está no terraço com Woland quando **Mateus Levi** chega, e é a ele que Woland manda resolver o destino do casal.

No **capítulo 30** leva ao subsolo um Falerno que diz ser o vinho do procurador da Judeia, brinda com o casal a Woland e, depois que os dois morrem, leva-os, no **capítulo 31**, às colinas dos Pardais.

“Envenenador...”

Segunda Parte, capítulo 30: Está na hora! Está na hora!

No voo do capítulo 32, a lua (ver **A lua**) desfaz o canino e o olho torto, que se revelam falsos, e mostra a figura verdadeira dele.

“Agora, Azazello voava em sua aparência verdadeira, como um demônio do deserto sem água, demônio assassino.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

TEMAS QUE ENCARNA

O tema-padrão que passa por ele é Morte. A leitura do **capítulo 30** sobre o vinho:

A morte chega como festa, não como punição: o vinho é oferecido como homenagem (“À saúde de Woland!”), e o que pareceu envenenamento cruel era, na verdade, o único jeito de libertar os dois do subsolo, que Azazello em seguida incendeia. Azazello o apresenta como o vinho que o procurador da Judeia bebia; no capítulo 25, porém, o vinho servido a Pôncio Pilatos é um Caecuba, e o Falerno só aparece na pergunta de Afrânio.

Segunda Parte, capítulo 30: Está na hora! Está na hora!

Azazello abre e fecha o caminho de Margarida para fora de Moscou com dois presentes que ela aceita e que mudam o corpo de quem os toma: o creme do **capítulo 19**, que a rejuvenesce dez anos, e o Falerno do **capítulo 30**, que a mata junto com o mestre.

RELAÇÕES

- **Woland**: de quem recebe as ordens.

- **Margarida:** a quem leva o convite, o creme e o vinho.
- **O mestre:** a quem serve o Falerno.
- **Behemoth, Korôviev e Hella:** o restante da comitiva.
- **Abaddon:** quem tira os óculos diante do barão Meigel um instante antes do tiro de Azazello.

HELLA

QUEM É

Jovem ruiva da comitiva de Woland, que ele apresenta a **Margarida** como a própria empregada.

“Deixe eu lhe dar um beijinho”

Primeira Parte, capítulo 10: Notícias de alta

TRAJETÓRIA

No **capítulo 10** intercepta Variênukha no vestibulo do apartamento 50, ainda sem nome, e é ela quem fecha o capítulo.

No **capítulo 14** uma jovem de cabelos ruivos, com a mesma descrição dela, força a janela do jardim e chega a pisar no batente, com manchas de decomposição no corpo, enquanto Variênukha tranca a porta para impedir a fuga de Rímski. Os dois só recuam com o canto do galo.

“O galo, com a voz treinada, cocoricava anunciando que o dia se aproximava de Moscou vindo do leste.”

Primeira Parte, capítulo 14: Glória ao galo!

No **capítulo 18**, é ela quem abre, nua e de avental de renda, a porta do apartamento 50 a Sókov, e Korôviev a chama de Hella ao mandá-la acompanhar o visitante na saída. O narrador registra nela um único defeito.

“A aparência perfeita da moça tinha somente um defeito, que era a cicatriz rósea em seu pescoço.”

Primeira Parte, capítulo 18: Os visitantes azarados

No **capítulo 22** cuida do joelho doente de Woland quando Margarida é apresentada à comitiva, e o narrador amarra as aparições anteriores numa só pessoa.

“A bruxa nua, aquela mesma Hella que tanto envergonhara o funcionário da lanchonete do Teatro de Variedades e aquela que, felizmente, se assustara com o galo na noite da famosa sessão, estava sentada no tapete ao lado da cama”

Segunda Parte, capítulo 22: À luz de velas

Depois do baile, datilografa a declaração que Behemoth dita a Nikolai Ivânovitch.

“abra parênteses, Hella, parênteses! Entre parênteses escreva “porco”. Assinado: Behemoth.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

TEMAS QUE ENCARNA

O tema-padrão que passa por ela é Sobrenatural.

RELAÇÕES

- **Woland**: de quem cuida o joelho.
- **Korôviev**, **Behemoth** e **Azazello**: o restante da comitiva.
- **Abaddon**: o demônio de óculos escuros que Woland mostra a Margarida, fora da apresentação da comitiva.
- Variênukha e Rímski, os dois funcionários do Teatro de Variedades que ela intercepta, e Sókov, a quem abre a porta.

ABADDON

QUEM É

Demônio a serviço de Woland, homem magro, muito pálido, de óculos escuros, que a tradução chama de Abaddon. Woland o mostra a Margarida no capítulo 22 depois de dizer que a comitiva apresentada, Behemoth, Azazello, Korôviev e Hella, está completa, e atribui a ele o trabalho de uma guerra que Margarida acaba de ver no globo.

“Ele não teve tempo de pecar. O trabalho de Abaddon é impecável.”

Segunda Parte, capítulo 22: À luz de velas

TRAJETÓRIA

No capítulo 22, no quarto de Woland, Margarida pergunta de que lado ele está. Woland responde e o chama baixinho: ele surge por trás da parede, os óculos assustam Margarida, e Woland não deixa que os tire.

“Ele é imparcial e tende a ter compaixão pelos dois lados. Como consequência disso, os resultados dos dois lados são iguais.”

Segunda Parte, capítulo 22: À luz de velas

No baile, três jovens que lembram Abaddon ficam ao lado de Azazello, junto de Margarida; no fim, Woland passa entre ele, Azazello e outros parecidos com ele, e é Abaddon quem se põe diante do barão Meigel, o delator, um instante antes do tiro de Azazello.

“Abaddon surgiu diante do barão e, por um segundo, tirou os óculos.”

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Guerra, Morte e Sobrenatural.

RELAÇÕES

- **Azazello**: quem dispara contra o barão Meigel no momento em que ele tira os óculos.
- **Margarida**: a quem Woland o mostra e que pede que ele tire os óculos por um segundo.
- **Korôviev**, **Behemoth** e **Hella**: a comitiva que Woland apresenta antes dele.

YESHUA HA-NOTZRI

QUEM É

O prisioneiro levado a Pôncio Pilatos acusado de incitar o povo a destruir o templo de Yerushalaim, que explica não ter pregado destruição, e sim que o templo da velha crença ruirá e um templo da verdade se erguerá no lugar. Vive no plano de Yerushalaim, que é o romance escrito pelo mestre e, segundo Woland, o que Woland presenciou. a leitura da obra põe na boca dele a tese moral do livro: diz a Pilatos que não existem pessoas maldosas, nem mesmo Marcos Mata-ratos, que acabara de espancá-lo.

“qualquer poder é uma violência contra as pessoas e que chegará o tempo em que não haverá mais o poder [...] O homem passará para o reino da verdade e da justiça, onde não haverá necessidade de poder algum”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

TRAJETÓRIA

No capítulo 2 chama Pilatos de "bom homem", e Pilatos manda o centurião Marcos ensiná-lo a dizer Hegemon, com um golpe de chicote que o derruba. Conta que Judas de Kerioth o recebeu em casa e lhe perguntou sobre o poder do Estado, diagnostica a dor de cabeça do procurador e a falta de afeto a qualquer um que não seja o cão Banga, e responde com serenidade à ameaça de morte. Caifás escolhe três vezes soltar Bar-Raban, e Yeshua é condenado com Dismas e Gestas.

“A verdade, antes de tudo, é que a sua cabeça está doendo, e dói tão forte que você covardemente pensa na morte”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

“Você há de convir que, decerto, só poderá cortar o fio aquele que o pendurou, não é mesmo?”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

No capítulo 16 morre na primeira cruz do Gólgota, ao lado de Dismas e Gestas, com Mateus Levi sentado numa pedra, perto delas. A última palavra que diz não é dirigida a Deus.

“O mais resignado de todos era Yeshua.”

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

“Hegemon...”

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

No capítulo 25 Afrânio repete a Pilatos o que o condenado disse antes de morrer, e no capítulo 26 Levi tenta esconder o corpo numa gruta.

“Disse somente que entre todas as fraquezas humanas a que ele considera pior é a covardia.”

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

No **capítulo 32** é quem espera Pilatos no fim do caminho lunar, depois de quase dois mil anos, e é a ele que Woland atribui o pedido do refúgio (ver **A casa do refúgio**) para o mestre e **Margarida**. No Epílogo, **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** sonha com os dois subindo juntos o caminho lunar.

“Está livre! Está livre! Ele está esperando por você!”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Verdade e mentira, Poder e Coragem e heroísmo.

Uma é "Hegemon", o título que Pilatos mandou Marcos lhe ensinar a chicote; a outra é a frase sobre a covardia, que chega ao procurador pelo relatório de Afrânio, de segunda mão, e que no **capítulo 32** Woland repete para declarar sem culpa o cachorro de Pilatos.

RELAÇÕES

- Pôncio Pilatos: o juiz que formula a absolvição e não a executa, e que o encontra no fim do caminho lunar.
- **Judas de Kerioth**: quem o recebeu em casa e o perguntou sobre o poder.
- **Mateus Levi**: quem fica perto da cruz e leva o corpo.
- **Afrânio**: quem relata a Pilatos a frase sobre a covardia.
- **Woland**: quem diz ter presenciado o interrogatório e retoma a frase dele no fim.
- **O mestre**: o autor do romance em que ele vive.

MATEUS LEVI

QUEM É

O único homem que permanece perto das cruzes no Gólgota, sentado numa pedra enquanto um cerco duplo de soldados romanos afasta os curiosos, sem coragem nem meios para agir. Atravessa os dois planos do romance: em Yerushalaim é quem fica com o corpo de Yeshua; em Moscou é quem sobe ao terraço para levar a Woland o recado sobre o destino do mestre.

“Tu és um deus negro! Eu te amaldiçoo, deus dos bandidos, protetor e alma deles!”

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

TRAJETÓRIA

No **capítulo 16** chega tarde demais: no caminho, planejara passar entre os soldados do cortejo e matar Yeshua com uma faca para livrá-lo do sofrimento, mas não tinha faca, correu à cidade para roubar uma numa venda de pão e, quando voltou, o cortejo já estava ao pé do monte. Amaldiçoa a Deus pelo silêncio do céu e, quando os soldados descem o monte sob a tempestade, sobe sozinho ao monte, corta as cordas dos três corpos e desaparece com o de Yeshua.

A revolta de Levi contra o silêncio divino diante do sofrimento inocente ecoa, num registro bem mais seco, a revolta de Ivã Fiódorovitch em *A Revolta*, de Os Irmãos Karamazov: aqui não há teoria sobre lágrimas de criança, só um homem sozinho, tarde demais, gritando para um céu que não responde.

Primeira Parte, capítulo 16: A execução

No capítulo 26 esconde-se com o corpo de Yeshua numa caverna do monte e, achado pela guarda, reclama o direito de sepultá-lo. Levado a Pilatos, recusa servir na biblioteca do procurador em Cesareia e declara a que vai dedicar a vida, e é a ele que Pilatos revela o que fez.

“Vou matar Judas de Kerioth; a isso, sim, dedicarei o resto da minha vida”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

“Fui eu”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

No capítulo 29 aparece no terraço, hostil e sujo, chama Woland de "espírito do mal e soberano das sombras" e entrega o recado de alguém que o texto nunca nomeia. Pede ainda que Margarida seja levada com o mestre.

“Ele leu a obra do mestre [...] e pede que você leve o mestre consigo e lhe devolva a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

“Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Deus e o divino, Vingança e Lealdade e traição.

Levi quer matar por Yeshua duas vezes e chega depois nas duas: a faca para abreviar a agonia no Gólgota encontra o cerco já fechado, e a promessa de matar Judas encontra Judas já morto por ordem de Pilatos. Na terceira aparição, no terraço de Moscou, ele não traz faca, traz um recado, e é a única das três em que o que ele leva chega a tempo.

RELAÇÕES

- **Yeshua Ha-Notzri**: o condenado de quem ele fica perto na cruz e cujo corpo ele leva.
- **Judas de Kerioth**: o homem que ele jura matar.
- **Pôncio Pilatos**: quem lhe oferece a biblioteca de Cesareia e lhe diz "Fui eu".
- **Woland**: a quem ele leva o recado, chamando-o de soberano das sombras.
- **O mestre e Margarida**: o casal por cujo destino ele intercede.

JUDAS DE KERIOTH

QUEM É

Jovem que convidou Yeshua à própria casa, tratou-o com hospitalidade e perguntou com insistência a opinião dele sobre o poder do Estado; foi pela resposta que homens entraram e prenderam Yeshua. Pilatos entende, pela pergunta, que a acusação nasceu de uma armadilha e não de um crime. As notas o descrevem como o jovem que denunciou Yeshua por dinheiro.

“qualquer poder é uma violência contra as pessoas e que chegará o tempo em que não haverá mais o poder [...] O homem passará para o reino da verdade e da justiça, onde não haverá necessidade de

poder algum”

Primeira Parte, capítulo 2: Pôncio Pilatos

TRAJETÓRIA

No capítulo 2 existe só no relato de Yeshua a Pilatos.

No capítulo 16 está ausente da execução, e o destino dele fica para os capítulos 25 e 26.

No capítulo 25 Pilatos pede a Afrânio, sob sigilo, que proteja Judas de amigos secretos de Yeshua que o matariam naquela noite. No capítulo 26, Afrânio combina algo com uma mulher chamada Niza, que atrai Judas ao jardim de Getsêmani com a promessa de um encontro e não aparece; dois homens o esfaqueiam depois de lhe arrancar a bolsa de trinta tetradracmas, e o dinheiro é jogado com um bilhete no pátio do palácio de Caifás. Diante de Mateus Levi, que jura matá-lo, Pilatos revela que a morte já foi feita por ordem dele.

“peço ao senhor que se ocupe disso, ou seja, tome todas as medidas para a segurança de Judas de Kerioth”

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

“Trinta tetradracmas! Trinta tetradracmas! Tudo que recebi está comigo. Está aqui o dinheiro! Tomem, mas me deixem viver”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

“Devolvo o dinheiro maldito”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Lealdade e traição e Dinheiro e riqueza. A leitura do capítulo 26 sobre a forma da morte dele:

A cena repete, em espelho, o próprio esquema que Judas usou contra Yeshua Ha-Notzri: também ele é atraído por afeto fingido e vendido por dinheiro, e a réplica narrativa é deliberada, porque devolve ao traidor a lógica exata da traição.

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

RELAÇÕES

- **Yeshua Ha-Notzri**: o hóspede que ele denunciou.
- **Pôncio Pilatos**: quem manda matá-lo disfarçando a ordem de proteção.
- **Afrânio**: o chefe da guarda secreta que põe o plano em movimento.
- **Mateus Levi**: quem jura matá-lo e chega depois.

AFRÂNIO

QUEM É

Chefe da guarda secreta de Pôncio Pilatos em Yerushalaim.

“Disse somente que entre todas as fraquezas humanas a que ele considera pior é a covardia.”

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

TRAJETÓRIA

No capítulo 25 chega do Gólgota encharcado, quando a tempestade se acalma, confirma a Pilatos que Yeshua está morto e repete a frase do condenado. Recebe do procurador, sob sigilo, o pedido de proteger Judas de Kerioth, pondera com calma que o plano é quase impossível numa noite de festa e, antes de sair, recebe um saco de moedas pesado, que Pilatos justifica como a devolução de um empréstimo antigo.

A frase chega a Pilatos de segunda mão, por um relatório de polícia, e é assim que ela o alcança: não como acusação de frente, mas como informação de rotina que o subordinado entrega sem entender o que está entregando. Ouvida a sentença, o procurador muda de assunto e chega ao que de fato importa: pede notícias de Judas de Kerioth, o jovem que denunciou Yeshua por dinheiro.

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

Afrânio pondera, calmo, que o plano é quase impossível de executar numa única noite de festa, mas Pilatos insiste, batendo na própria intuição, que nunca falhou, um excesso de certeza que só se explica depois, quando se descobre de onde vinha de fato a informação:

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

Afrânio diz que o procurador não lhe deve nada, e Pilatos insiste no pretexto.

“Com a minha chegada a Yerushalaim, lembra-se, uma multidão de mendigos... eu queria jogar-lhes dinheiro e não tinha comigo, peguei do senhor.”

Segunda Parte, capítulo 25: Como o procurador tentou salvar Judas de Kerioth

À noite destaca soldados para fora da cidade, veste-se com uma túnica gasta e vai à Cidade Baixa combinar algo com Niza, a mulher que atrai Judas a Getsêmani. Ainda de noite, sob a lua (ver A lua), relata tudo a Pilatos como se a guarda tivesse falhado em proteger Judas, e pede para ser julgado.

“Peço que me entregue ao tribunal, procurador. O senhor estava certo. Eu não soube proteger o Judas de Kerioth, ele foi esfaqueado e morto. Quero ser julgado e demitido.”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

O procurador sugere que Judas talvez tenha se matado, e Afrânio recusa a hipótese, espantado; pouco depois, olhando-o com ar irônico, diz como foi a morte. No fim, Pilatos diz que entregá-lo ao tribunal seria um crime, elogia o trabalho dele e lhe dá um anel como recordação.

“Foi morto com uma habilidade impressionante, procurador”

Segunda Parte, capítulo 26: O sepultamento

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Justiça e lei e Aparência e realidade.

RELAÇÕES

- Pôncio Pilatos: o procurador a quem serve e de quem executa a ordem disfarçada.
- **Yeshua Ha-Notzri**: cuja última frase ele relata.
- **Judas de Kerioth**: o homem que ele deveria proteger.

IVAN NIKOLÁIEVITCH BEZDÔMNY

QUEM É

Ivan Nikoláievitch, jovem poeta de pseudônimo Bezdômny, autor de um poema antirreligioso escrito por encomenda, a quem Berlioz pede que deixe de retratar um Jesus com traços negativos e passe a negar que ele tenha existido. É a testemunha da morte de Berlioz e o primeiro a dizer a verdade sobre aquela noite, e por isso o primeiro a ser internado.

“É, eram aproximadamente dez horas da manhã, respeitável Ivan Nikoláievitch”

Primeira Parte, capítulo 3: A sétima prova

TRAJETÓRIA

No **capítulo 3** vê Berlioz morrer sob o bonde; no **capítulo 4** conclui pelo nome de Ánnuchka que o estrangeiro sabia de tudo, persegue os três por Moscou, sai de um apartamento com uma vela e um ícone de papel e perde a roupa no rio; e no **capítulo 5** chega de ceroulas ao restaurante da Griboiêdov. Responde com um tapa a quem o chama de "camarada Bezdômny" e é levado amarrado ao hospital psiquiátrico.

“Ele apareceu! Vocês têm que apanhá-lo logo, do contrário ele causará desgraças indescritíveis!”

Primeira Parte, capítulo 5: Aconteceu na Griboiêdov

“W, w, w... Wa... Wo... Washner? Wagner? Weiner? Wegner? Winter?”

Primeira Parte, capítulo 5: Aconteceu na Griboiêdov

No **capítulo 6** o médico de plantão da clínica de Stravinski (ver **A clínica de Stravinski**) o diagnostica com a palavra que o consultor já tinha anunciado, o poeta Riúkhin volta para Moscou remoendo a exatidão dos xingamentos que ouviu dele; no **capítulo 8**, Ivan, diante da lógica encadeada do doutor Stravinski, aceita se declarar normal. No **capítulo 11**, sozinho no quarto, desiste da denúncia e se divide em dois, e a disputa é resolvida por uma voz que soa como a do consultor.

“Excitação motora e verbal... interpretações delirantes... um caso complexo, pelo visto... Esquizofrenia, deve-se supor. E, ainda por cima, o alcoolismo...”

Primeira Parte, capítulo 6: Esquizofrenia, como foi dito

A concordância de Ivan vem pensada e dita com firmeza, sinal de quanto a lógica do doutor já tinha vencido antes da pergunta ser feita. “Eu sou normal.”

Primeira Parte, capítulo 8: O duelo entre o professor e o poeta

“Um idiota!”

No **capítulo 13** recebe pela varanda a visita do mestre, que ouve o relato inteiro e confirma o que Ivan ainda resistia a aceitar. No **capítulo 15**, depois do alarme do pesadelo de **Nikanor Ivânovitch Bossôï**, volta a adormecer já sonhando com o Gólgota.

*O capítulo termina exatamente onde o **capítulo 1** tinha começado: Ivan finalmente ouve confirmado, por dentro do próprio hospício, aquilo que ninguém em Moscou quis acreditar quando ele mesmo tentou contar.*

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

No **capítulo 30** o mestre visita pela última vez o quarto 117 para se despedir de Ivanuchka. No Epílogo Ivan é professor do Instituto de História e Filosofia, curado exceto por um sintoma: a cada lua (ver **A lua**) cheia de primavera volta ao banco de Patriarchi Prudý e, depois da injeção da esposa, sonha com Pilatos e Yeshua no caminho lunar e com o mestre e Margarida.

“Terminou assim, meu discípulo”

Epílogo

“Que execução vil! Por favor, diga-me [...] que ela não existiu! Suplico, diga-me, não existiu?”

Epílogo

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Loucura, Razão e Memória e passado. A leitura dos capítulos 30 a 32 e do Epílogo sobre o que só ele guarda:

*O Epílogo repete, em escala cômica, o mesmo movimento do capítulo 1, a recusa racionalista de admitir o sobrenatural. **Berlioz** morre por não acreditar; a cidade inteira sobrevive não acreditando, trocando o susto por uma explicação de hipnose coletiva. O romance não corrige essa recusa, apenas mostra o preço dela: quem não acredita fica com a versão mais pobre da história, e só Ivan, que aceitou ter enlouquecido, guarda por dentro o que a explicação oficial jamais tocou.*

Segunda Parte, caps. 30-32 e epílogo - Perdão e refúgio eterno

Ivan começa no banco de Patriarchi Prudý e volta a ele a cada lua cheia: na primeira página é o poeta a quem Berlioz ensina a negar Jesus, no Epílogo é o professor curado que senta ali e depois, em casa, sonha com o procurador. Entre as duas pontas aceita duas vezes a versão que o protege, a de que é normal, na clínica de Stravinski, e a de que foi vítima de hipnose, no Epílogo, e nas duas sobra o que a versão não cobre: a voz do consultor no capítulo XI e a lua cheia.

RELAÇÕES

- **Berlioz**: o editor que lhe encomenda a negação de Jesus e cuja morte ele presencia.
- **Woland**: o estrangeiro de Patriarchi Prudý, que ele persegue sem conseguir lembrar o nome.
- **O mestre**: o vizinho de hospício que lhe revela com quem ele falou e o chama de discípulo.
- **Margarida**: aparece com o mestre nos sonhos do Epílogo.

- Pôncio Pilatos e **Yeshua Ha-Notzri**: a história que ele ouve em Patriarchi Prudý e com a qual sonha até o Epílogo.

BERLIOZ

QUEM É

Editor de revista e presidente do conselho da associação literária Massolit, ateu e racionalista, que no banco de Patriarchi Prudý quer convencer Ivan a negar que Jesus tenha existido, citando Fílon de Alexandria e Flávio Josefo como historiadores que nunca o mencionaram. A objeção de bom senso que ele prepara contra o estrangeiro é desmontada por um advérbio.

A objeção que Berlioz prepara é a do bom senso, que o ser humano é mortal, e o estrangeiro a desmonta acrescentando um advérbio. “É, o ser humano é mortal, mas isso ainda seria só metade da desgraça. O ruim é que às vezes ele é mortal de repente, aí é que mora o perigo! E em geral ele não pode nem dizer o que fará na tarde de hoje.”

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

TRAJETÓRIA

No **capítulo 1** ouve do estrangeiro como vai morrer; no **capítulo 3** conclui com Ivan que o homem é louco e corre para telefonar ao departamento de estrangeiros. No caminho escorrega no óleo de girassol derramado por Ánnuchka e cai sob um bonde. No **capítulo 5**, na Griboiêdov, doze escritores esperam por ele para a reunião das dez, e, depois que a notícia chega ao restaurante, o substituto Jeldýbin se instala no gabinete dele.

“Vão cortar sua cabeça!”

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

“Era a cabeça decepada de Berlioz”

Primeira Parte, capítulo 3: A sétima prova

A sátira do capítulo está na proporção: a notícia da morte de Berlioz interrompe a dança por poucos minutos, e depois “estamos vivos, ora!” volta a valer mais do que o luto.

Primeira Parte, capítulo 5: Aconteceu na Griboiêdov

No **capítulo 9** o que resta dele em Moscou são os cômodos vagos, disputados em trinta e duas reclamações de vizinhos, e, no **capítulo 11**, a denúncia que Ivan não consegue escrever porque não sabe falar do “falecido” como sujeito de uma frase.

No **capítulo 18** o tio, Poplavski, viaja de Kíev a Moscou depois do telegrama sobre a morte do sobrinho.

“O motivo era um só, o apartamento. O apartamento em Moscou!”

Primeira Parte, capítulo 18: Os visitantes azarados

No **capítulo 19** a cidade o enterra sem a cabeça, roubada do caixão naquela manhã, e no **capítulo 23**, no fim do baile, Azazello traz a cabeça num prato, e Woland lhe diz que a teoria dele, de que a morte é

o fim de tudo, vai se cumprir nele, pois a cada um é dado de acordo com a sua crença; a cabeça vira taça.

“Isso é fato. E um fato é a coisa mais teimosa do mundo.”

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Sobrenatural, Razão e Morte. A leitura do **capítulo 1** sobre o que a morte dele faz com o argumento dele:

É a tese que a cena inteira vai desmontar: o romance não refuta o ateísmo dos dois com um argumento, refuta com um fato que acontece.

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

A cabeça é o fio de Berlioz no livro inteiro: é ela que o estrangeiro anuncia em Patriarchi Prudý, é ela que o bonde corta, é ela que falta no caixão e é ela que chega a Woland num prato no fim do baile, para ouvir que a teoria do dono vai se cumprir nele, antes de virar taça.

RELAÇÕES

- **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**: o poeta a quem ele encomenda a negação de Jesus e que presencia a morte dele.
- **Woland**: o estrangeiro que lhe anuncia a morte e recebe a cabeça dele no baile.

NIKANOR IVÂNOVITCH BOSSÔI

QUEM É

Presidente da associação de moradores do prédio do apartamento 50 (ver **O apartamento 50**), assediado por trinta e duas reclamações de vizinhos que querem os cômodos vagos de Berlioz.

“O que significa ser representante oficial ou não oficial? Tudo isso depende de que ponto de vista você olha para o objeto. Tudo isso, Nikanor Ivânovitch, é relativo e instável.”

Primeira Parte, capítulo 9: Truques de Korôviev

TRAJETÓRIA

No **capítulo 9** entra no apartamento lacrado e encontra Korôviev à mesa do finado, que aluga dele o apartamento por uma semana para Woland, paga em rublos contra recibo e lhe põe na mão um maço extra que ele esconde no duto de ventilação do próprio banheiro. Uma denúncia por telefone, feita pelo próprio Korôviev passando-se por um vizinho, leva a polícia até lá: o maço virou dólares (ver **O dinheiro estrangeiro**), e Nikanor Ivânovitch é preso por especulação cambial que nunca praticou.

No **capítulo 15**, interrogado, confessa o suborno e nega o crime de que é acusado: admite ter aceitado o maço, diz que era dinheiro soviético e jura que nunca tocou em moeda estrangeira.

“Aceitei o dinheiro! Aceitei sim, só que era dinheiro nosso, soviético!”

Primeira Parte, capítulo 15: O sonho de Nikanor Ivânovitch

Depois sonha, sedado na clínica de Stravinski (ver [A clínica de Stravinski](#)), que é chamado a um palco onde um animador cordial pede à plateia que entregue o dinheiro estrangeiro escondido em casa. No sonho continua negando, e põe os dólares do banheiro na conta do tradutor de roupa xadrez. Acorda gritando que não tem nada, e o alarme se espalha pelos quartos vizinhos, entre eles o do mestre e o de Ivan.

“Seja bem-vindo, Nikanor Ivânovitch! Entregue o dinheiro estrangeiro!”

Primeira Parte, capítulo 15: O sonho de Nikanor Ivânovitch

“Isso mesmo, não tenho”

Primeira Parte, capítulo 15: O sonho de Nikanor Ivânovitch

“Uma criança, uma carta anônima, um panfleto, uma bomba-relógio e sabe-se lá o que mais, mas ninguém se desfaria de quatrocentos dólares”

Primeira Parte, capítulo 15: O sonho de Nikanor Ivânovitch

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Dinheiro e riqueza e Verdade e mentira. A leitura do [capítulo 17](#) sobre a forma das punições da comitiva, em que ele é um dos três casos citados:

É a segunda vez, depois da sessão de magia do [capítulo 12](#), que a trupe de [Woland](#) transforma dinheiro em algo diferente do que parecia. A punição de Rímski, Nikanor e agora Vassili Stepánovitch tem sempre a mesma forma: não rouba, expõe, revirando contra a vítima aquilo que ela mais teme ser flagrada guardando ou fazendo.

Primeira Parte, capítulo 17: O dia intranquilo

RELAÇÕES

- [Korôviev](#): quem aluga dele o apartamento, paga em rublos e o denuncia por dólares.
- [Berlioz](#): o morto cujos cômodos vagos abrem o episódio.
- [O mestre e Ivan Nikoláievitch Bezdômny](#): os vizinhos de quarto na clínica que o grito dele acorda.

LATUNSKI

QUEM É

Crítico literário que, com Ariman e o literato Mstislav Lavrôvitch, assina a onda de artigos hostis contra o romance do mestre.

“Latunski! [...] Latunski! Foi ele que... Foi ele que acabou com o mestre!”

Segunda Parte, capítulo 21: O voo

TRAJETÓRIA

No [capítulo 13](#), no relato do mestre a [Ivan Nikoláievitch Bezdômny](#), os artigos de Latunski e dos outros atacam o livro como apologia de Cristo e cunham contra ele a expressão "pilatismo"; o mestre adoece

de medo e queima o manuscrito (ver **O manuscrito**). Entre todos, o de Latunski, intitulado "Um militante do velho credo", é o que o mestre separa como o pior.

"Garanto ao senhor que as obras de Ariman e Lavrôvitch não passavam de brincadeira em comparação com o que fora escrito por Latunski."

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

No **capítulo 21** Margarida lê o nome dele no mural da Casa da Dramlit, invade o apartamento, destrói tudo com um martelo e inunda os vizinhos de baixo. Ele mesmo não está em casa, e o narrador credita a sorte dele à reunião de luto marcada pela morte de **Berlioz**.

"O crítico Latunski nasceu sob a luz da estrela da sorte. Ela o salvou do encontro com Margarida, que se transformara em bruxa."

Segunda Parte, capítulo 21: O voo

No jantar depois do baile, quando Margarida conta a **Woland** que acabou com o apartamento do crítico, Behemoth e Azazello se oferecem para ir atrás dele, e é ela quem os detém.

"Não, por favor, meu senhor, não precisa disso, eu suplico!"

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Arte e Vingança, este pelo voo de Margarida.

RELAÇÕES

- **O mestre**: o autor cujo romance ele atacou.
- **Margarida**: quem destrói o apartamento dele e depois impede que a comitiva o castigue.
- **Azazello e Behemoth**: os que se oferecem para ir atrás dele.

FRIDA

QUEM É

Convidada do baile de Satanás, condenada há trinta anos a encontrar ao acordar, na própria mesinha de cabeceira, o lenço (ver **O lenço de Frida**) com que sufocou o filho recém-nascido.

"Frida, Frida, Frida! Meu nome é Frida, oh, rainha!"

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

TRAJETÓRIA

No **capítulo 23** sobe a escada do baile entre os convidados mortos que Margarida recebe. Antes que ela chegue, Korôviev conta a história: trabalhava num café, o dono a chamou à despensa e, nove meses depois, ela deu à luz um menino, enfiou-lhe um lenço na boca e o enterrou na floresta, e desde então uma governanta põe o lenço na mesinha de cabeceira dela.

"Já o queimou no forno, já o afogou no rio, mas o lenço continua lá e nada ajuda."

Quando ela diz o nome, Margarida lhe dá um conselho, e é a essa esperança dada que depois se refere ao explicar a Woland por que pediu por ela.

“Então beba até ficar bêbada hoje, Frida, e não pense em nada”

Depois do baile, quando Woland pergunta a Margarida o que ela quer como paga, Margarida hesita entre pedir por si e pedir por Frida, e escolhe Frida primeiro.

“Quero que parem de estender à Frida o lenço com o qual ela sufocou seu próprio bebê.”

Woland não atende o pedido ele mesmo, porque diz que é assunto de outro departamento, e manda que Margarida o faça. Ela chama Frida pelo nome, e Frida entra correndo e cai no chão diante dela.

“Você está sendo perdoada. Não vão mais estender o lenço.”

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ela são Culpa e Compaixão e caridade, este pelo pedido de Margarida.

RELAÇÕES

- **Margarida:** a rainha do baile, que gasta com ela o primeiro pedido e a perdoa.
- **Woland:** a quem o pedido é feito, e que devolve a Margarida a tarefa de atendê-lo.
- **Korôviev:** quem conta a Margarida a história dela.

SÍMBOLOS

O MANUSCRITO

O QUE É

O romance sobre Pôncio Pilatos que O mestre escreve no subsolo perto da Arbat, que o editor recusa, que a crítica ataca com a expressão "pilatismo" e que ele mesmo queima no forno numa noite de outubro. Os capítulos de Yerushalaim que o leitor lê dentro do livro são esse romance. Woland o devolve intacto depois do baile, com a frase "manuscritos não ardem", e é concluindo-o com uma frase que o mestre solta Pôncio Pilatos no fim.

ONDE APARECE

No capítulo 13, o mestre conta a Ivan Nikoláievitch Bezdômny como queimou o manuscrito, e Margarida chega a tempo de salvar do fogo só um maço de folhas.

“É muito difícil fazer isso, porque o papel escrito queima a contragosto.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

“Vou salvá-lo, vou salvá-lo. O que significa tudo isso?”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

No capítulo 24, Behemoth tira o romance intacto de baixo do próprio corpo, e Woland recusa a explicação do mestre de que o destruiu no fogo.

“Desculpe, não posso acreditar [...], isso não é possível. Manuscritos não ardem.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No capítulo 29, Mateus Levi traz o recado de quem leu a obra, e o destino do mestre se decide a partir dessa leitura.

“Ele leu a obra do mestre [...] e pede que você leve o mestre consigo e lhe devolva a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

“Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade”

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

No capítulo 32, Woland devolve ao mestre a decisão sobre Pilatos, e o mestre fecha o romance dentro do romance com a frase que solta o procurador.

“Está livre! Está livre! Ele está esperando por você!”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

O QUE SIGNIFICA

a leitura da obra liga a frase de Woland à fogueira real de 1930, quando Bulgákov queimou a primeira versão do livro.

O dado biográfico não é curiosidade lateral, e a nota o guarda porque ele volta dentro do romance: a frase que Woland diz ao devolver ao mestre o manuscrito que ele mesmo tinha ateado fogo é a resposta do autor à própria fogueira de 1930.

O Mestre e Margarida

A nota do capítulo 29 lê a queima como o recuo que pesa na distinção entre luz e tranquilidade.

A distinção retoma, de outro ângulo, a covardia que Yeshua Ha-Notzri condenara: o mestre queimou o próprio romance e desistiu de defendê-lo diante da perseguição, e é esse recuo, não a obra em si, que o desqualifica para a luz sem lhe negar o descanso.

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

O manuscrito é o único objeto que atravessa os três planos do romance: o conteúdo dele é Yerushalaim, a queima e a devolução acontecem em Moscou, e a última frase é escrita no plano do além, quando o mestre solta Pilatos. Antes disso, no capítulo 30, o mestre já o tinha deixado arder no subsolo, sem levá-lo, porque diz saber o romance de cor.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Arte, Coragem e heroísmo, Perdão.
- Personagens: O mestre, Margarida, Woland, Behemoth, Mateus Levi, Pôncio Pilatos.
- Símbolos vizinhos: A casa do refúgio, o destino que a leitura do manuscrito decide.

A CABEÇA DE BERLIOZ

O QUE É

A cabeça de Berlioz, cortada pelo bonde no capítulo 3 depois que ele escorrega no óleo de girassol derramado por Ánnuchka, como Woland tinha anunciado horas antes em Patriarchi Prudý. Roubada do caixão na manhã do enterro, reaparece no capítulo 23 num prato, diante de Woland, que a transforma em taça no fim do baile de satanás.

ONDE APARECE

No capítulo 1, Berlioz e Ivan Nikoláievitch Bezdômny negam que exista poder além do humano, e o estrangeiro anuncia a morte de Berlioz em detalhe.

“Um tijolo [...] não cai nunca sem mais nem menos na cabeça de ninguém. E eu lhe garanto que isso, particularmente, não o ameaça de jeito nenhum. O senhor morrerá de morte diferente”

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

“Vão cortar sua cabeça!”

Primeira Parte, capítulo 1: Nunca falem com estranhos

“Ánnuchka já comprou o óleo de girassol, e não só comprou como já o derramou. Não haverá reunião”

No capítulo 3, a profecia se cumpre no mesmo lugar, sob os olhos de Ivan.

“Era a cabeça decepada de Berlioz”

É a primeira vez que o cômico puro entra na obra, e entra colado à cena mais violenta do livro até aqui: o mesmo capítulo que começa com a cabeça decepada de Berlioz mostra, poucas páginas depois, um gato tentando pagar o bonde.

No capítulo 12, a cena se repete com outra cabeça: o mestre de cerimônias Bengálski, que chama os truques de hipnose em massa, tem a cabeça arrancada por Behemoth e devolvida ilesa depois que a plateia pede perdão por ele.

A dor cômica do mestre de cerimônias, gritando pela própria cabeça decepada e devolvida, é o contraponto físico ao veredito de Woland: a plateia que acabou de pedir clemência é a mesma que, minutos antes, brigava pelas notas caindo do teto. “Minha cabeça, minha cabeça!”

No capítulo 19, Moscou enterra Berlioz sem a cabeça, roubada do caixão naquela manhã. No capítulo 23, Azazello traz a cabeça num prato, Woland lhe diz que a teoria de Berlioz, de que a morte é o fim de tudo, vai se cumprir nele, pois a cada um é dado de acordo com a sua crença, e a cabeça vira taça; em seguida o sangue do barão Meigel enche a taça que Woland oferece a Margarida.

“Isso é fato. E um fato é a coisa mais teimosa do mundo.”

O QUE SIGNIFICA

A nota do capítulo 1 lê a morte de Berlioz como a resposta do romance ao ateísmo dos dois amigos.

É a tese que a cena inteira vai desmontar: o romance não refuta o ateísmo dos dois com um argumento, refuta com um fato que acontece.

A cabeça abre e fecha essa refutação: no capítulo 1 Berlioz nega que exista poder além do humano, a cabeça cortada no capítulo 3 é o fato que responde, e no baile Woland usa a palavra "fato" diante dela para dar a profecia por cumprida, e em seguida aplica ao próprio Berlioz a teoria dele de que a morte é o fim de tudo.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Morte, Sobrenatural, Razão.
- Personagens: Berlioz, Woland, Ivan Nikoláievitch Bezdômny, Behemoth, Margarida.
- Lugar: Moscou, onde fica Patriarchi Prudý.
- Símbolo vizinho: A clínica de Stravinski, para onde Ivan é levado depois de ver a cena.

O APARTAMENTO 50

O QUE É

O apartamento número 50 do prédio da rua Sadôvaia, em Moscou, onde Stiopa Likhodêiev acorda de ressaca e onde ficam os cômodos vagos de **Berlioz**. Já tinha fama de sinistro antes da história, porque moradores anteriores sumiam sem deixar rastro. Depois da morte de Berlioz vira a sede da comitiva de **Woland**, abriga o baile de satanás e termina incendiado no capítulo 27.

ONDE APARECE

No capítulo 7, Woland se apresenta a Stiopa sentado ao lado da cama dele, e a comitiva decreta que Stiopa está sobrando no apartamento; ele acorda num dique, em outra cidade.

“Mestre em magia negra, Woland”

Primeira Parte, capítulo 7: Um apartamento sinistro

“Ialta, ora...”

Primeira Parte, capítulo 7: Um apartamento sinistro

No capítulo 9, trinta e duas reclamações de vizinhos disputam os cômodos de Berlioz, e **Korôviev** aluga de **Nikanor Ivânovitch Bossôï**, o presidente da associação de moradores, o apartamento inteiro para Woland; Nikanor é preso logo depois, em casa.

“O que significa ser representante oficial ou não oficial? Tudo isso depende de que ponto de vista você olha para o objeto. Tudo isso, Nikanor Ivânovitch, é relativo e instável.”

Primeira Parte, capítulo 9: Truques de Korôviev

No capítulo 10, Variênukha é arrastado até lá por **Azazello** e **Behemoth**, e **Hella** o intercepta no vestibulo.

“Deixe eu lhe dar um beijinho”

Primeira Parte, capítulo 10: Notícias de Ialta

No capítulo 12, já no Teatro de Variedades, Woland dá o veredito sobre os moscovitas.

“São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu...”

Primeira Parte, capítulo 12: Magia negra e sua revelação

No capítulo 18, o tio de Berlioz chega de Kíev pelo apartamento e é expulso; logo depois Sókov visita o mesmo endereço e é recebido por Woland.

“O motivo era um só, o apartamento. O apartamento em Moscou!”

Primeira Parte, capítulo 18: Os visitantes azarados

“Volte imediatamente para Kíev [...] finja-se de morto e não sonhe com qualquer apartamento em Moscou, está claro?”

Primeira Parte, capítulo 18: Os visitantes azarados

“Quanto tem de economia?”

Primeira Parte, capítulo 18: Os visitantes azarados

No capítulo 22, Korôviev explica a **Margarida** a quinta dimensão que permite ao apartamento caber um salão de baile inteiro, e Woland a recebe ali.

“Saúdo a senhora, rainha, e peço que me perdoe pelos meus trajes caseiros.”

Segunda Parte, capítulo 22: À luz de velas

No capítulo 27, uma equipe armada invade o apartamento, encontra só Behemoth, e o gato o incendeia com a gasolina do fogareiro.

“Não estou fazendo nada, não estou incomodando ninguém, estou consertando o fogareiro [...] e ainda considero uma obrigação avisar que o gato é um animal antigo e sagrado”

Segunda Parte, capítulo 27: O fim do apartamento número 50

O QUE SIGNIFICA

a leitura da obra resume os capítulos 6 a 12 como "o apartamento 50 como sumidouro", e a nota dos capítulos 13 a 18 diz que ali se colhe a consequência sobre quem passou perto demais dele.

Quem vai ao apartamento querendo o apartamento sai punido pelo próprio desejo: Nikanor Ivânovitch, assediado pelos pedidos dos cômodos de Berlioz, sai preso, e o tio de Kíev, que veio pela herança do imóvel, sai expulso escada abaixo. A frase de Woland sobre o problema habitacional nomeia o motivo que leva essas pessoas até lá, e o mesmo motivo reaparece fora do apartamento 50 em Aloísi Mogarytch, que denuncia o **O mestre** para tomar o apartamento dele.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Ganância, Corrupção e decadência, Sobrenatural.
- Personagens: **Woland**, **Korôviev**, **Behemoth**, **Azazello**, **Margarida**, **Berlioz**.
- Lugar: Moscou.
- Símbolo vizinho: **O dinheiro estrangeiro**, os dólares que aparecem no duto de ventilação de Nikanor Ivânovitch depois do aluguel.

O DINHEIRO ESTRANGEIRO

O QUE É

A moeda estrangeira, os dólares, que a comitiva de **Woland** faz aparecer nas mãos dos moscovitas e que, na Moscou do romance, é crime guardar. a leitura do capítulo 15 registra como dado que a cena satiriza campanhas reais de confisco de ouro e moeda estrangeira na URSS do fim dos anos 1920 e do começo dos 1930, sustentadas por delação e prisão. A loja Torgsin, no capítulo 28, é o lugar onde a mesma moeda é a condição para comprar.

ONDE APARECE

No capítulo 9, o maço de rublos que **Korôviev** põe na mão de **Nikanor Ivânovitch Bossô** vira dólares no duto de ventilação, e ele é preso por especulação cambial que nunca praticou. No capítulo 12, uma chuva de dinheiro cai sobre a plateia do Teatro de Variedades, e Woland, no meio da sessão, fala do apego humano ao dinheiro.

“São pessoas como outras quaisquer. Gostam de dinheiro, mas sempre foi assim... A humanidade gosta de dinheiro, independentemente do que seja feito: de couro, de papel, de bronze ou ouro. Bom, são levianas... fazer o quê... a misericórdia às vezes bate em seus corações... são pessoas comuns... em geral fazem lembrar as pessoas de antigamente... só que o problema habitacional as corrompeu...”

Primeira Parte, capítulo 12: Magia negra e sua revelação

No capítulo 15, Nikanor Ivânovitch sonha, já sedado na clínica, com um teatro onde a plateia inteira é chamada a entregar a moeda escondida em casa.

“Seja bem-vindo, Nikanor Ivânovitch! Entregue o dinheiro estrangeiro!”

Primeira Parte, capítulo 15: O sonho de Nikanor Ivânovitch

“Uma criança, uma carta anônima, um panfleto, uma bomba-relógio e sabe-se lá o que mais, mas ninguém se desfaria de quatrocentos dólares”

Primeira Parte, capítulo 15: O sonho de Nikanor Ivânovitch

No capítulo 17, a renda do teatro se transforma nas mãos do tesoureiro Vassili Stepánovitch, que é preso ali mesmo pelo crime do sonho de Nikanor.

“Diante de seus olhos havia um monte de dinheiro estrangeiro.”

Primeira Parte, capítulo 17: O dia intranquilo

No capítulo 27, entre os depoimentos da investigação, Ánnuchka insiste que a nota que recebeu era de dez rublos e não de dólares. No capítulo 28, Korôviev e **Behemoth** entram na Torgsin, e a regra da casa é dita na porta.

“Aqui a venda é só com dinheiro estrangeiro”

Segunda Parte, capítulo 28: As últimas aventuras de Korôviev e Behemoth

O discurso de Korôviev não defende o furto, expõe o critério de entrada, e o alvo não é o vendedor: é o cliente que pode pagar. “está trajando um terno social lilás, está inchado de tanto salmão, mas tem dinheiro estrangeiro, e o nosso, o nosso?!”

Segunda Parte, capítulo 28: As últimas aventuras de Korôviev e Behemoth

O QUE SIGNIFICA

A nota do capítulo 17 lê a punição da comitiva como exposição, não como roubo.

É a segunda vez, depois da sessão de mágica do capítulo 12, que a trupe de Woland transforma dinheiro em algo diferente do que parecia. A punição de Rímski, Nikanor e agora Vassili Stepánovitch tem sempre a mesma forma: não rouba, expõe, revirando contra a vítima aquilo que ela mais teme ser flagrada guardando ou fazendo.

Primeira Parte, capítulo 17: O dia intranquilo

A nota do capítulo 28 registra a Torgsin como a cena mais documental do romance.

É a cena mais diretamente documental do romance, e por isso a mais citada fora dele por historiadores: as lojas Torgsin existiram, vendiam comida a quem entregasse ouro, prata ou moeda estrangeira (ver O dinheiro estrangeiro), e funcionaram durante a fome. A sátira de Bulgákov não inventa nada, apenas põe dois demônios na fila e deixa que o critério fale por si.

Segunda Parte, capítulo 28: As últimas aventuras de Korôviev e Behemoth

A mesma moeda tem dois papéis opostos no romance: nas mãos de Nikanor Ivânovitch e de Vassili Stepánovitch é o crime pelo qual são presos, e no balcão da Torgsin é o que separa quem entra de quem fica de fora. Korôviev, na loja, não discute o furto do gato, discute quem tem o dinheiro que abre a porta.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Dinheiro e riqueza, Ganância, Classe social.
- Personagens: Woland, Korôviev, Behemoth.
- Lugar: Moscou.
- Símbolos vizinhos: O apartamento 50, onde Nikanor Ivânovitch recebe o maço, e A clínica de Stravinski, onde ele sonha com a entrega.

O LENÇO DE FRIDA

O QUE É

O lenço com que Frida sufocou o filho recém-nascido e que, há trinta anos, ela encontra ao acordar na própria mesinha de cabeceira, posto ali por uma governanta. As notas o registram só nos capítulos 23 e 24, no baile de satanás e no pedido que Margarida faz a Woland depois dele.

ONDE APARECE

No capítulo 23, entre os convidados mortos que sobem a escada do baile, Frida só repete o próprio nome.

“Frida, Frida, Frida! Meu nome é Frida, oh, rainha!”

Segunda Parte, capítulo 23: O grande baile de satanás

No capítulo 24, Woland pergunta a Margarida o que ela quer como paga pelo baile, e ela pede por Frida antes de pedir pelo mestre, sem saber que gasta com isso o pedido oficial.

“Quero que parem de estender à Frida o lenço com o qual ela sufocou seu próprio bebê.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

“Nunca peça nada! Nunca peça nada, principalmente àqueles que são fortes. Eles vão oferecer por conta própria e darão tudo também.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

O QUE SIGNIFICA

O material anotado é pouco: o lenço aparece em duas cenas seguidas. A nota dos capítulos 19 a 24 trata o pedido por Frida como o contraponto humano ao acerto de contas que Woland vinha fazendo com Moscou, e a leitura da obra pergunta se esse pedido resgata Margarida ou a condena ao refúgio (ver **A casa do refúgio**) em vez da luz.

O castigo de Frida tem a mesma forma do de Pôncio Pilatos: a repetição de uma cena de culpa, toda noite para ela e a cada lua cheia para ele. Nos dois casos é Margarida quem pede a soltura, por Frida no capítulo 24 e por Pilatos no capítulo 32.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Culpa, Compaixão e caridade, Perdão.
- Personagens: **Frida**, **Margarida**, **Woland**, Pôncio Pilatos.
- Símbolo vizinho: **A lua**, a medida do castigo de Pilatos.

ACLÍNICA DE STRAVINSKI

O QUE É

O hospital psiquiátrico do doutor Stravinski, para onde **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** é levado amarrado na noite da morte de **Berlioz**. As notas o chamam também de clínica psiquiátrica e de hospício. Em quartos vizinhos ficam Ivan, **O mestre**, que se internou por vontade própria, e **Nikanor Ivânovitch Bossôï**, sedado depois da prisão.

ONDE APARECE

No capítulo 5, Ivan aparece no restaurante da casa Griboiêdov gritando que o assassino de Berlioz está à solta, e a confusão termina com a polícia levando-o para o hospital psiquiátrico.

“Ele apareceu! Vocês têm que apanhá-lo logo, do contrário ele causará desgraças indescritíveis!”

Primeira Parte, capítulo 5: Aconteceu na Griboiêdov

No capítulo 6, o médico de plantão chega, resposta a resposta, ao diagnóstico que o consultor já tinha anunciado no capítulo 1.

“Excitação motora e verbal... interpretações delirantes... um caso complexo, pelo visto... Esquizofrenia, deve-se supor. E, ainda por cima, o alcoolismo...”

Primeira Parte, capítulo 6: Esquizofrenia, como foi dito

No capítulo 8, Stravinski não contesta a história de Ivan: percorre com ele o que fez na véspera, e Ivan concorda em se declarar normal, concordância que o mantém internado.

“Aqui o ajudarão... está me ouvindo?... Aqui o ajudarão... O senhor se sentirá aliviado. É silencioso e

tranquilo aqui... Aqui o ajudarão...”

Primeira Parte, capítulo 8: O duelo entre o professor e o poeta

A concordância de Ivan vem pensada e dita com firmeza, sinal de quanto a lógica do doutor já tinha vencido antes da pergunta ser feita. “Eu sou normal.”

Primeira Parte, capítulo 8: O duelo entre o professor e o poeta

No capítulo 11, sozinho no quarto durante uma tempestade, Ivan desiste da denúncia e debate consigo mesmo, até que uma voz igual à do consultor resolve a disputa.

“Um idiota!”

Primeira Parte, capítulo 11: A duplicação de Ivan

No capítulo 13, o mestre entra pela varanda do quarto de Ivan, ouve o relato de Patriarchi Prudý e diz com quem Ivan se encontrou.

“Ontem, em Patriarchi Prudý, o senhor se encontrou com Satanás.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

“Sou um mestre.”

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

O capítulo termina exatamente onde o **capítulo 1** tinha começado: Ivan finalmente ouve confirmado, por dentro do próprio hospício, aquilo que ninguém em Moscou quis acreditar quando ele mesmo tentou contar.

Primeira Parte, capítulo 13: Surge o herói

No capítulo 15, o grito de Nikanor Ivânovitch ao acordar do sonho se propaga pelos quartos vizinhos, entre eles o do mestre e o de Ivan. No capítulo 24, o mestre é trazido de volta do hospício a Margarida, ainda de roupão e gorro.

“Não chore, Margot, não me faça sofrer. Estou muito doente.”

Segunda Parte, capítulo 24: O resgate do mestre

No capítulo 30, o mestre volta uma última vez ao hospital para se despedir de Ivan, no quarto 117. No Epílogo, a investigação nunca descobre quem era o doente mental sequestrado da clínica sob o número 118, e Ivan, já professor, está curado, salvo o sintoma da lua cheia.

O QUE SIGNIFICA

A nota dos capítulos 30 a 32 e do Epílogo lê o fim de Ivan como o de quem aceitou ter enlouquecido e por isso guarda o que a explicação oficial não tocou.

O Epílogo repete, em escala cômica, o mesmo movimento do capítulo 1, a recusa racionalista de admitir o sobrenatural. **Berlioz** morre por não acreditar; a cidade inteira sobrevive não acreditando,

trocando o susto por uma explicação de hipnose coletiva. O romance não corrige essa recusa, apenas mostra o preço dela: quem não acredita fica com a versão mais pobre da história, e só Ivan, que aceitou ter enlouquecido, guarda por dentro o que a explicação oficial jamais tocou.

Segunda Parte, caps. 30-32 e epílogo - Perdão e refúgio eterno

Os três internos que o romance acompanha chegaram à clínica pelo contato com a comitiva de **Woland** ou com o romance sobre Pôncio Pilatos: Ivan pela perseguição ao consultor, Nikanor Ivânovitch pelos dólares de **Korôviev**, o mestre pelo medo que veio depois da recusa e da queima do livro. A clínica, que a cidade usa para isolar quem conta o que viu, é o lugar onde o relato de um deles é ouvido por outro como verdadeiro.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Loucura, Verdade e mentira, Razão.
- Personagens: **Ivan Nikoláievitch Bezdômny**, **O mestre**, **Margarida**, **Woland**, **Berlioz**.
- Lugar: Moscou.
- Símbolos vizinhos: **A cabeça de Berlioz**, a cena que leva Ivan até lá, **O dinheiro estrangeiro**, o que leva Nikanor Ivânovitch, e **A lua**, o sintoma que sobra depois da cura.

A LUA

O QUE É

A lua cheia, que no romance marca o baile de satanás, a insônia de Pôncio Pilatos e o desassossego anual de **Ivan Nikoláievitch Bezdômny** no Epílogo. No capítulo 32 é também a luz que desfaz os disfarces da comitiva durante o voo e o caminho por onde Pilatos sobe ao encontro de Yeshua.

ONDE APARECE

Uma única passagem está ancorada no guia: a de **Woland** apresentando Pilatos na planície pedregosa, no capítulo 32.

“Há aproximadamente dois mil anos ele está nesse local e dorme, mas, quando chega a lua cheia, como está vendo, fica atormentado pela insônia.”

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

As outras aparições estão registradas sem âncora própria. No capítulo 22, **Korôviev** explica que toda dona do "baile da lua cheia" precisa se chamar Margarida. No capítulo 32, a lua desfaz os disfarces de **Korôviev**, de **Behemoth** e do mestre durante o voo; Pilatos sonha seguir o caminho da lua para terminar a conversa com Yeshua; depois de solto, corre pelo caminho lunar até um jardim crescido durante mil luas; e no Epílogo Ivan volta a cada lua cheia de primavera ao banco de Patriarchi Prudý e sonha com Pilatos e Yeshua subindo juntos o caminho lunar.

O QUE SIGNIFICA

O material anotado é pouco, uma passagem ancorada e várias menções soltas, e a nota dos capítulos 30 a 32 e do Epílogo deixa em aberto se o sintoma de Ivan é doença residual ou a única parte da história dele que continua verdadeira.

A lua liga o fim de Pilatos ao fim de Ivan: a mesma lua cheia que mantinha o procurador insone há dois mil anos é a que traz Ivan, todo ano, ao banco onde a história começou, e é no caminho lunar que Ivan vê Pilatos em sonho, já ao lado de Yeshua.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Sonho e fantasia, Memória e passado, Perdão.
- Personagens: Pôncio Pilatos, Ivan Nikoláievitch Bezdômny, Yeshua Ha-Notzri, Margarida.
- Símbolos vizinhos: A casa do refúgio, o destino do mestre na mesma cena em que Pilatos toma o caminho lunar, e O lenço de Frida, o outro castigo que se repete.

A CASA DO REFÚGIO

O QUE É

O destino que Woland oferece a O mestre e a Margarida no capítulo 32, "aquilo que Yeshua pediu por vocês": uma casa com parreiras, música de Schubert à noite, velas, o velho escravo e penas de ganso para escrever. Não é a volta a Moscou nem a Yerushalaim, que Woland recusa, nem o jardim por onde Pôncio Pilatos corre ao encontro de Yeshua. O capítulo e a última Parte se chamam "Perdão e refúgio eterno".

ONDE APARECE

No capítulo 29, Mateus Levi traz a Woland o pedido de quem leu a obra do mestre, e é ele quem traça a distinção entre luz e tranquilidade.

"Ele leu a obra do mestre [...] e pede que você leve o mestre consigo e lhe devolva a tranquilidade"

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

"Ele não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade"

Segunda Parte, capítulo 29: O destino do mestre e de Margarida é decidido

No capítulo 32, depois de Pilatos solto, Woland aponta a casa, e Margarida guia o mestre até ela pela ponte de pedra musguenta.

"Para lá, para lá! Lá o aguardam uma casa e o velho escravo, as velas já estão acesas, mas logo se apagarão, porque você encontrará o amanhecer imediatamente."

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

"Ouça o sossego [...] ouça e deleite-se com aquilo que não lhe deram em vida, o silêncio."

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

O QUE SIGNIFICA

a leitura do capítulo 32 registra que o texto não usa "luz" para o que Pilatos recebe nem "descanso" para o que o mestre recebe, e dá ao mestre uma casa concreta.

O texto nunca diz a palavra "luz" para o que Pilatos recebe (um jardim que ele mesmo atravessa correndo, sem clareza sobre o que encontra do outro lado) nem a palavra "descanso" para o que o

mestre recebe: dá ao mestre uma casa concreta, com música, velas e trabalho manual, o oposto de uma recompensa mística. É esse contraste, entre o perdão que se resolve numa conversa retomada e o refúgio (ver *A casa do refúgio*) que se resolve numa rotina doméstica, que fixa a ideia consagrada pela crítica de que Pilatos ganha a paz da conversa terminada e o mestre ganha o sossego de uma vida sem mais interrupção, nenhum dos dois a iluminação de quem já não precisa de mais nada.

Segunda Parte, capítulo 32: Perdão e refúgio eterno

A nota dos capítulos 30 a 32 e do Epílogo lê a diferença entre os dois destinos pelo tipo de covardia de cada um.

O livro diz com todas as letras, no capítulo 29, que o mestre "não fez por merecer a luz", e o que lhe oferece no lugar, em detalhe doméstico (parreiras, Schubert, penas de ganso), é o oposto do jardim luminoso de Pilatos. Não é castigo: no capítulo 32 a casa é dada como recompensa, "aquilo que Yeshua pediu por vocês". Pilatos falhou por covardia diante do poder e espera quase dois mil anos pela conversa; o mestre falhou por fraqueza diante da crítica (queimou o próprio romance) e ganha o repouso, não a luz. Cada um recebe o que a própria falha deixou alcançar.

Segunda Parte, caps. 30-32 e epílogo - Perdão e refúgio eterno

A casa repete a condição em que o romance sobre Pilatos foi escrito: no capítulo 13 o mestre conta que alugou dois cômodos no subsolo perto da Arbat e passou a escrever, isolado e feliz, com Margarida a visitá-lo todos os dias. O refúgio devolve o isolamento, a escrita e a presença dela, sem a recusa do editor e a crítica que vieram depois; o subsolo de verdade, para onde os dois voltam no capítulo 24, arde no capítulo 30.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Lar, exílio e retorno, Redenção, Coragem e heroísmo.
- Personagens: O mestre, Margarida, Woland, Mateus Levi, Yeshua Ha-Notzri, Pôncio Pilatos.
- Símbolos vizinhos: O manuscrito, cuja leitura decide o refúgio, e A lua, o caminho que Pilatos toma na mesma cena.

DISCUSSÕES

A OBRA INTEIRA

- Se Woland não corrompe e apenas revela, ele ainda é o diabo, ou virou instrumento de justiça?
- Por que o autor confia a Yeshua a tese moral do livro e a Woland a demonstração dela?
- O que muda na leitura do romance quando se sabe que o manuscrito que arde dentro dele arde por fora também?
- Margarida se torna bruxa por amor, e a primeira coisa que ela pede depois do baile é para outra pessoa. Isso a resgata, ou é justamente o que a condena ao refúgio em vez da luz?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 1: NUNCA FALEM COM ESTRANHOS

Por que o romance escolhe fazer a profecia mais exata da obra ser dita por um estrangeiro sem nome, a dois homens que acabaram de negar que exista qualquer poder além do humano?

Berlioz sustenta sua tese com historiadores, e o estrangeiro responde com previsões sobre a tarde que Berlioz ainda vai viver. O que cada modo de convencer exige de quem escuta, e qual dos dois o romance parece favorecer?

Quando o estrangeiro diz que o ser humano às vezes "é mortal de repente", o que ele acrescenta à objeção de que todo homem é mortal? Por que isso basta para recolocar a pergunta sobre quem governa a vida humana?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 2: PÔNCIO PILATOS

O que muda no julgamento a partir do instante em que quem tem o poder sobre a vida do outro é também quem recebe dele o diagnóstico mais exato que já ouviu?

Yeshua afirma que "Não existem pessoas maldosas no mundo" depois de ter sido golpeado pelo centurião Marcos Mata-ratos. Essa convicção é força, ingenuidade ou outra coisa, e o que o próprio capítulo oferece como argumento a favor ou contra ela?

Pilatos conclui que Yeshua é apenas um filósofo inofensivo e, mesmo assim, confirma a sentença de morte diante da multidão. Que forças o capítulo mostra pesando sobre essa decisão, e quanto Pilatos poderia ter escolhido de outro modo?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 3: A SÉTIMA PROVA

A profecia foi cumprida ou foi armada? O texto nunca resolve a pergunta, e é a ambiguidade, não a resposta, que sustenta o capítulo seguinte.

O estrangeiro pede que Berlioz acredite "pelo menos que o diabo existe" e diz que a sétima prova será apresentada "agora mesmo". Em que sentido um acontecimento pode funcionar como prova, e por que o romance prefere esse tipo de prova a um argumento?

Berlioz e Ivan concluem que o estrangeiro é louco, e até o detalhe sobre o tio de Berlioz em Kiev, que nenhum jornal publicou, só planta uma primeira dúvida em Berlioz. O que, no modo de pensar dos dois, torna a explicação da loucura mais confortável do que a de que ele diz a verdade?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 4: A PERSEGUIÇÃO

A cabeça decepada de Berlioz é seguida, no mesmo capítulo, por um gato que tenta pagar a passagem do bonde. O que o riso faz com o horror da cena anterior, e o que se ganha ou se perde ao misturar os dois?

Ivan persegue o estrangeiro por Moscou, mergulha no rio e acaba seminu, de ceroulas, com uma vela e um ícone de papel. O que o capítulo sugere sobre a distância entre perseguir uma verdade e parecer louco ao persegui-la?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 5: ACONTECEU NA GRIBOIÉDOV

O narrador descreve a inveja do visitante como se a carteirinha da Massolit fosse prêmio de talento literário. Por que o romance fala com essa pose de ingenuidade, e o que ela permite dizer sobre a associação?

A notícia da morte de Berlioz faz a banda de jazz silenciar, mas logo "estamos vivos, ora!" passa a valer mais do que o luto, e o restaurante volta à sua noite normal. O que essa rapidez diz sobre a Massolit, e como o narrador espera que o leitor reaja?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 6: ESQUIZOFRENIA, COMO FOI DITO

O médico pergunta a Ivan pela vela e pelo ícone e depois diz a Riúkhin que se trata de esquizofrenia, com alcoolismo por cima. O que a cena mostra sobre o que acontece com quem conta uma verdade impossível a quem só sabe escutar por sintomas?

Riúkhin conclui que as ofensas de Ivan o atormentam porque "encerram a verdade". Por que a verdade pesa mais do que a grosseria, e o que o capítulo faz com a ideia de que um poeta pode escrever versos em que não acredita?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 7: UM APARTAMENTO SINISTRO

Stiôpa acorda de ressaca e encontra um estranho que lhe mostra um contrato com a assinatura dele. De que modo a ressaca, que parecia explicar tudo, deixa de servir como explicação à medida que o capítulo avança?

Stiôpa desmaia no apartamento e acorda num dique, e a única resposta que recebe sobre onde está é "Ialta, ora...". Por que o romance leva o personagem a uma cidade distante em vez de simplesmente fazê-lo desaparecer, e o que isso faz com a lógica de quem tentar explicar o caso?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 8: O DUELO ENTRE O PROFESSOR E O POETA

Stravinski nunca contradiz a história de Ivan: percorre com ele, ação por ação, o que fez na véspera e pergunta se é possível prender alguém agindo assim. Por que esse método convence Ivan mais do que uma discussão sobre Pilatos convenceria, e o que Ivan ganha e perde ao aceitar?

Ivan responde "Eu sou normal" com firmeza e, pouco depois, aceita ficar na clínica. O que a sequência dessas duas decisões sugere sobre a relação entre ser normal e ser acreditado?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 9: TRUQUES DE KORÔVIEV

Korôviev responde às dúvidas de Nikanor Ivânovitch sobre quem representa quem dizendo que tudo "é relativo e instável". Por que essa frase serve tão bem para convencer o presidente da associação de moradores a aceitar o que lhe propõem?

Nikanor Ivânovitch é preso por dólares que aparecem no duto de ventilação do próprio banheiro, depois de ele ter aceitado um maço de dinheiro de Korôviev. A punição é injusta ou exata, e em que ela acerta ou erra quanto ao que ele de fato fez?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 10: NOTÍCIAS DE IALTA

Os telegramas de Ialta têm a letra de Stiôpa, mas a distância entre Moscou e Ialta torna a história impossível, e Rímski e Variênukha não chegam a uma explicação que resista. O que o capítulo mostra sobre como funcionários razoáveis lidam com o que não cabe em nenhum regulamento?

O capítulo termina com a fala da moça ruiva, "Deixe eu lhe dar um beijinho", e com o desmaio de Variênukha antes de o beijo acontecer. Por que o narrador interrompe a cena nesse ponto, e o que isso faz com o medo e com a comédia?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 11: A DUPLICAÇÃO DE IVAN

Ivan desiste da denúncia porque cada versão tropeça na palavra "falecido" aplicada a Berlioz. O que essa dificuldade revela sobre a distância entre saber que algo aconteceu e conseguir dizê-lo na linguagem oficial?

Quando o novo Ivan pergunta ao antigo "quem sou eu nesse caso", quem responde é uma voz que não pertence a nenhum dos dois. Por que a resposta vem de fora de Ivan, e o que isso diz sobre a mudança que ele atravessa?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 12: MAGIA NEGRA E SUA REVELAÇÃO

Depois de ver o público disputar as cédulas que caem do teto e depois pedir clemência por Bengálski, Woland conclui que são "pessoas como outras quaisquer", corrompidas pelo problema habitacional. Esse veredito é brando ou cruel, e o que ele deixa de lado?

Bengálski explica o dinheiro caindo do teto como "hipnose em massa", e Fagot responde que as cédulas são verdadeiras e que aquilo é "mentira deslavada". Por que o romance castiga com tanta violência quem tenta dar uma explicação racional ao que todos acabaram de ver?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 13: SURGE O HERÓI

O **mestre** passa o capítulo inteiro recusando o nome próprio, mas aceita sem hesitar o título que a amada lhe deu. O que isso diz sobre o que ele ainda considera seu, depois de perder tudo o mais?

O mestre diz que o amor surgiu diante dele e da amada "como um assassino que surge do nada em uma travessa". Que imagem do amor essa comparação propõe, e como ela combina com o que o mestre conta em seguida sobre os dois?

O mestre queima o romance depois dos artigos hostis e observa que "o papel escrito queima a contragosto". O que o capítulo deixa claro sobre o motivo de ele ter destruído o livro: a crítica, o medo ou outra coisa?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 14: GLÓRIA AO GALO!

Quanto mais vivos os detalhes que Variênukha acrescenta à história de Púchkino, menos Rímski acredita nela. O que esse mecanismo diz sobre a relação entre detalhe e verdade, e por que o romance o usa para fazer nascer o medo de Rímski?

Rímski só escapa porque um galo canta, e depois foge de trem para Leningrado. O que o capítulo diz sobre o papel do acaso e da ordem natural diante das forças que o romance pôs em cena?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 15: O SONHO DE NIKANOR IVÂNOVITCH

No sonho de Nikanor, o animador pede que a plateia entregue o dinheiro estrangeiro: quem confessa é aplaudido, e quem nega é desmentido pela própria amante. Que retrato de uma sociedade essa cena compõe, e por que o romance o mostra em sonho?

Nikanor admite ter aceitado o maço, mas insiste que era "dinheiro nosso, soviético". Por que essa distinção lhe parece suficiente para se declarar inocente, e o que o capítulo faz com ela?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 16: A EXECUÇÃO

A maldição de Levi é dirigida a um Deus silencioso, mas o próprio romance já mostrou, capítulos antes, um poder que interfere diretamente no mundo. A quem, de fato, Levi deveria endereçar sua fúria?

O narrador diz que "O mais resignado de todos era Yeshua", entre os três homens nas cruzes. Por que o texto descreve a resignação dele em vez de apenas o sofrimento, e o que isso muda na leitura da cena?

Levi chega tarde demais e amaldiçoa Deus como "deus dos bandidos". Por que ele escolhe essa acusação, e o que a raiva dele diz sobre o que esperava de Deus?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 17: O DIA INTRANQUILO

Em cada lugar que o tesoureiro visita, algo se mostra o contrário do que parecia: o presidente da comissão é um terno vazio que escreve com a pena seca, os funcionários cantam sem conseguir parar, os rublos viram dinheiro estrangeiro. O que essas imagens dizem sobre a burocracia que o capítulo retrata?

O tesoureiro é preso por dinheiro estrangeiro que apareceu no pacote sem que ele fizesse nada para isso. Que justiça, ou que falta dela, o capítulo mostra nessa prisão, e como ela se compara à de Nikanor Ivânovitch?

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 18: OS VISITANTES AZARADOS

Sókov pede que Woland "elimine" um câncer que ainda não deu sintoma algum, em vez de perguntar como aproveitar os nove meses que lhe restam. O que isso revela sobre o que ele valoriza mais, o tempo de vida ou o dinheiro acumulado para gastar depois dele?

O narrador diz sem rodeios que "O motivo era um só, o apartamento" ao explicar a viagem do tio de Berlioz. Por que o romance expõe a motivação do tio com tanta franqueza, e como isso muda o modo de o leitor assistir à sua expulsão?

Woland pergunta a Sókov "Quanto tem de economia?" e depois propõe organizar uma festa com o dinheiro antes da morte. A proposta é cínica, sensata ou as duas coisas, e o que ela revela sobre o modo como Woland julga os moscovitas?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 19: MARGARIDA

Margarida vive com um marido rico e bom, e o narrador diz dela: "Tinha que ou esquecê-lo, ou morrer." O que essa alternativa extrema diz sobre o tipo de amor que o romance põe em cena?

Margarida só volta ao banco e escuta Azazello depois que ele recita uma frase do romance queimado e menciona o caderno e a rosa seca. Por que sinais do mestre pesam mais para ela do que qualquer argumento, e o que isso mostra sobre o que ela espera do convite?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 20: O CREME DE AZAZELLO

No bilhete ao marido, Margarida escreve: "Tornei-me uma bruxa por causa das desgraças e das tristezas que me atingiram." Por que ela se apresenta como bruxa por desgraça, e não por escolha ou por desejo de poder?

Margarida deixa roupas e perfumes para Natacha, mas separa as joias para que a empregada não seja acusada de roubo. O que esse cuidado diz sobre como ela se despede da vida anterior, e por que o romance dá espaço a um gesto tão doméstico?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 21: O VOO

Margarida destrói o apartamento do crítico que arruinou o mestre e inunda os vizinhos de baixo, mas para ao encontrar um menino assustado. O que a interrupção da vingança diz sobre a justiça dessa violência?

Margarida acalma o menino com uma mentira gentil: "foram os meninos que quebraram os vidros". Que valor tem uma mentira piedosa num romance em que a comitiva de Woland expõe verdades que ninguém quer ouvir?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 22: À LUZ DE VELAS

Woland mostra a Margarida, num globo, uma casa que explode numa guerra e uma criança caída numa poça de sangue, e diz: "O trabalho de Abaddon é impecável." Como entender o elogio, e o que ele sugere sobre a posição de Woland diante da morte de inocentes?

Woland descreve Abaddon como alguém que "é imparcial e tende a ter compaixão pelos dois lados", de modo que "os resultados dos dois lados são iguais". O que significa ser imparcial e ainda assim compadecer-se, e por que isso não muda o desfecho?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 23: O GRANDE BAILE DE SATANÁS

Frida só consegue repetir o próprio nome, e Margarida lhe diz apenas "beba até ficar bêbada hoje, Frida, e não pense em nada". Que alívio um conselho assim pode dar a quem carrega uma culpa que "nada ajuda" a apagar, e o que ele revela sobre Margarida?

Woland diz à cabeça de Berlioz que existe uma teoria segundo a qual "a cada um é dado de acordo com a sua crença" e o manda para a inexistência. Que tipo de justiça é essa, que dá a Berlioz exatamente o que ele sustentava, e é castigo ou cumprimento do que ele queria?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 24: O RESGATE DO MESTRE

Woland diz: "Nunca peça nada, principalmente àqueles que são fortes." Logo depois, o primeiro pedido de Margarida é por Frida, não pelo mestre. O que a máxima de Woland e a escolha de Margarida dizem, cada uma, sobre o que vale pedir e a quem?

Woland não aceita que o romance do mestre tenha sido queimado: "Manuscritos não ardem." Que afirmação sobre a obra escrita e a perseguição a quem escreve essa frase faz, e por que o romance a põe

na boca de um demônio?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 25: COMO O PROCURADOR TENTOU SALVAR JUDAS DE KERIOTH

Quando Afrânio repete que Yeshua considerava a covardia a pior das fraquezas humanas, Pilatos pergunta "Por que disse isso?", ouve que Afrânio não entendeu e logo passa a outras ordens. O que a pergunta e a pressa em seguir adiante dizem sobre como a frase o atinge?

Pilatos afirma que vão matar Judas naquela noite e declara: "Minha intuição nunca me enganou". Por que o romance mostra Pilatos mais seguro do que Afrânio sobre um plano que nenhum dos dois pode verificar, e o que essa certeza deixa suspeitar?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 26: O SEPULTAMENTO

Judas é atraído a Getsêmani por uma mulher que finge afeto e morto por homens que lhe tomam a bolsa de dinheiro, depois de ter entregado Yeshua por dinheiro, após acolhê-lo em casa. Esse paralelo é justiça ou é outra traição?

Pilatos diz a Levi "Fui eu" ao revelar quem fez aquilo com Judas. O que muda no sentido da palavra justiça quando ela é feita em segredo por quem, em público, condenou Yeshua?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 27: O FIM DO APARTAMENTO NÚMERO 50

A comissão reúne depoimentos verdadeiros que se contradizem e que nenhuma explicação sem magia consegue juntar. O que o capítulo ridiculariza: a recusa a acreditar ou o método de investigar?

O gato Behemoth troca tiros com os invasores, finge-se ferido, bebe do combustível do fogareiro e depois incendeia o apartamento. Por que o romance dá esse fim cômico a um lugar tão carregado de sinistro, em vez de um confronto sério com a comitiva?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 28: AS ÚLTIMAS AVENTURAS DE KORÔVIEV E BEHEMOTH

Na porta da loja, o porteiro avisa: "Aqui a venda é só com dinheiro estrangeiro". Korôviev finge indignação diante do cliente de terno lilás que paga com moeda estrangeira, "e o nosso, o nosso?!". Contra quem aponta a sátira: o cliente, a loja ou a regra que separa os dois dos demais?

Na Casa Griboiêdov, Korôviev protesta contra o pedido de documentos dizendo: "Não são as identidades que definem um escritor, mas aquilo que ele escreve!" Por que a frase soa tão certa e, dita por ele naquele lugar, tão irônica?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 29: O DESTINO DO MESTRE E DE MARGARIDA É DECIDIDO

Woland pergunta a Levi o que faria a bondade dele "se não existisse a maldade" e como seria a terra sem as sombras. O argumento convence, e o que ele deixa de fora?

Levi diz que o mestre "não fez por merecer a luz, fez por merecer a tranquilidade". Por que o texto separa luz e tranquilidade, e o que o mestre fez ou deixou de fazer para ficar com a segunda?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 30: ESTÁ NA HORA! ESTÁ NA HORA!

O mestre só consegue dizer "Envenenador..." ao cair depois de beber o vinho de Azazello. Por que o romance faz a passagem para outra vida parecer um envenenamento, e o que isso muda na imagem da morte que ele propõe?

O mestre incentiva Ivan a escrever a continuação, mas ele próprio diz que não vai mais escrever e que estará ocupado com outras coisas. O que a despedida dos dois sugere sobre o que passa de um escritor ao outro e o que se encerra com o mestre?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 31: NAS COLINAS DOS PARDAIS

Quando Korôviev assobia, a terra racha e um carvalho é arrancado pela raiz, e o mestre volta correndo, assustado, para dizer que se despediu. Por que o romance põe uma brincadeira violenta entre a despedida do mestre e a partida final?

Diante de Moscou, o mestre sente "mágoa profunda", depois "indiferença orgulhosa" e por fim "pressentimento de paz permanente". Que caminho interior é esse, e o que ele diz sobre o que significa despedir-se de uma cidade onde se sofreu?

SEGUNDA PARTE, CAPÍTULO 32: PERDÃO E REFÚGIO ETERNO

Woland diz que, "Caso seja verdade que a covardia é o pior defeito", o cachorro de Pilatos não é culpado. O que essa frase absolve, e o que deixa sem absolver?

O mestre recebe uma casa sob parreiras, com música de Schubert à noite e penas de ganso para escrever. Por que o romance imagina o descanso dele de forma tão concreta e doméstica, e isso é prêmio ou limite?

EPÍLOGO

A investigação oficial atribui tudo a hipnotizadores e ventríloquos, e a cidade mata gatos pretos por suspeita de bruxaria. Que explicação a sociedade escolhe para não admitir o inexplicável, e como o epílogo a retrata?

Aloisi Mogarytch, o vizinho que denunciou o mestre para ficar com o apartamento dele, acaba no cargo de diretor financeiro do Teatro de Variedades, que Rímski recusou. O que esse destino diz sobre o que o romance pensa dos delatores e da justiça, e é ironia, castigo ou outra coisa?

PRIMEIRA PARTE, CAPS. 1-5 - A CHEGADA DE WOLAND E A MORTE DE BERLIOZ

- Berlioz nega a existência de Jesus com erudição histórica, e é derrubado por uma profecia banal (óleo de cozinha, um bonde). Por que o romance escolhe um mecanismo tão pequeno para vencer um argumento tão grande?
- Yeshua diz a Pilatos que não existem pessoas maldosas, nem mesmo Marcos Mata-ratos, que o espancou minutos antes. É ingenuidade, método ou a única forma de manter alguma liberdade diante de quem decide sua morte?
- Pilatos formula sozinho a absolvição de Yeshua e não a executa. O que pesa mais na cena, o medo da acusação de traição a César, ou a covardia de que o próprio Yeshua o acusa (cabeça doendo, "pensa na morte")?
- Ninguém acredita em Ivan quando ele diz a verdade sobre a morte de Berlioz, e o preço de insistir é o hospital psiquiátrico. Que outras cenas do romance repetem essa mesma estrutura, verdade dita e verdade internada?

PRIMEIRA PARTE, CAPS. 13-18 - SURGE O HERÓI E A EXECUÇÃO

- O mestre queima o romance, mas não a própria memória dele: consegue recitar o livro de cabeça mais tarde na obra. O que a queima realmente destruiu, se não o texto?

- Nikanor admite no interrogatório o suborno em rublos e nega, acordado e em sonho, a moeda estrangeira (ver **O dinheiro estrangeiro**), enquanto outros espectadores do sonho, como Kanávkín, confessam. Por que o romance escolhe justamente o sonho, e não o interrogatório real, como o lugar onde a verdade dos moscovitas aparece sem disfarce?
- Rímski e Poplavski reagem ao sobrenatural do mesmo jeito, fugindo para pegar o primeiro trem. O que diferencia moralmente o medo de um do cálculo do outro?

PRIMEIRA PARTE, CAPS. 6-12 - O APARTAMENTO SINISTRO E A MAGIA NEGRA

- Stravinski (ver **A clínica de Stravinski**) nunca discute com Ivan se o consultor existe. Ele mede a distância entre o comportamento de Ivan e o de "um homem normal", e é essa distância, não a verdade da história, que decide se ele fica internado. Que tipo de verdade sobrevive a esse teste, e que tipo não sobrevive?
- Woland absolve a plateia dizendo que o "problema habitacional" corrompeu gente que, no fundo, é como qualquer outra. É um veredito generoso ou é o mais cínico de todos, por tirar de cada um a responsabilidade pelo que acabou de fazer no teatro?
- Quando a voz que julga o "novo" Ivan soa igual à do consultor, o texto sugere que o auto-exame mais duro que Ivan faz de si mesmo já não é inteiramente dele. Até que ponto reconhecer a própria mediocridade (como Riúkhin faz no capítulo VI) é liberdade, e até que ponto é só um espírito estranho falando por dentro?

SEGUNDA PARTE, CAPS. 19-24 - MARGARIDA, O VOO E O BAILE DE SATANÁS

- Margarida aceita o convite de **Azazello** sem saber o preço nem o destino: decide no escuro, e só depois descobre o que assumiu. O que muda numa escolha moral feita assim, e ela ainda vale como escolha de verdade?
- **Korôviev** instrui Margarida, antes do baile, a nunca deixar transparecer desagrado por nenhum convidado, mesmo entre assassinos e traidores confessos. Até que ponto hospitalidade sem julgamento é uma virtude quando quem se recebe já foi julgado e condenado antes de chegar à porta?
- Woland diz "nunca peça nada" logo depois de Margarida recusar qualquer paga, e logo antes de ela gastar o pedido com Frida, não consigo. A frase descreve uma lei sobre o poder, ou é também um comentário sobre o próprio gesto dela, que ganha justamente por não ter pedido para si primeiro?
- "Manuscritos não ardem" é dito por quem tem poder de tornar a frase verdadeira. Fora do romance, o que sobrevive de uma obra que o próprio autor tentou destruir, e o que se perde quando ela precisa ser refeita de memória?

SEGUNDA PARTE, CAPS. 25-29 - JUDAS DE KERIOTH E O FIM DO APARTAMENTO 50

- Pilatos manda proteger Judas ao mesmo tempo em que já ordenara sua morte. O que muda, moralmente, entre condenar um crime em praça pública e executá-lo em segredo, disfarçado de vingança alheia?
- A investigação de Moscou reúne depoimentos verdadeiros, uns por uns, e ainda assim erra a explicação inteira, porque recusa a única hipótese que encaixaria todos os fatos. Que tipo de erro é esse, e onde mais ele aparece fora do romance?
- **Mateus Levi** diz que o **O mestre** não fez por merecer a luz, mas fez por merecer a tranquilidade. Que ação (ou omissão) do mestre, entre queimar o romance e desistir de defendê-lo, pesa mais

nessa conta?

SEGUNDA PARTE, CAPS. 30-32 E EPÍLOGO - PERDÃO E REFÚGIO ETERNO

- Woland devolve a decisão sobre Pilatos ao mestre, e não a Yeshua nem a si mesmo: o que muda quando quem perdoa é o autor da história, e não uma autoridade externa a ela?
- O mestre diz que sabe o romance "de cor" e por isso não precisa levá-lo consigo: uma obra que o autor pode recitar de memória ainda precisa existir fora dele?
- Ivan Nikoláievitch nunca deixa de sentir a lua (ver **A lua**) cheia, mesmo curado: o Epílogo trata isso como doença residual ou como a única parte da história de Ivan que continua verdadeira?